



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE PAU DOS FERROS-RN
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, APLICADAS E HUMANAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

PATRICIA LOURENÇO DE BESSA

Cultura da voz que constrói: territorialidade e paisagem da comunidade Pé de Serra - RN

PAU DOS FERROS/RN

2024

PATRICIA LOURENÇO DE BESSA

Cultura da voz que constrói: territorialidade e paisagem da comunidade Pé de Serra - RN

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Damião Esdras Araujo Arraes.

PAU DOS FERROS/ RN

2024

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

L557c Lourenço de Bessa, Patricia.
Cultura da voz que constrói: Territorialidade e
paisagem da comunidade Pé de Serra - RN /
Patricia Lourenço de Bessa. - 2024.
137 f. : il.

Orientador: Damião Esdras Araujo Arraes.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Arquitetura e
Urbanismo, 2024.

1. territorialidades. 2. arquitetura. 3.
paisagem. 4. memória dos sertões. 5.
decolonialidade. I. Araujo Arraes, Damião Esdras
, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Biblioteca Campus Pau dos Ferros
Bibliotecária: Erlanda Maria Lopes da
Silva CRB: 15/966

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

PATRICIA LOURENÇO DE BESSA

Cultura da voz que constrói: territorialidade e paisagem da comunidade Pé de Serra -RN

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Defendida em: 27/ 03/2025

BANCA EXAMINADORA

Damião Esdras Araujo Arraes, Prof. Dr. (UFERSA)
Presidente

Renata Maria de Almeida Martins, Profa. Dra. (FAU USP)
Examinadora externa

Anna Cristina Andrade Ferreira, Profa. Dra. (UFERSA)
Examinadora interna

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, à minha fé na espiritualidade e aos orixás, aos representantes do terreiro de umbanda e às igrejas católicas da minha cidade, a Chico Xavier, o modelo de ser humano ideal, quanto valores e riquezas imateriais, que via a vida pela perspectiva de coletividade apoiando causas sociais.

À todas as benzedeiras da região do Nordeste, especialmente ao rezador José Belé, pioneiro dessa prática na comunidade de Pé de Serra, além de reverenciar os meus artistas locais severianenses, ou seja, os cordelistas, repentistas, e os contadores de histórias desse lugar.

Amorosamente, dedico o meu trabalho de conclusão de curso a todos os meus alunos de pesquisa e mentoria acadêmica, que me inspiram com seus trabalhos científicos de diversas áreas, e espero que esse também seja uma excelente referência de pesquisa para vocês.

Com amor, Patricia.

Em memória de Carlos, “Recalculei a rota Drummond, não há somente pedras pelo meu caminho. Hoje, em minhas pausas tropeço nas flores, viajando sem sair do lugar (Lourenço de Bessa, 2024).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e à espiritualidade que pude estudar e conhecer até o presente, aos orixás, pais de santo e todas as minhas entidades da umbanda, aos meus mentores espirituais, especialmente a Chico Xavier, pela proteção e por me auxiliar em cada passo até o meu objetivo, mediante intermédio da religião que nos ensinou a seguir “a caridade”. Quero agradecer também à minha família, meus irmãos José e Walison, meus pais, Nilde e Zezinho, pelo apoio diário e amor incondicional, que me inspiram.

Dessa forma, sou grata ao divino pelo privilégio de poder crescer em meio a arte e costumes culturais dos territórios de Pé de Serra, que marcaram minha infância e estão comigo até hoje em minha memória. Ao povo da comunidade, pelos valores, acesso à cultura popular desde criança e por me fazerem querida perante a formação de meu caráter que foi moldado dentro dessa serra.

Além disso, sou imensamente agradecida a todos as pessoas do meu convívio que me contavam suas histórias nas “bocas de noites” e ainda me fascinam; por isso, usei minha alma frente e verso para produzir esse documento para vocês. Gostaria de agradecer, também, a todos os meus professores desde o ensino primário até a faculdade, sobretudo, aqueles que percebiam minha paixão pelas histórias das artes e de alguma forma me motivaram durante minha trajetória de estudante.

Por fim, principalmente ao meu orientador de trabalho final, Dr. Damião Esdras Araujo Arraes, pelo apoio e pela gentileza de compartilhar seus conhecimentos comigo nesse trabalho tão significativo para os estudos sobre decolonialidade, em prol de todos os povos silenciados que não puderam contar suas próprias histórias. Em geral, a todos aqueles que contribuíram de alguma forma para a realização dessa pesquisa. Muito obrigada de coração!

ÉPIGRAFE

“Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade”.

Manoel de Barros

RESUMO

Este trabalho investiga as territorialidades da comunidade Sítio Pé de Serra, em Doutor Severiano – RN. Por meio desta pesquisa torna-se claro que territorializar um lugar é torná-lo parte de quem você é, refletindo modos de vida, conexão com a natureza e as relações sociais, políticas e econômicas dos diferentes povos que vivem em comunidade. Nessa direção, o objetivo principal é produzir um estudo teórico sobre o papel da cultura na formação do território, do lugar, da arquitetura residencial e das paisagens do “rezar, cantar e recitar” da comunidade Pé de Serra. Vale reforçar que o foco é interdisciplinar, no qual a arquitetura e o urbanismo dialogam com a história, antropologia e geografia humana. A ideia é verificar como a memória e a cultura da voz ressignificam e entrelaçam no corpo a poética do território e paisagens, tendo como base a materialidade espacial e as práticas da cultura imaterial exercidas no lugar. Destacam-se as abordagens de Martins (2021), Santos (2002-2007), Haesbaert (2017), Bosi (2003), Arraes (2017-2024), Goulart (2017), Brasil (1988), Winter (2007), Lynch (1960), Del Rio (1990) e Cullen (1961). Somam-se os fundamentos dos estudos decoloniais levados a cabo por Sousa Santos (2007) e Rollet (2024). Como métodos para o processo de rememoração do povo de Pé de Serra, foram produzidos mapas temáticos reforçando os costumes culturais, levantamentos fotográficos da paisagem e elaboração de layouts das residências dos moradores, além de pesquisas bibliográficas. Trata-se, assim, de abordagem qualitativa, de caráter exploratória, descritiva e explicativa. Como um livreto de cordel, simples e encantador, essa pesquisa devolve a história de territórios e paisagens para o povo, baseando-se no pensamento decolonial/contracolonial que respeita todas as formas de conhecimento.

Palavras-chave: territorialidades; arquitetura; paisagem; memória dos sertões; decolonialidade.

ABSTRACT

This work investigates the territorialities of the Sítio Pé de Serra community, in Doutor Severiano – RN. Through this research it becomes clear that territorializing a place means making it part of who you are, reflecting ways of life, connection with nature and the social, political and economic relationships of the different people who live in a community. In this direction, the main objective is to produce a theoretical study on the role of culture in the formation of the territory, place, residential architecture and landscapes of “praying, singing and reciting” of the Pé de Serra community. It is worth emphasizing that the focus is interdisciplinary, in which architecture and urbanism dialogue with history, anthropology and human geography. The idea is to verify how its residents, their stories and memories give new meaning and intertwine in the body the poetics of the territory and landscapes, based on spatial materiality and the practices of immaterial culture exercised in the place. The approaches of Martins (2021), Santos (2002-2007), Haesbaert (2017), Bosi (2003), Arraes (2017-2024), Goulart (2017), Brasil (1988), Winter (2007), Lynch (1960), Del Rio (1990) and Cullen (1961) stand out. It adds the foundations of decolonial studies carried out by Sousa Santos (2007) and Rollot (2024). As methods for the remembrance process of the people of Pé de Serra, thematic maps were produced reinforcing cultural customs, photographic surveys of the landscape and preparation of layouts of residents' homes, in addition to bibliographical research. It is, therefore, a qualitative approach, exploratory, descriptive and explanatory in nature. Like a simple and charming cordel booklet, this research returns the people's history to the people themselves who have the opportunity to tell it for the first time, based on decolonial and countercolonial thinking that rescues and respects all cultures and peoples.

Keywords: territorialities; architecture; landscape; memory of the backlands; decoloniality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Percurso metodológico	30
Figura 2 - Imagem aérea da comunidade de Pé de Serra.....	31
Figura 3 - Imagem aérea da comunidade de Pé de Serra.....	31
Figura 4 - Imagem aérea da comunidade de Pé de Serra.....	31
Figura 5 - Imagem aérea da comunidade de Pé de Serra.....	31
Figura 6 - Imagem aérea da comunidade de Pé de Serra.....	31
Figura 7 - Imagem aérea da comunidade de Pé de Serra.....	31
Figura 8 - Folhetos de cordéis.	38
Figura 9 - Cantadores do Pajeú.....	39
Figura 10 - Cidade de Doutor Severiano (1970)	45
Figura 11 - Cidade de Doutor Severiano (1980).....	45
Figura 12 - Cidade de Doutor Severiano (2018).....	46
Figura 13 - Linha do tempo, contendo os principais acontecimentos da cidade de Doutor Severiano	47
Figura 14 - Parede do açude de Pé de Serra	49
Figura 15 - Pedregal do açude.....	49
Figura 16 - Açude da comunidade.....	50
Figura 17 - Parede do açude da comunidade.....	50
Figura 18 - Pé de serra central.....	51
Figura 19- Alto do Pé de Serra.....	51
Figura 20 - Pé de serra de baixo.....	51
Figura 21 - Primeira casa setor "cima".....	51
Figura 22 - Setor - Ribeiros.....	51
Figura 23 - Casa de Cicero Ribeiro.....	51
Figura 24- Fachada principal da escola	52
Figura 25 - Perspectiva da escola	52
Figura 26 - Capela de São José.....	53
Figura 27 - Capela de São José e seu entorno	53
Figura 28 - Setor do meio de Pé de Serra com a presença marcante da capela de São José.....	53
Figura 29 - Linha do tempo, contendo os principais aconteciemntos comunidade.....	54
Figura 30 - Confeções das roupas.....	57

Figura 31 - Ornamentação da festa.....	57
Figura 32 - Decoração da festa	58
Figura 33 - Decoração da festa - Arraiá da tia Marizô.....	58
Figura 34- A festa junina da comunidade que acontece na frente da capela.....	58
Figura 35- Arte da festa de São José (2025) da comunidade de Pé Serra.....	59
Figura 36 - Andor de São José em frente a capela	60
Figura 37 - Reza de mau olhado.....	61
Figura 38 - Andor de nossa senhora das Graças.....	61
Figura 39 - Oratórios.....	61
Figura 40 - Canção - Casa amarela.....	64
Figura 41 - Casa da comunidade de Pé de Serra.....	64
Figura 42- Amostra "Movimento Armorial 50 anos", apresenta obras de Ariano Suassuna, enquanto artista plástico.....	66
Figura 43- Xilogravura - Capa do folheto Ilustrada por Stênio Diniz e publicada em 1977 pela Tipografia São Francisco.....	67
Figura 44- Cordel - Um passeio pelos sítios.....	68
Figura 45 - Marcos da comunidade, escola (1), igreja (2), casa de taipa (3) e o cruzeiro de Frei Damião (4)	71
Figura 46 - Croqui 01.....	72
Figura 47- Croqui 02.....	72
Figura 48 - Croqui 03.....	72
Figura 49 - Croqui 04.....	73
Figura 50 - Croqui 05.....	73
Figura 51 - Cruzeiro de Frei Damião na comunidade.....	74
Figura 52 - Setor "alto" do Pé de Serra.....	75
Figura 53 - Extensão do setor alto do Pé de Serra.....	75
Figura 54 - Paisagem do "alto" do Pé de Serra.....	76
Figura 55 - Alto do Pé de Serra.....	76
Figura 56 - Casa do alto do Pé de Serra.....	77
Figura 57 - Vista para o taiado do alto do Pé de Serra.....	77
Figura 58 - Vista da comunidade de Pé de Serra.....	78
Figura 59 - Casa construída levando em consideração a topografia do lugar.....	78
Figura 60 - Setor do "meio" do Pé de Serra.....	79
Figura 61 - Setor do meio (comunidade).....	79

Figura 62 - Casa do setor do meio da comunidade.....	80
Figura 63 - Antiga escola da comunidade.....	80
Figura 64 - Vista da antiga escola da comunidade de Pé de Serra.....	81
Figura 65 - Setor de "baixo" do Pé de Serra.....	81
Figura 66 - Arquitetura da casa do setor de baixo.....	82
Figura 67 - Setor de baixo.....	82
Figura 68 - Paisagem natural do setor de baixo	83
Figura 69 - Caminhos do setor de baixo.....	83
Figura 70 - Casa amarela do setor de baixo.....	84
Figura 71 - Casas do setor de baixo do Pé de Serra.....	84
Figura 72 - últimas casas do setor de "baixo" do Pé de Serra.....	85
Figura 73 - Paisagem da comunidade.....	85
Figura 74 - Vista do campo de futebol da comunidade.....	86
Figura 75 - Vista do açude da comunidade e seu entorno.....	86
Figura 76 - Amostra das residências de alguns desses artistas que foram mapeadas.....	87
Figura 77 - Área onde eram feitas as caeiras, marcada com uma árvore central.....	88
Figura 78- Caieira de tijolo maciço cozido.....	89
Figura 79 - Casa de JR com tijolo de caieira.....	90
Figura 80- Casa Grande de LR em Pé de Serra.....	90
Figura 81 - Casarão de MN.....	90
Figura 82 - Casa da moradora MP.....	90
Figura 83 - Uma das casas de taipa mais antigas do sítio.....	91
Figura 84 - Casa de taipa feita por moradores.....	91
Figura 85- Móveis- Cozinha.....	91
Figura 86 - Pote de água no barro.....	91
Figura 87 - Altar dentro da residência de moradora.....	92
Figura 88 - Altar de mãe Rainha de Canindé (CE).....	92
Figura 89- Quadro de Frei Damião de devotos.....	93
Figura 90 - Casarão de morador ADZ.....	93
Figura 91- Casa do morador AD.....	93
Figura 92 - Layout da residência da benzedeira.....	94
Figura 93 - Layout da residência da benzedeira.....	95
Figura 94 - Layout da residência do repentista.....	96
Figura 95 - Layout da residência do cordelista.....	97

Figura 96- Layout das residências com o elemento arquitetônico (Alpendre) que se repete.....	98
Figura 97- Serra "Taiado".....	100
Figura 98 - Memorial paisagístico. O verde do quintal de Pé de Serra.....	101
Figura 99 - Armazém da casa de moradora.....	102
Figura 100 - Estábulo de moradora.....	102
Figura 101 - Estábulo de moradora.....	102
Figura 102 - Paisagem sertaneja do Pé de Serra.....	102
Figura 103 - Aspectos naturais do Pé de Serra.....	103
Figura 104 - Poética da paisagem do Pé de Serra.....	103
Figura 105 - Casas e plantas da comunidade.....	103
Figura 106 - Caminhos do Pé de Serra.....	103
Figura 107- Açude de Pé de Serra.....	105
Figura 108 - Decoração da festa de São José em frente a capela.....	105
Figura 109 - Canafístula.....	105
Figura 110 - Paisagem da capela da comunidade.....	105
Figura 111- Hortas da comunidade dos moradores de Pé de Serra.....	116
Figura 112- Comunidade de Pé de Serra nos anos de 2004, 2010, 2018 e 2024.....	107

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	–	Localização de Doutor Severiano até a área estudada.....	24
Mapa 2	–	Recorte espacial da área estudada.....	29
Mapa 3	–	Mapa de localização da comunidade de Pé de Serra	48
Mapa 4	–	Mapa das residências das benzedadeiras e rezadores da comunidade.....	109
Mapa 5	–	Mapa das residências dos repentistas da comunidade.....	110
Mapa 6	–	Mapa das residências dos cordelistas da comunidade.....	111
Mapa 7	–	Mapa das casas de taipa e tijolo aparente.....	112
Mapa 8	–	Mapa dos Marcos - Principais edificações da comunidade e seus usos.....	114
Mapa 9	–	Mapa de vegetações e pontos de água.....	116
Mapa 10	–	Mapa dos setores do Pé de Serra.....	117
Mapa 11	–	Mapa das hortas dos moradores da comunidade.....	118
Mapa 12	–	Mapa percurso religioso.....	119

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	–	Quadro das principais rezas da comunidade.....	66
----------	---	--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Bel	Bacharel
Dr	Doutor
Eja	Educação para jovens e adultos
Iphan	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Km	Quilômetros
QGIS	Software de sistema de informações geográficas
RN	Rio Grande do Norte
Sphan	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Unesco	Organização das nações unidas para a educação, a ciência e a cultura

LISTA DE SÍMBOLOS

@	Arroba
©	Copyright
®	Marca registrada
%	Porcentagem

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	19
2 ENTENDENDO OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	29
3 APORTE TEÓRICO.....	32
3.1 TERRITORIALIDADE, TERRITORIALIZAÇÃO E LUGAR.....	32
3.2 CULTURA POPULAR E MEMÓRIA.....	34
3.2.1 COSTUMES DO REZAR, RECITAR E CANTAR.....	37
3.3 ARQUITETURA E PAISAGEM CULTURAL.....	40
4 CULTURA DA VOZ QUE CONSTRÓI TERRITÓRIOS E PAISAGENS.....	45
4.1 CULTURA IMATERIAL.....	54
4.1.1 REZAR.....	60
4.1.2 CANTAR.....	62
4.1.3 RECITAR.....	65
4.2 OS “LUGARES” DA COMUNIDADE PÉ DE SERRA.....	70
4.3 SENSIBILIDADES PLÁSTICAS DA ARQUITETURA RESIDENCIAL DO SÍTIO PÉ DE SERRA.....	87
4.4 PAISAGEM CULTURAL DA COMUNIDADE DE PÉ DE SERRA.....	98
5 CARTOGRAFIAS DA VOZ.....	107
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
REFERÊNCIAS.....	122
APÊNDICES.....	130

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, é possível compreender diferentes contextos culturais dentro das comunidades brasileiras, que sempre elaboram formas “poéticas”¹ de contar os aspectos da vida e como aconteceu a construção do território que pertencem. Na maioria das vezes, o conhecimento que as pessoas proferem é transmitido por meio da arte e cultura presente no lugar, bem como nas suas práticas coletivas de construir territórios, na arquitetura, na paisagem e nos bens material e imaterial que se mantêm preservados sob signo da memória.

O intelectual e ativista indígena Ailton Krenak (2019), em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, afirma que o sentido de viver em sociedade diz respeito a ser capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. Em suas palavras: “Nós, seres humanos, precisamos manter vivas nossas subjetividades, nossas visões e nossas poéticas sobre a existência e também valorizar a diversidade, porque homogeneizar a humanidade é uma forma de roubar nossa alegria” (Krenak, 2019, p. 17). A poética da vida humana e suas idiossincrasias subjazem a própria ideia de pertencimento:

O pertencimento não tem nada a ver com a concepção utilitária de algumas culturas, principalmente aquelas fortemente influenciadas pelo pensamento ocidental, que o associam à ideia de pátria, de nacionalidade. Pertencer a um lugar é fazer parte dele, é ser a extensão da paisagem, do rio, da montanha. É ter seus elementos de cultura, história e tradição nesse lugar. Ou seja, em vez de você imprimir um sentido ao lugar, o lugar imprime um sentido à sua existência (idem. *ibidem*).

Conforme Milton Santos (2002, p. 07), “a cultura e territorialidade são, de certo modo, sinônimos”. A cultura, as vivências no território, a produção da arte e a história são pautadas em fatores sociais, já a territorialidade é fruto do processo de produção do espaço, ou seja, das relações estabelecidas entre o ser humano² e o seu lugar. Esse aspecto é fundamental para a elaboração de conceitos e categorias centrais a este trabalho; porém apresentadas nas especificidades sociais de comunidades (rurais e urbanas) do país.

Em virtude da cultura popular se situar no imaginário, num patamar abaixo da cultura “erudita”, Santos (2002, p.07), mostra também que há desafios quanto a isso, o que torna tal questão um problema, pois apenas alguns grupos sabem da potência de seus costumes e práticas sociais. Estes interferem no território por meio da memória, da história, da arte, do afeto, uma vez que, dada a vida na atual condição global de consumo, apenas alguns grupos

¹ A noção de “poético” empregada nesse trabalho se alinha à leitura firmada por Leda Maria Martins (2021), sendo a combinação harmoniosa entre corpo, oralituras (as diferentes modalidades sensíveis de expressar a voz) e território.

²Para Weber (1987), a comunidade é uma relação social, na medida em que a orientação da ação social, fundamenta-se em um sentido de solidariedade, resultado de ligações subjetivas.

valorizam seus costumes e práticas e interferem no espaço, levando em consideração os valores históricos e afetivos de sua população e causas sociais que defendem perante uma definição mais humanista de território. Por isso, a definição de território de Milton Santos é elucidativa nesse caso:

O território é o espaço físico mais a identidade, mostrando a importância da organização social para a formação do território. O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer aquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (Santos, 2002, p. 10).

Principalmente nas áreas de arquitetura e urbanismo, a fortuna crítica sobre o tema das práticas culturais populares subalternizadas, que produzem pertencimento territorial e paisagístico, ainda é esparsa. Por outro lado, os estudos recentes atrelados à perspectiva decolonial/contracolonial têm lançado luz nessas práticas e nas gentes que tecem vínculos com o lugar, desconstruindo padrões epistemológicos eurocentrados, a fim de reposicionar o saber em nível de paridade com o conhecimento científico.

Como lembra Boaventura de Sousa Santos (2022, p. 17) em sua pesquisa sobre as epistemologias do Sul: “o objetivo [...] é permitir que os grupos sociais oprimidos representem o mundo como seu e nos seus próprios termos, pois apenas desse modo serão capazes de o transformar de acordo com as suas próprias aspirações”.

De certo modo, esse comentário se sintoniza à reflexão do arquiteto suíço Mathias Rollot (2024), quando estimula a saída do pensamento unitário, proclamando a pluralidade de saberes na produção arquitetônica e urbana. A princípio, vale realizar um brevíssimo retrospecto a respeito da recente história do patrimônio no Brasil, a fim de ter as informações primordiais para o entendimento desse estudo, deixando de forma clara o significado da materialização da memória e culturas material e imaterial.

Após as décadas do início das discussões sobre a preservação cultural no Brasil, a Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, amplia a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial. Ao contrário do que havia sido determinado anteriormente na Constituição de 1934, a primeira a mencionar que a preservação dos bens de valor histórico como atribuição do Estado, e no Decreto-lei nº 25 de 1937, que institucionaliza o tombamento como instrumento de preservação. No capítulo II (“Da educação e da cultura”), em seu artigo 148, a constituição de 1934 informa que é dever da união, estados e municípios favorecer o desenvolvimento da cultura, “protegendo os objetos de interesse histórico e o patrimônio artístico do país [sic]”.

Tanto a constituição homologada na Era Vargas como o Decreto-lei nº 25 reconheciam especialmente o patrimônio material, ou seja, o conjunto de bens palpáveis classificados segundo sua natureza de caráter arqueológico, paisagístico e etnográfico, histórico, belas artes e das artes aplicadas (IPHAN, 1997). Esse primeiro momento da preservação cultural no Brasil se voltava hegemonicamente para aquilo que foi introduzido pelos colonizadores, sob um discurso de “patrimônio nacional”, eclipsando a cultura afrobrasileira e indígena, o que engendrou inúmeras críticas até e depois da década de 1970 (IPHAN, 1997).

No ano de 1936 foi criado o primeiro órgão federal voltado à preservação do patrimônio nacional- o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)-, regulamentado pelo já citado Decreto-lei 25 de 1937. No entanto, durante muito tempo os trabalhos do SPHAN centraram-se, sobretudo, na preservação de bens materiais, em detrimento da cultura imaterial. Em 1997, ocorreu um importante evento nas políticas patrimoniais do Brasil, pois foi promulgada a Carta de Fortaleza, primeiro documento nacional a tratar da temática dos saberes de diferentes grupos culturais no âmbito do Seminário Internacional Patrimônio Imaterial.

O documento, amparando-se no artigo 216 da Constituição de 1988, almejava proteger “os bens que são referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”, na medida em que “o patrimônio cultural seja abordado de maneira global, buscando valorizar as formas de produção simbólica e cognitiva” (IPHAN, 1997, p. 40).

Mediante informações coletadas nos espaços digitais do atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), os efeitos das considerações da Carta de Fortaleza ecoaram no Decreto nº. 3.551, de 4 de agosto de 2000 (que determinou o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial), na criação do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e no Inventário Nacional de Referências Culturais. Entre os anos de 2000 e 2004, o IPHAN aplicou a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais, registrando os dois primeiros bens – as panelleiras de goiabeiras e a arte kusiwa do Amapá- como patrimônios orais e imateriais do Brasil (IPHAN, 2005).

Soma-se a essas ações, a realização, em 2003, da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). As recomendações propostas pela UNESCO foram ratificadas no Brasil em 2006. Contudo, em 2004, as ações de salvaguarda da cultura imaterial passaram a ser implementadas pelo IPHAN especialmente depois da criação do

Departamento do Patrimônio Imaterial (IPHAN, 2005). Mesmo com o reconhecimento normativo e institucional, o processo legal ordenado deu-se de forma tardia. A demora pelo reconhecimento da cultura imaterial no Brasil preocupou os estudiosos da Antropologia, História, Arte e Sociologia, embora a divulgação de danças, músicas e saberes tenha ganhado um novo fôlego em escala nacional.

Nesse âmbito, como exemplos de expressão imaterial reconhecidos nacionalmente temos a capoeira, o frevo, o samba de roda, o Círio de Nazaré, a feira de Caruaru, o ofício das baianas de acarajé, o caldo-de-cana de açúcar do Ceará, as garrafinhas coloridas da praia de Tibau e a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes realizada em Areia Branca, os cantadores do Pajeú em Pernambuco e a literatura de cordel, representação poética dos territórios da região do nordeste, mais precisamente de seus sertões.

Vale salientar que, embora esses saberes e artes sejam reconhecidos até então, ainda é hegemônico no país, desde a colonização portuguesa, o enobrecimento da cultura estrangeira, fenômeno social que silencia comunidades que possuem práticas culturais centenárias dignas de relevo por sua transculturalidade. Basta evocar os cantadores do Pajeú, cujas letras musicais apresentam a confluência de saberes europeus, árabes e brasileiros. Ou a capoeira de origem Bantu que, para Janja Araujo (2023, p. 325), se constitui numa arte transnacional, “em trânsito e em meio às disputas acentuadas de narrativas, [que] busca reestruturar o seu envolvimento naquilo que lhe constitui seu etos e ontologia: movimento e transformação”.

Na obra *Descolonizar: abrindo a história do presente*, Boaventura de Sousa Santos, reflete sobre o processo de “descolonização”, uma vez que estando diante dos efeitos do patriarcado, capitalismo e colonialismo, percebeu a necessidade de dissertar acerca das diversas vertentes do pensamento pós-colonial. Conforme sublinhado pelo estudioso:

A história das ausências lida com o apagamento, o esquecimento, o silenciamento, com a identificação e a denúncia dos mecanismos implementados para desperdiçar, descartar e condenar à irrelevância ou à inexistência de uma bagagem tão imensa de experiências sociais” (Santos, 2022, p. 81).

A literatura decolonial de Souza Santos demonstra o significado que o entrelaçamento entre costumes e práticas culturais possui na produção da vida cotidiana e suas formas materiais. Portanto, é capital prestar atenção à luta que não pôs fim à dominação colonial, uma vez que ela continua devido às cicatrizes provocadas pela discriminação brutal de pessoas por raça e origem, como os africanos e indígenas.

A territorialidade³ não provém do simples fato de viver num lugar, mas da

³ O sociólogo português denominou o saber local, costumes e práticas culturais de “ecologia dos saberes”.

comunhão que com ele mantemos. O território em que vivemos é mais que um simples conjunto de objetos, mediante os quais trabalhamos, moramos, mas também um dado simbólico, sem o qual não se pode falar de territorialidade” (Santos, 2007, p. 83-84).

Ainda vinculada à reivindicação de equidade de saberes, a obra de Antônio Bispo dos Santos (2023) - *A terra dá, a terra quer* – desvela outro conceito central deste estudo pautado na *contracolonização*, definida como uma perspectiva epistemológica direcionada à “confluência” (termo caro de Bispo dos Santos) do conhecimento, pertencimento e memória de comunidades indígenas e quilombolas.

Em suas palavras: “Não tenho dúvida de que a *confluência* é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito” (Santos, 2003, p. 15). Nesse aspecto, a *contracolonização* lança luz na prática e na experiência compartilhadas. Ainda segundo o filósofo quilombola (2023), essa operação resulta em uma maneira de proteger territórios tradicionais, símbolos, significados e estilos de vida, ou seja, as formas de habitar e interagir com os demais indivíduos e com o meio ambiente.

Bispo dos Santos (2023, p. 19), a partir de sua leitura sobre o Quilombo Saco Curtume, localizado no Piauí, denuncia a “cosmofobia” - o temor do cosmos que não fundamenta o mundo urbano eurocristão monoteísta - e inicia uma batalha de denominações, debilitando as palavras dos colonizadores. Desse modo, ele sugere a *contracolonização* como um estilo de vida e pensamento que antecede a própria colonização.

Assim, considerando a história do Brasil e a ecologia dos saberes para a definição de territorialidade, este trabalho igualmente se baseia na abordagem do geógrafo Rogério Haesbaert (2017). Para ele, o território pode ser definido como o espaço construído/construtor de relações de poder, tanto no sentido mais estritamente social (político-econômico e simbólico-afetivo) quanto no sentido da interação indissociável com as chamadas forças da natureza. Para enfatizar as afirmações anteriores:

O lugar é criador de conexões, afetividades, identidades, em suma, diferenças. É como se, muito mais do que controlarmos, concretamente um espaço, primeiro, em plena interação conosco, o próprio espaço nos convocasse, a habitá-lo, convidando-nos a realizar nossa vida, pelo aprofundamento dos elos afetivos vividos, transformando-se o espaço, para nós, efetivamente, num “lugar”. E a partir daí se desdobram diferentes processos que, num neologismo, podemos denominar de “lugarização”. Na combinação com o território, alguns lugares são mais ou menos territorializados, mais ou menos capazes de nos “empoderar” (Haesbaert, 2017, p.14).

Diante dessa abordagem, esta monografia tem caráter interdisciplinar, com foco nas áreas de arquitetura e urbanismo, que dialogam com a história, antropologia, a sociologia e geografia humana, mostrando o agenciamento da cultura na produção de territorialidade e

um território específico - a comunidade de Pé de Serra, localizada na cidade de Doutor Severiano/RN, Brasil. Isso será realizado com base na leitura e estudo das técnicas construtivas e a forma da arquitetura residencial, paisagens e percepção de lugar a partir da ressignificação da memória, mapeando essa temática com enfoque na arte do **rezar (benzedeiros), cantar (repentistas) e recitar (cordelistas)**, que, por meio da voz, narram suas territorialidades produzidas ao longo dos anos e repassadas para a posteridade.

O Mapa 01 situa a comunidade Pé de Serra dentro das escalas nacional, estadual e municipal. Assim, Doutor Severiano/RN é considerada uma cidade pequena localizada no sertão do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil (Figura 01). Situa-se a 414 quilômetros da capital do estado, Natal, e pertence à rede urbana interiorizada no Alto Oeste potiguar, sendo sua população estimada de aproximadamente 7.044 pessoas, como aponta o Censo do IBGE de 2022 (Bessa, 2022).

Mapa 01: Localização de Doutor Severiano até a comunidade de Pé de Serra



Fonte: Adaptado de Google Earth (2024)

Com base nas ideias de Benedito Lima Toledo (2004), em seu livro *São Paulo: três cidades em um século*, a temática da territorialidade é vista no sentido de pertencimento que o povo imprime ao lugar no curso da história capaz de construir e preservar a subjetividade (afeto, memória) e a materialidade. Nesse sentido, é oportuno verificar como a reza, o cordel e a cantoria elaboram territórios e percepções de paisagens. A partir da cultura das rezas com ramos de uma benzedeira desdobram-se paisagens que merecem conhecimento e respeito; paisagens também são (re)criadas nas inspirações para projetar a morada com técnicas construtivas locais descritas por artistas que cantam e proclamam.

Segundo Beatriz Goulart, em uma entrevista para Renata Meirelles e o documentarista David Reeks (2017), a forma de se vincular mais rápido a um território é brincando. Esse comentário foi feito pela urbanista para abordar a temática do lúdico, o que pode ser compreendido como um convite para assistir ao filme “Território do Brincar”, baseado no

projeto de pesquisa homônimo, cujo foco são crianças indígenas, ribeirinhas, quilombolas e pobres que vivem em comunidades, e interação, de forma poética, com o território, relacionando-se intimamente com a paisagem e criando suas primeiras conexões com o seu lugar (Goulart, entrevista realizada em 05/10/2017)⁴.

Parafraseando Goulart e Reeks (05/10/2017), torna-se importante frisar que, as vivências, desde às brincadeiras de infância até a vida adulta, influenciam como o ser humano está vinculado ao lugar, se enraíza no território e guarda memórias que contam suas histórias e falam da sua cultura. Ao sintonizar a categoria “lúdico” aos atos de cantar, escrever e recitar poesias, observa-se que são dimensões criativas de território, lugar e paisagem.

Mas, o que significa a comunidade *Pé de Serra* para a autora deste trabalho, que é sua moradora? “sua casa no mundo”, assim como para os outros moradores, inclusive aqueles que já partiram. Por isso, este estudo está enraizado de sentimento, como um diário, porém (im)pessoal. Neste lugar, ela aprendeu a poesia apenas observando as rimas e métricas presentes na linguagem dos artistas. O convívio com a arte, desdobrou-se em literatura de cordel que produziu em memória da comunidade onde cresceu. Ainda participa de maneira ativa nos eventos culturais da região que o Pé de Serra mantém de forma tradicional. Além de experienciar as benzedeadas de sua família rezar e curar pessoas doentes com a fé que possuem.

Destarte, espera-se alinhar o conhecimento científico oriundo do curso de Arquitetura e Urbanismo e outros campos do saber com o conhecimento popular cultivados nesse território para ajudar, no tempo presente, a divulgação de contar as territorialidades do Pé de Serra por meio das poéticas do lugar, paisagem e arquitetura. Dessa maneira, enaltece seu povo, sua arte e saberes. Vale destacar que versos de poemas autorais denotam essa identificação com o povo e lugar, como numa estrofe do cordel *Rezar, cantar e recitar no Pé de Serra*.⁵

Assim que cheguei ao mundo
Já tinha endereço marcado,
E alguns retalhos de panos
Com o meu nome bordado,
Aprendi, primeiramente falar.
Em seguida, escrever, rezar e recitar,
Para contar essa história de cima do taiado² (Lourenço de Bessa, 2024).

Diante disso, essa monografia busca iluminar as práticas culturais e saberes de Pé de

⁴ Link para acessar a entrevista com Goulart: <https://www.youtube.com/watch?v=athwsO7a8-c&t=158s>. Acesso em: 10/11/2024.

⁵ Serra que fica localizada na comunidade de Pé de Serra, e também no sítio Lagoa de Dentro.

Serra na poética do território, embora sejam desconhecidas por muitos brasileiros, cujo imaginário da identidade nacional tem subalternizado ou silenciado os agenciamentos e as ecologias dos saberes do rezar, cantar e recitar. O estudo possui teor afetivo, pois também foi elaborado para contar a história pessoal e a memória compartilhadas com minha mãe, Maria Nilde Pereira de Bessa, e minha avó, Adalgiza Pereira da Silva (Apêndice A).

Esse livro de cordel resgata costumes
De uma comunidade benzedeira da região.
Que continua com essa prática,
Passando de geração em geração.
Um desfecho que tem continuidade,
Descendo de lá e falo com propriedade.
Sou cordelista e benzedeira de coração!

No contexto atual do decolonialismo,
Vivencio essas práticas invisibilizadas.
Que resistem, pois são importantes
E precisam serem estudadas.
Na memória da construção e na construção da memória,
Sobrevivem sendo praticadas.

Sentada na sua calçada
Comecei ali a registrar.
Tudo que eu via, ouvia e sabia,
Desse misterioso lugar.
Uma energia diferente,
Que rondava aquela gente,
Com sentido, motivo e sem desgrudar.

As palavras e a fé,
Da boca profetizava.
Da sua janela com galhos de plantas,
A benzedeira rezava.
Mergulhada em orações,
Cheia de convicções,
Uma criança doente ela curava.

Comecei a pesquisar,
E entender a sua história.
Perguntei de onde vinha essa prática,
E como se deu essa trajetória.
Passando de geração para geração,
Esse patrimônio imaterial de devoção (...) (Lourenço de Bessa, Patricia, 2024).

À maneira dos povos tradicionais, busca-se divulgar essa experiência com a pesquisa e vida não somente como inspiração para livros de cordéis ou atividades científicas, mas para que interfira em outros lugares do mundo que possuam seus costumes tangíveis no território e na paisagem. E, assim, reforçar a memória pessoal e social sob particularidades culturais transmitidos pela voz que todos as sociedades possuem e merecem reconhecimento.

Nesse aspecto, o **objetivo geral** desta pesquisa é produzir um estudo teórico sobre o papel da cultura, especialmente a da voz, na formação do território, do lugar, da arquitetura e das paisagens da comunidade Pé de Serra. Vale reforçar que o foco é interdisciplinar, em

que a arquitetura e o urbanismo dialogam com a história, antropologia e geografia humana. A ideia é verificar a memória, as festas, os poemas, as rezas e o entrelaçamento do corpo ressignificam a poética do território e das paisagens, tendo como base as práticas da cultura imaterial exercidas no lugar. Nesse viés, os **objetivos específicos** são:

- Reconhecer o significado da história e da cultura da comunidade de Pé de Serra, inserida em um sertão rico de imaterialidade e expressão material, apoiando-se no pensamento decolonial/contracolonial, na memória e na história oral;
- Articular, conceitualmente, as categorias “território”, “lugar” e “paisagem” com o intuito de desconstruir conceitos e imaginários imputados aos povos subalternizados pela colonialidade do poder;
- Compreender a sensibilidade plástica da arquitetura residencial da comunidade Pé de Serra.
- Estudar a ecologia dos saberes das benzedadeiras, cordelistas e sua repercussão na produção do território.
- Divulgar o conhecimento científico necessário para que os moradores e artistas de Pé de Serra tenham, além de informações que já possuem, referencial teórico voltado a registrar suas memórias na história da arquitetura e do território, apoiando-se em fértil fortuna crítica, em fotografias e em mapas temáticos.

Essa monografia apresenta tema amplo para colaborar com o entendimento do/da leitor/a no assunto, revisando o conceito de território e lugar a partir de “dentro”, de minhas experiências/vivências como artista e moradora da comunidade. Outros capítulos abordam as ecologias dos saberes na formação do território e paisagens da comunidade de Pé de Serra. Por conseguinte, para compreender a territorialidade, as paisagens e o território estudados, mapas temáticos e fotografias produzidos ao longo da pesquisa colaboram para o entendimento dessas categorias. Por último, o esforço heurístico deste documento fica nítido nas considerações finais demonstradas e bibliografias referenciadas.

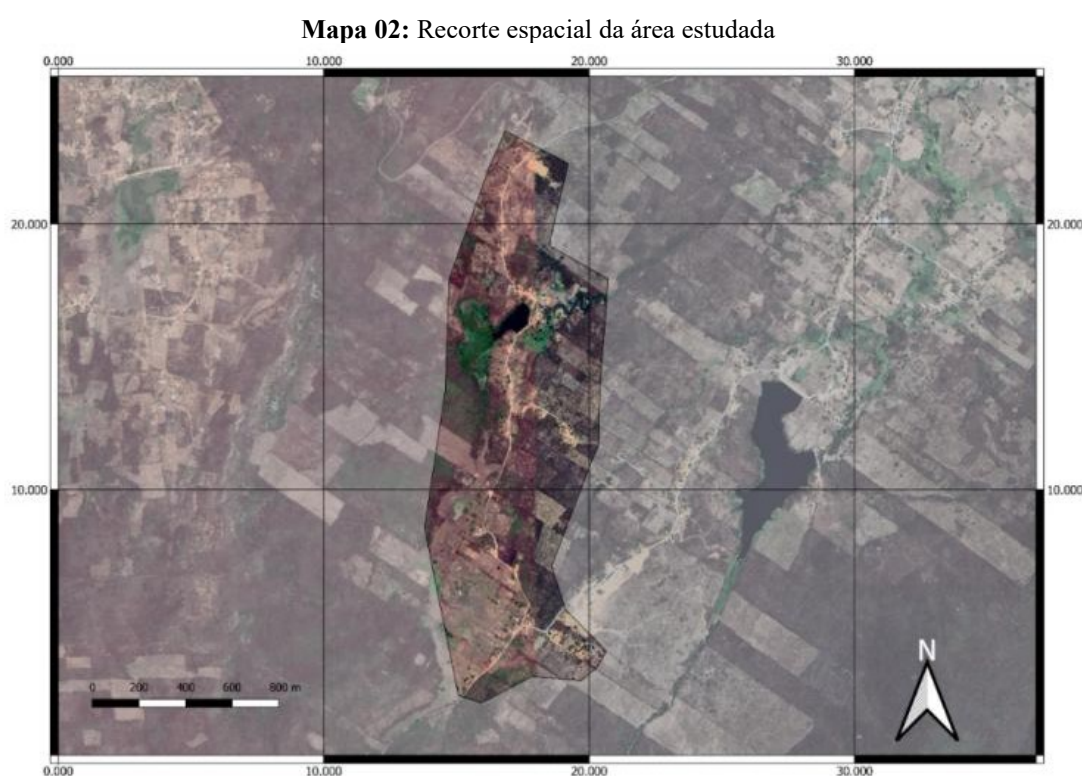
Portanto, torna-se surpreendente a forma como a história e os territórios de pessoas simples são capazes de ressemantizar a noção de território e paisagem, não apenas atrelada às questões econômicas e artísticas, mas igualmente por (re)apresentá-la como produto da vida, memória, história, saberes e corpo. Muitos moradores do Pé de Serra não tiveram a oportunidade de ir à escola, mas são capazes de transmitir conhecimento ancorado em saberes herdados de ancestralidades. Por outro lado, cotidianamente, comunicam-se com a linguagem do afeto, mantendo a oralidade do lugar de origem, e contando aspectos de suas

vidas com base na arte do rezar, cantar e recitar presente na poética do território da comunidade Pé de Serra, em sua paisagem cultural, além de diversos fenômenos sociais e culturais experienciados, e transmitidos pela memória que nunca envelhece, apesar do tempo.

2 ENTENDENDO OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

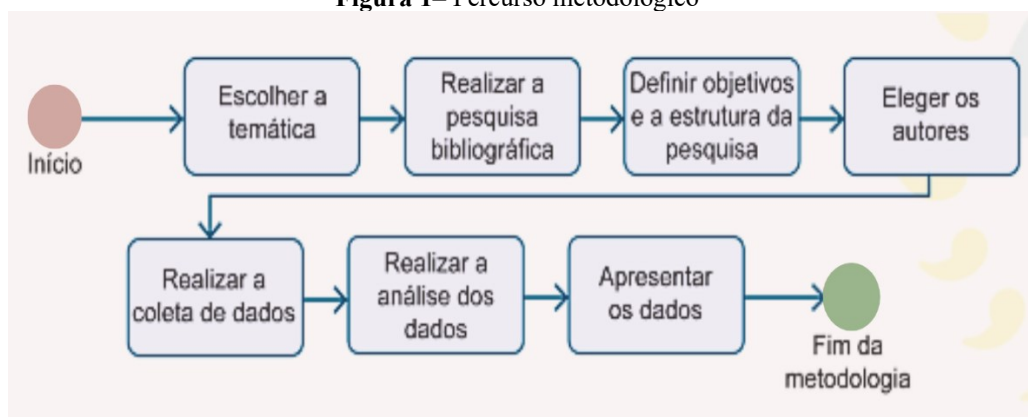
O objeto de estudo dessa pesquisa consiste na comunidade de Pé de Serra, localizada em Doutor Severiano, Rio grande do Norte/Brasil, visando entender como a cultura dos moradores produz territórios, apreendem a paisagem e como percebem o “lugar”. Além disso, esse trabalho tem como foco a arquitetura e urbanismo, mas é igualmente transdisciplinar por beber da fonte da antropologia, geografia humana e história.

O recorte espacial da comunidade ou sítio Pé de Serra possui área de 1,46 km² e perímetro de 5,46 km (Mapa 02). Esse território deve ser entendido não apenas em seu aspecto físico e geográfico, mas por meio dos bens imateriais e materiais, historicidade, arquitetura e paisagem cultural que são dimensões basilares de sua conformação (Apêndice B).



Fonte: Adaptado de Google Earth e IBGE (2024)

Desse modo, para atender aos objetivos geral e específicos propostos para o estudo dessa comunidade, há aplicação de multimétodos, pois esse estudo possui um caráter exploratório, descritivo e explicativo, com abordagem qualitativa. Esclarece, Heloisa Martins (2004, p. 289), “a pesquisa qualitativa é definida como aquela que privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais, individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise” (Apêndice D).

Figura 1– Percurso metodológico

Fonte: Adaptado de Silva (2024)

Diante desse pressuposto, os moradores de Pé de Serra recordam suas vivências e experiências no território, imprimindo memórias que influenciaram na formação do lugar. Isso será comprovado na relação complementar entre as fotografias autorais de paisagens e mapas temáticos elaborados para essa e outras interpretações coerentes com os resultados apresentados posteriormente, apoiando-se tanto no estudo das pesquisas bibliográficas quanto no plano de ação (Gil, 2002).

Inicialmente, a investigação parte da análise material de registros históricos e bibliográficos. Esse exercício envolve a busca de informações em livros, documentos, relatórios, entre outros. Para estruturar o referencial teórico da pesquisa, alguns dos principais autores utilizados foram Milton Santos (2002-2007), Sposito, (2009), Saquet e Sposito (2009), Haesbaert (2017), Rollot (2024) e Ailton Krenak (2019), que comentam sobre territórios, lugares, paisagens e memórias dos povos subalternizados.

Kevin Lynch (1960), Vicente del Rio (1990) e Gordon Cullen (1961) fornecem o embasamento técnico para a realização de mapas temáticos, que seguem metodologia cartográfica com foco principal na representação. Já Boa Ventura de Santos (2022), Peter Burke (1992), Éclea Bosi (2003), Goulart (2017), Cunha Filho (2006), Ferreira (2010), Brasil (1988), Le Goff (2003), Arraes (2017; 2022; 2024), Rafael Winter (2007), Toledo (2004) e outros refletem sobre o significado de cultura e da ecologia dos saberes na construção da memória e história, aspectos que moldam o modo de vida individual e em comunidade.

Por meio de fotografias exemplares de registros pessoais houve a seleção das edificações em que serão estudados seus espaços domésticos e as técnicas construtivas. De acordo com uma avaliação local, existem 90 residências para benzedadeiras, repentistas e cordelistas. Para esse estudo, foram desenhados 8 *layouts* de casas no programa Sketchup,

sem considerar a precisão escalar, visando mostrar como é a arquitetura da comunidade.

Figuras 2, 3 e 4 - Imagens aéreas da comunidade de Pé de Serra



Fonte: Acervo pessoal (2024)



Fonte: Acervo pessoal (2024)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figuras 5, 6 e 7 - Imagens aéreas da comunidade de Pé de Serra



Fonte: Acervo pessoal (2024)



Fonte: Acervo pessoal (2024)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

O método cartográfico empregado complementa a metodologia. Mapas temáticos serão elaborados com o intuito de entender o significado do território e a construção de territorialidades. Além do uso de bases cartográficas digitais disponíveis no *Google Earth*, as fotografias da arquitetura e da paisagem adicionam o significado da sensibilidade plástica das ações e experiências do sítio Pé de Serra. Assim, para o desenho dos nove mapas temáticos produzidos em QGIS:

A elaboração de mapas temáticos abrange as seguintes etapas: coleta de dados, análise, interpretação e representação das informações sobre um mapa base que geralmente, é extraído da carta topográfica. Os mapas temáticos são elaborados com a utilização de técnicas que objetivam a melhor visualização e comunicação, distinguindo-se essencialmente dos topográficos, por representarem fenômenos de qualquer natureza, geograficamente distribuídos sobre a superfície terrestre (Joly, 2005, p.75).

Diante o exposto, acredita-se que, aplicando esses procedimentos, a memória, a cultura e a arte estão entrelaçados nas tramas do saber fazer território e territorialidades. Esse ato trabalha com percepções, sensibilidades, memórias, técnicas construtivas, rezas, músicas, paisagem e arquitetura dos moradores.

3 APORTE TEÓRICO

O referencial teórico busca compreender o significado da cultura na construção do território e territorialidades. Essas categorias geográficas, no passado, foram associadas ao domínio do solo, por isso precisam ser revisitadas a partir perspectivas humanistas e sensíveis. Ademais, a paisagem e a arquitetura também são apontadas como fatores que expressam, material e simbolicamente, a relação entre pessoas, cultura e lugar. Nesse aspecto, esse tópico apresenta alguns conceitos centrais do trabalho, tais como territórios, territorialidade, territorialização e lugar, cultura popular e memória, a arquitetura construída sem arquitetos e paisagem cultural (Apêndice E).

3.1 TERRITORIALIDADE, TERRITORIALIZAÇÃO E LUGAR

Sabe-se que existem múltiplas definições de território, podendo este ser interpretado como um conceito híbrido. Nesse sentido, destacam-se as reflexões dos geógrafos Rogério Haesbaert (2004) e Milton Santos (1996). Desse modo, esse estudo se circunscreve em uma análise sociocultural, ou seja, partindo do pressuposto dos ecos da cultura na produção do território. Ainda se faz necessário mencionar que o “território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência” (Santos, 1999, p. 07).

Mediante a abordagem de Haesbaert (2009, p. 106), nota-se que “todo território tenha uma territorialidade [...], mas nem toda territorialidade, possui um território”, isto é, o território é unívoco em toda sociedade, ao contrário da territorialidade que carece essencialmente de um território. Nesse âmbito, “territórios são formas, objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado” (Santos, 1998, p. 16). Soma-se ao território e à territorialidade a noção de lugar. Santos apresenta comentários deveras luminosos a esse respeito:

O lugar é a oportunidade do evento. E este, ao se tornar espaço, ainda que não perca suas marcas de origem, ganha características locais. É como se a flecha do tempo se en-tornasse no contato com o lugar. O evento é, ao mesmo tempo, deformante deformado. Por isso fala-se na imprevisibilidade do evento, a que Ricoeur chama de autonomia, a possibilidade, no lugar, de construir uma história das ações que seja diferente do projeto dos atores hegemônicos. É esse o grande papel do lugar na produção da história, e apontá-lo é a grande tarefa dos geógrafos neste fim de século (Santos, 2005, p. 162-163).

Em relação à comunidade estudada, os dois termos são atribuídos tanto para a teoria quanto para a prática do trabalho, pois é preciso considerar a riqueza imaterial dos moradores

de Pé de Serra com o território que também será estudado de forma física e material. Nesse viés, para Milton Santos (2007, p. 83), “a territorialidade não provém do simples fato de viver num lugar, mas da comunhão que com ele mantemos. Afinal, para este autor “o território em que vivemos é mais que um simples conjunto de objetos, mediante os quais trabalhamos, moramos, mas também um dado simbólico, sem o qual não se pode falar de territorialidade” (Santos, 2007, p. 84).

Nesse sentido, a territorialidade passa a ser entendida pelos autores mencionados como uma expressão cultural, uma vez que, como afirma Eliseu Sposito, “designa a qualidade que o território ganha de acordo com sua utilização ou apreensão pelo ser humano” (Sposito, 2009, p. 11). Para reforçar essa ideia, é indispensável perceber que existe a vertente social que conforma o modo de vida das pessoas, ligando seus hábitos ao lugar de origem, sendo influenciados por fatores históricos, culturais e geográficos de cada localidade, em detrimento do tempo e espaço. (Saquet, Sposito 2009).

Marcos Saquet e Eliseu Sposito (2009), destacam que a territorialidade parte das relações sociais, cotidianas, econômicas e políticas exercidas por grupos humanos diversos. Dessa maneira, define territorialidade como processo social no espaço geográfico com diferentes territorialidades e lógicas territoriais, partindo do sentimento de pertencimento de alguém pelo seu lugar (Saquet; Sposito, 2009). A partir de ideais sociais, políticos e econômicos, o ser humano interfere no meio em que vive, em suas paisagens culturais e naturais e na construção e idealização de seus lugares de morada (Saquet; Sposito, 2009)

No que se refere ao processo de territorialização, Ailton Krenak (2019) frisa que este é definido e delimitado com base em relações de poder, embora seja premente que cada sociedade mantenha seu modo de vida particular e práticas coletivas preservadas. Esse olhar atencioso para a história dos territórios brasileiros se faz necessário, na medida em que as histórias, modos de vida e a subjetividade dos povos não foram registrados oficialmente e podem ser perdidas com o tempo. Por isso, a memória é a principal fonte de conhecimento para esse estudo e logo mais será apresentada.

Partindo desse princípio, é preciso que haja a veracidade de contar as histórias de um povo e lugar com base na realidade de suas vidas, de preferência que essas histórias sejam repassadas pela própria comunidade. Assim, é central que a territorialidade seja vista como o resultado de fatores sociais, de uma psicologia coletiva e, principalmente, da interação entre os indivíduos e suas memórias com o lugar (Albagli, 2004)

Retornando a Saquet e Sposito (2007, p. 57), eles informam que “a territorialidade é gerada por forças econômicas, políticas e culturais que efetivam o território e o processo

social, com o espaço geográfico, centrado e emanado na territorialidade cotidiana dos indivíduos, em diferentes centralidades, temporalidades e territorialidades”.

Os autores estudados mostram de que forma o território se converte em territorialidade, ou seja, na capacidade de os moradores se conectarem com o lugar, considerando tanto aspectos de sua cultura material quanto imaterial que permeiam durante os anos, passando de geração para geração. Tendo em vista esses estudos, “a territorialidade econômica é uma dimensão espacial de relações e o território é a fonte de recursos sendo incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão “territorial” do trabalho” (Haesbaert, 2007, p. 40).

Por seu turno, Rogério Haesbaert (2002) considera que o território é definido perante os contextos sociais nos quais ele está inserido. Tendo em vista a relevância desses fatores para as pessoas, essas relações sociais, práticas culturais individuais ou coletivas impulsionam também a economia local, causando uma relação entre capital e trabalho com base no território e nos recursos oferecidos.

Recapitulando o que foi apresentado até o momento com respeito às definições de territórios, territorialidade e lugar, percebe-se que essas dimensões são fruto da junção do espaço físico com particularidades da sensibilidade e das culturas material e imaterial, que envolvem a arquitetura, paisagens, subjetividades, atribuições sociais, econômicas, históricas e artísticas de uma sociedade. Essas representações são capazes de demonstrar o valor afetivo e patrimonial dos territórios.

3.2 CULTURA POPULAR E MEMÓRIA

Cada povo é responsável por construir seu modo de vida que, de fato, tem significações múltiplas de afetividade, valores históricos e sociais. Essa maneira de agir pode não fazer sentido para outros grupos. Contudo, é na vida cotidiana que são arquitetadas essas ações constitutivas do território, do lugar e da territorialidade. Nesse sentido, “cada lugar é, assim, a cada instante, objeto de um processo de desvalorização e revalorização, onde as exigências de natureza global têm papel fundamental” (Santos, 2002, p. 225).

Por meio do tempo, o valor patrimonial vai se confirmando nas manifestações culturais, materiais e imateriais, que vão se entrecruzando com a história da comunidade. É onde os indivíduos encontram a sustentação e justificação para a construção do futuro, pois a geração atual constitui uma necessidade de preservar a memória coletiva a partir de um sentimento de dever para com as gerações futuras. Compreendendo que o patrimônio cultural tem a sua base de percepção através do tempo (Cunha Filho, 2006, p. 22).

Para Cunha Filho (2006), a manutenção da memória garante a perenidade para as

gerações futuras. A memória não será perdida com a contingência da história, pois será representada em manifestações culturais tanto com valor imaterial quanto material de seus patrimônios históricos e artísticos, com a compreensão de que o patrimônio cultural tem a sua base de percepção através do tempo.

É evidente que em uma comunidade há um pequeno número de pessoas que estão associadas tanto às manifestações artísticas como aos demais aspectos da vida social, seja a uma participação de todos na execução de um conto ou dança, seja a intervenção de um número maior de artistas, seja a uma tal conformidade do artista aos padrões e expectativas, que mal chega a se distinguir (Bosi, 2003).

Com isso, é preciso valorizar cada vez mais essas expressões do sensível que fazem parte da cultura, de suas particularidades quanto ao fato de criar, construir e transformar a paisagem do seu lugar para que não caia no esquecimento. Nessa direção, é relevante a ponderação do historiador Peter Burke: “O tema de uma cultura em desaparecimento, que deve ser registrada antes que seja tarde demais, é recorrente nos textos, fazendo com que eles lembrem a preocupação atual com as sociedades tribais em extinção” (Burke, 1992, p. 41).

Ao longo dos anos, o conceito de patrimônio cultural no Brasil foi tendo sua definição ampliada, chegando à apresentada pela Constituição Federal de 1988. Além da preservação do patrimônio arquitetônico, a carta magna brasileira reconhece proteção e disseminação da cultura popular, abrangendo também os bens imateriais que devem ser protegidos pelos órgãos de proteção (Ferreira, 2010).

Artigos da constituição mencionam a relevância do intangível para a construção do ideal de nação:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º - O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio

cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º - Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem

§ 3º - A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e

valores culturais.

§ 4º - Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§ 5º - Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos [...] (BRASIL, 1988, p. 159).

O patrimônio cultural do país é representativo da memória nacional e da memória coletiva. Nessa perspectiva, no Brasil há uma diversificação de bens patrimoniais de natureza material e imaterial, ambos com suas significações para distintas esferas da sociedade brasileira. Esse fator é o sentido de estudos práticos e teóricos que abordam a temática cultural dentro de outras áreas, e tem como foco as culturas material e imaterial (Pelegriani; Funari, 2013).

O primeiro termo pode ser entendido como os bens que são de natureza física, palpável, e que possuem relevância para as atribuições culturais e de afetividade do povo. Por seu turno, o a cultura imaterial celebra o intangível, a riqueza cultural não palpável, pois a imaterialidade da cultura também molda a sociedade, na medida que reflete a beleza das subjetividades, de escrita, oralidade, a fé, a moralidade, a dança, a voz e modos de vida (Pelegriani; Funari, 2013).

Na visão de Maurice Halbwachs (2006), a memória coletiva compreende a recordação de um grupo sobre aspectos de suas vidas. Por isso, é preciso perpassar suas histórias e preservá-las sobretudo para as próximas gerações. Nesse sentido, o reconhecimento dos bens materiais ou imateriais pode ser associado a fatos e épocas diferentes, com base nas representações desses fatores que estão diretamente ligados a imagens, pensamentos ou sentimentos (Halbwachs, 2006).

Partindo desse pressuposto, a memória coletiva passou a ser mantida pelos povos com base na oralidade, sendo transmitida depois pela escrita, monumentos e “objetos biográficos”, como fotografias, cartas, documentos, a casa e a imprensa (Bosi, 2003). De acordo com Ecléa Bosi (2003), a memória é uma das maneiras de manter operações de vida e práticas culturais preservadas.

Ainda cabe sublinhar que, dentro de um território, há a língua cotidiana, também chamada de língua vernacular. Essa forma de linguística das palavras pode conferir um certo “mistério” para as sociedades que não a falam, porque uma diversidade de termos e definições criadas fazem sentido quando contextualizadas territorialmente, pois as palavras são empregadas mediante sotaque e semântica específicos, além da maneira que cada ser se comunica (Raffestin 1995). O geógrafo Claude Raffestin argumenta que:

Língua e território estão presentes em todas as ações coletivas e individuais igualmente: é difícil imaginar situações nas quais língua e território não sejam parte interessada de uma maneira ou de outra, nas quais seus “mediadores” não

tenham algum papel enquanto meios ou fins. Paradoxalmente, a origem da língua não é um problema linguístico e simetricamente a origem do território não é um problema geográfico. Em efeito, pode-se desconhecer a origem da língua e do território e ainda submeter essas duas produções a análises tanto precisas quanto esclarecedoras. Essa maneira de se desembaraçar do problema pode não ser elegante, mas é possível compensar essa relevância pelos recursos, justamente, no limite, pois sem delimitação não há nem língua e nem território (Raffestin, 1995, p. 90; 94).

Nesse aspecto, para a comunidade Pé de Serra, estudar os costumes intangíveis do rezar, cantar e recitar seria uma forma tanto de refletir sobre a construção do território “Pé de Serra”, como do lugar, suas formas de linguagens e das territorialidades que a ele estão submetidos.

3.2.1 COSTUMES DO REZAR, RECITAR E CANTAR

Esse subtópico permite esclarecer ideias pertinentes sobre as territorialidades que serão apresentadas no capítulo da cultura da voz que constrói. Em primeiro lugar, é importante comentar sobre o costume do “benzimento”, entender que o benzer se propaga por meio de atos, palavras e expressões corporais de mulheres interessadas em afastar os males perante os dons de cura.

Para Laplantine e Rabeyron (1989, p. 52), “benzedor(a) é o indivíduo que “trata”, “benze”, “cura”, esconjura, recorrendo essencialmente a um segredo que lhe foi legado por um parente, amigo, por meio de leitura ou aparição espiritual. Ele é, pois, um intermediário entre o homem e o sagrado, devendo conservar escrupulosamente esse ritual”. O corpo da benzedeira se converte na trança territorial conectiva entre o domínio físico do lugar e a imanência das preces, orações e contatos com a divindade. Ele guarda, portanto, saberes e técnicas milenares de elo entre a matéria e o intangível.

Normalmente, essas pessoas detêm um vasto conhecimento de orações e estão sempre fazendo preces. São devotos a santos católicos e adoram suas imagens: Jesus Cristo, Padre Cícero, Nossa Senhora Aparecida, Santa Luzia, Frei Damião, São José, São Miguel Arcanjo e entres outros configuram o panteão das principais santidades veneradas pelas benzedadeiras.

Já a temática da literatura de cordel é vasta e se divide por gêneros. São narrativas que contam aspectos da vida cotidiana como os saberes, memórias, relatos de histórias, folclore, cultura, lugares e quaisquer temas que possam soar como poema, “formando mais que uma literatura popular unicamente oral ou escrita, seus traços recíprocos os situam a meio caminho da poesia, do conto, da lenda e do mito” (Cavignac, 2006, p. 246).

Segundo Francisco Neves (2018, p 15), a literatura de cordel caracteriza-se “[...] por essa amplitude temática, trazendo como traço característico o verso, a rima, a métrica e a

oração e tendo como suporte os folhetos, o cordel foi o veículo de comunicação que levava informação, lazer, entretenimento e prática de leitura coletiva para milhares de pessoas do campo e da cidade”. O cordel impresso em folhetos, como exemplo na figura 8, inicialmente publicado e vendido pelos próprios poetas e depois por casas editoriais, como a de João Martins de Athayde, existiu em quase todo o mundo em outras épocas. Essa poesia de cunho popular chegou ao Brasil no período colonial (Cascudo, 1984).

Figura 8 - Folhetos de Cordéis



Fonte: InfoEscola (2023). Site: <https://www.infoescola.com/>

É importante citar o estudo de Josivaldo Silva (2011) referencial a este trabalho. O objetivo de sua pesquisa circunscreve a memória da cantoria de repente de São José do Egito, cidade situada no sertão do Pajeú do estado de Pernambuco (Figura 9). Silva (2011) comenta sobre dons e subjetividades na arte de cantar, por meio da qual relatam-se aspectos do lugar, memórias e histórias que vivenciaram e vivenciam. Por fim, compreendeu-se que a poesia é, para São José do Egito, com o “pão nosso de cada dia”. As pessoas desenvolvem as habilidades de rima e declamação, conhecimento estético passado de geração para geração sempre de maneira aperfeiçoada (Silva, 2011), assim como o repente e cordel para os moradores da comunidade de Pé de Serra.

Figura 9- Cantadores do Pajeú (Lourival Batista e parceiros)



Fonte: Instituto Lourival Batista/divulgação (2011)

Anda para Josivaldo Silva (2011), há um percurso teórico crítico sobre memória, oralidade e identidade, origem, contexto e o cantador importante de se considerar no estudo da cantoria de repente discutida no contexto da literatura oral. Ele busca retirar do invólucro da literatura folclórica, convencionalmente adotada como base para categorizar essa arte do repente nordestino e de outras formas artísticas culturais de um povo.

Ao integrar na cultura sua voz, corpo, cores e maneira de se relacionar, as pessoas desenvolveram seus próprios rituais e formas de pertencimento e acolhida comunitária. A presença central da oralidade reflete o processo de rememoração através da fala, que, no Brasil, é perpetuada principalmente por povos africanos e indígenas (Martins, 2021).

No artigo *Diásporas de encantados na Amazônia Bragantina*, os autores Jerônimo Silva e Agenor Pacheco (2015), baseados em exercícios etnográficos, descrevem as vivências diaspóricas de mulheres rezadeiras que, ao se mudarem do Nordeste do Brasil para a "Amazônia Bragantina", no Pará, a partir dos anos 1950, tiveram suas vidas transformadas pelo processo de iniciação com entidades da magia brasileira (Prandi, 2004 *apud* Silva; Pacheco, 2015, p.19). Essas rezadeiras, por meio de viagens noturnas a cemitérios, transfigurações, transportes físicos, vidências e peregrinações em corpos de animais, ventos e águas, revisitaram "mundos" e "tempos" antigos, interagindo com pajés e "poderosos" rezadores do Maranhão, Paraíba, Piauí e Ceará, permitindo a visualização de pessoas e encantamentos em outros caminhos de locomoção (Silva; Pacheco, 2015, p.20).

A fé na habilidade das entidades de acompanhar indivíduos com o "dom de rezar"

até o Pará, além de transitarem incessantemente por esses locais, normalizando-se (Deleuze; Guattari, 1995 *apud* Silva; Pacheco, 2015, p.20) entre o "lá" e o "aqui", é o que caracteriza o fenômeno conhecido como "diáspora dos encantados". Ainda de acordo com Silva e Pacheco (2015), a convivência com essas mulheres ensina, entre outros aspectos, a defender concepções de encontros e deslocamentos culturais que reconheçam a radical alteridade da cosmologia das ciências humanas. Mesmo quando esta se considera fielmente posicionada em pontos de partida, movimentos de deslocamento ou chegada, muitas vezes se esquece que não se trata de locais, mas de deslocamentos materiais e simbólicos (Hall, 2009 *apud* Silva; Pacheco, 2015, p.22).

Além da influência religiosa católica e de costumes dos povos quilombolas, há igualmente os povos indígenas, os quais, até recentemente, foram omitidos da historiografia da construção de conhecimento, situando os indígenas basicamente na história da construção das fronteiras do Brasil colonial. As experiências vivenciadas por indígenas nos sertões diversos constituem-se, então, em um desafio heurístico sobre a compreensão dos processos históricos que resultam nas mobilizações sociopolíticas atuais em defesa da garantia dos direitos adquiridos e na luta por novas conquistas simbólicas (Hall, 2009 *apud* Silva; Pacheco, 2015, p.22).

Segundo os estudos de Sandro Dutra e Silva (2018), é necessário pensar os indígenas que habitam os sertões na perspectiva da História Ambiental, refletindo sobre as relações entre os povos originários e as condições de vida no ambiente onde habitam. Assim, pode-se reconhecer as “sociodiversidades” indígenas e contribuir para discussões na perspectiva histórica que evidenciem as relações de poder, o acesso, a utilização e significados dos recursos naturais pelos povos indígenas (Dutra; Silva, 2018). Não é somente o parentesco direto com esses povos que mostram suas influências na cultura do Brasil, mas a forma como os seus costumes culturais impactam positivamente na construção da nacionalidade (Dutra; Silva, 2018).

Diante do exposto, os estudos supracitados constituem igualmente bases heurísticas para os estudos feitos na comunidade de Pé de Serra, pois mostram a importância de entender como a transculturalidade atravessa a construção de território, paisagens e arquiteturas.

3.3 ARQUITETURA E PAISAGEM CULTURAL

Além do intangível, que influencia na produção do território e das paisagens da comunidade Pé de Serra, há formas criativas da sociedade construir suas moradas, com base em sensibilidades e técnicas construtivas comuns no Brasil. Embora careça de

problematização conceitual aprofundada, a arquitetura chamada vernacular apresenta, em sua concepção plástica, sensibilidades pessoais e experiências cotidianas. Na concepção original do termo latino *vernaculus*, do qual se originou a palavra “vernáculo”, não há relação primeira com a arquitetura (Bisson, 2007 *apud* Arraes et al, 2024, p. 14). Segundo Marie-France Bisson (2007 *apud* Arraes et al 2024, p. 14), em meados do ano de 1857, a palavra vernacular passa a enquadrar a arquitetura. Dessa maneira, a percepção histórica do termo cria uma fronteira entre a produção erudita distinta do que é local, cotidiano e oriundo da criatividade popular (Domingues, 2011, *apud* Arraes et al, 2024).

Para Ramón Gutiérrez (1989), a arquitetura de povos das Américas se distingue da abordagem europeia, embora adquira desta parte de sua modelagem, resultando num processo de transculturação estética. Sendo assim, a espacialidade da arquitetura americana é um constante processo de hibridação, pois apresenta elementos dos povos africanos (livres e escravizados), indígenas e europeu, que lançam fecundas bases na expressão plástica, espacial e funcional, espelhando assim a nova realidade transculturada (Gutiérrez, 1989).

Existe uma notável diversidade cultural no Brasil, resultado da combinação das várias etnias existentes no país. Essa mistura cultural é perceptível por meio da diversidade populacional, estilos de vida e modalidades de arquitetura presentes em seus territórios. As principais características da arquitetura popular residem na simplicidade dos materiais e métodos empregados (Weimer, 2005).

Frequentemente, as construções classificadas como “arquitetura erudita”, produtos do trabalho da prancheta do/a arquiteto/a, são o foco principal de pesquisas e apreciação estética. A análise de arquiteturas ditas “informais”, elaboradas com base no conhecimento popular passado de geração em geração pode fornecer informações adicionais sobre o “saber fazer”, a sensibilidade plástica e o conhecimento técnico local. No entanto, as arquiteturas clássicas continuam sendo a prioridade para estudos no ambiente acadêmico (Sant’Anna, 2014). Não obstante o interesse recente de pesquisadores em estudar arquitetura popular, devido à crescente importância do conhecimento dessa arquitetura como conhecimento fundamental de conhecimento da arte brasileira, ainda persiste o desafio de elogiar deste tipo de construção em escala ampliada.

Essa situação decorre, em alguma medida, da disparidade heurística estabelecida entre a criatividade arquitetural do povo e aquela movida pela criatividade do arquiteto. Assim, conforme Márcia Sant’Anna, os conceitos de construção tradicional ou popular são vistos com preconceitos e não são dignos de serem chamados de “arquitetura” (Sant’Anna, 2014, p. 28). Nesse sentido, o “vernacular” é a expressão da complexidade criativa do

conhecimento de pessoas que não tiveram acesso à formação acadêmica e profissional. A arquitetura vernacular espalha-se por todos os cantos do mundo, com características distintas definidas pelo contexto cultural específico.

Com uma variedade de técnicas e ornamentos, a arquitetura progrediu de formas distintas ao redor do globo. A arquitetura vernacular se sobressai neste cenário como uma tecnologia de destaque. Em seu livro, *Enciclopédia da Arquitetura Vernacular Mundial*, Paul Oliver (2003, p.32) esclarece que a arquitetura vernacular é a "linguagem arquitetônica dos indivíduos, com seus dialetos étnicos, regionais e locais". Em síntese, o autor chama a atenção para a expressão sensível do vernacular como tributário das condições geográficas, sociais, estéticas e humanas de uma comunidade.

O conceito de arquitetura vernacular continua sendo um assunto de discussão, trazendo expressões como "arquitetura popular" e "arquitetura primitiva". Este último termo é polêmico e precisaria ser problematizado à luz da Antropologia, assunto que foge ao objetivo deste trabalho. No entanto, há um certo acordo sobre algumas características populares. No livro *Built to meet needs: cultural issues in vernacular architecture* (2006), Paul Oliver descreve esse conceito como:

Arquitetura que compreende as habitações e outras construções do povo, relacionadas aos seus contextos ambientais e recursos disponíveis, costumeiramente construídas por seu proprietário ou pela comunidade, utilizando tecnologias tradicionais. São formas construídas para atender às necessidades específicas, acomodar valores, economias e modos de vida das culturas que as produzem (Oliver, 2006, p.30).

No livro de Nestor Goulart Reis Filho (2014), *Quadro da arquitetura no Brasil*, é mencionado que a origem da arquitetura popular no país remonta aos povos indígenas, durante o período pré-cabralino. Dada a extensão do território brasileiro, as diversas variações climáticas e as diferentes comunidades dos povos originários leva a uma rica diversidade de costumes e culturas. A incorporação da arquitetura colonial no repertório arquitetônico brasileiro ocorre apenas em 1530 com a chegada dos portugueses ao Brasil (Reis Filho, 2014).

No entanto, a perspectiva colonial precisou ser alterada, pois o Brasil não dispunha dos mesmos recursos e materiais que a Europa. Essas alterações incluíram o conhecimento e a cultura dos trabalhadores indígenas e africanos, destacando técnicas como a cobertura de palha trançada, a taipa de pilão e o pau a pique. Aqui, tal como em outros lugares, a mudança ocorre principalmente nas residências, e ela surge da necessidade de projetar um lar para uma sociedade específica, conforme seus recursos, técnicas e tradições.

É natural supor que essas primeiras construções seriam realizadas utilizando os

materiais e recursos locais. Também é claro que os conhecimentos são transmitidos ao longo da história e circulam em geografias de latitudes variadas. As propriedades de uma arquitetura podem diferir consideravelmente, pois se trata de uma arte qualitativamente diversificada e com elementos formados com base na sua região e comunidade onde está implantada. Por isso, de acordo com a leitura do arquiteto egípcio Hassan Fathy (1980), apenas a tradição não é suficiente para classificar a arquitetura como vernacular. Outros elementos são levados em conta: contexto; cultura; circulação de ideias; adequação e ausência de arquiteto.

Além de entender o contexto histórico da arquitetura, carece experimentar cada traço, gesto e o uso que dá forma e existência ao espaço. Nesse sentido, os construtores são frequentemente vistos como “arquitetos” que criam, reformam, ornamentam, reconstroem e ampliam.

Os pressupostos teóricos e sensíveis da arquitetura se combinam com seu respeito à natureza envolvente. As técnicas de construção contribuem para a biodiversidade e a preservação dos ecossistemas locais, enquanto satisfazem as demandas culturais e sociais das comunidades (Heidegger, 2002). Esta perspectiva sustentável não apenas protege o meio ambiente, mas também conserva e ressignifica o patrimônio cultural, construindo moradias que são ecológicas, economicamente viáveis e culturalmente significativas.

Entre os conceitos fundamentais deste trabalho, como território, lugar e territorialidade, a **paisagem** é outra dimensão capital das abordagens acerca da caracterização da comunidade Pé de Serra. Embora frequentemente usado pelo senso comum e possua variações de significado em diversas línguas, o conceito de paisagem tem se mostrado um dos mais complexos e caleidoscópicos de se definir no contexto científico da modernidade (Claval, 1999).

Para entender a paisagem como uma categoria do conhecimento, é necessário também destacar o conceito de paisagem cultural e a questão que envolve seu significado. No âmbito da geografia cultural proposta pela Escola de Berkeley, Carl Sauer define a paisagem como “a interação entre o ser humano e a natureza: “a cultura é o agente, o ambiente natural é o cenário e a paisagem cultural é o resultado” (Sauer, 1925, p, 301). Em 1925, Sauer propôs a superação dessas noções dicotômicas em seu famoso trabalho intitulado *The morphology of landscape*. Soma-se a isso o fato de que ele declarava claramente, neste estudo, que a paisagem cultural e a paisagem natural são aspectos de um único objeto: a paisagem como substantivo (IPHAN, 2004). Em seus termos, a paisagem seria a...

[...] expressão formal dos numerosos relacionamentos existentes em determinado

período entre o indivíduo ou uma sociedade e um território topograficamente definidos, cuja aparência é resultado de ação ou cuidados especiais, de fatores naturais e humanos e de uma combinação de ambos. (Sauer, 1925, p. 331).

A paisagem é uma ideia integradora, "uma unidade bilateral", contendo duas dimensões. Uma é natural, isto é, o local físico, a soma de todos os recursos naturais ou o que o escritor denominou como a "primeira metade do conteúdo da paisagem", a natureza. A segunda metade da paisagem se refere aos aspectos da cultura humana, às maneiras como este substrato natural é utilizado, ou seja, a paisagem cultural.

Os objetos que existem juntos na paisagem existem em inter-relação. Nós afirmamos que eles constituem uma realidade como um todo que não é expressa por uma consideração das partes componentes separadamente, que a área tem forma, estrutura e função e daí posição em um sistema e que é sujeita a um desenvolvimento, mudança e fim (Sauer, 1998, p. 22).

Ainda sobre seu conceito, a "[...] paisagem cultural reflete as diversas temporalidades da interação dos grupos sociais com a natureza, manifestando-se, portanto, como resultado de uma construção que é social e histórica, tendo como base a natureza" (Nascimento; Scifoni, 2010, p. 32).

Embora o Comitê do Patrimônio Mundial da Unesco tenha se valido de antigas definições oriundas da geografia alemã firmada entre o século XIX e XX (Ribeiro, 2007, p. 22), a abordagem da paisagem cultural possibilita ultrapassar uma leitura segmentada entre o patrimônio natural e cultural, bem como entre o material e o imaterial, percebendo-os como uma unidade, um conjunto dinâmico e vivo. Possibilita entender as práticas culturais em sua íntima conexão com as materialidades geradas e com as formas e dinâmicas do meio ambiente. Segundo Rafael Winter Ribeiro (2007), o texto da Convenção do Patrimônio Mundial, de 1972, revela-se obsoleto devido ao conflito epistemológico entre o patrimônio natural e cultural. A tentativa de amenizar essa dualidade fundamenta as discussões acerca da definição da categoria de paisagem cultural.

Alinhando-se a esse raciocínio, a paisagem cultural da comunidade Pé de Serra resulta da viva ligação histórica de seus moradores com os ambientes natural e antrópico. Nela, estão expressos saberes, memória, sensibilidades, bem como significações afetivas, sociais, naturais e culturais que se produzem incessantemente como territorialidade. Essas sensibilidades, obviamente, evocam a tríade da “voz” ressaltada nesta monografia – “rezar”, “cantar” e “recitar”, ações estéticas que produzem territórios, territorialidades e moldam paisagens.

4 CULTURA DA VOZ QUE CONSTRÓI TERRITÓRIOS E PAISAGENS

Esse tópico foi escrito a partir de informações obtidas em pesquisa *in loco*, tendo em vista que a comunidade tem sua história contada por meio da vivência e experiência pessoais da autora na comunidade Pé de Serra. As fotografias de paisagens, arquitetura e os mapas temáticos reforçam suas constatações sobre o papel da cultura na construção de territórios e territorialidades. A comunidade ou sítio Pé de Serra está localizado na zona rural da cidade de Doutor Severiano-RN e surgiu em razão dos empenhos de Vicente Correia de Bessa. Desse modo, é preciso compreender como se deu o processo de territorialização da cidade de Doutor Severiano para adentrar no povoamento da comunidade estudada.

Em meados do século XVIII, o território do hoje município de Doutor Severiano começou a ser ocupado pelos colonos Domingos Lopes Barbalho e os irmãos Caetano de Barros Bezerra e Estevão Álvares Bezerra. Nessa ocasião, recebeu a denominação de “Mundo Novo”. Com a ocupação das terras, a economia local, cuja base era a agricultura, foi se desenvolvendo lenta e gradativamente (Prefeitura Municipal de Doutor Severiano, 2023).

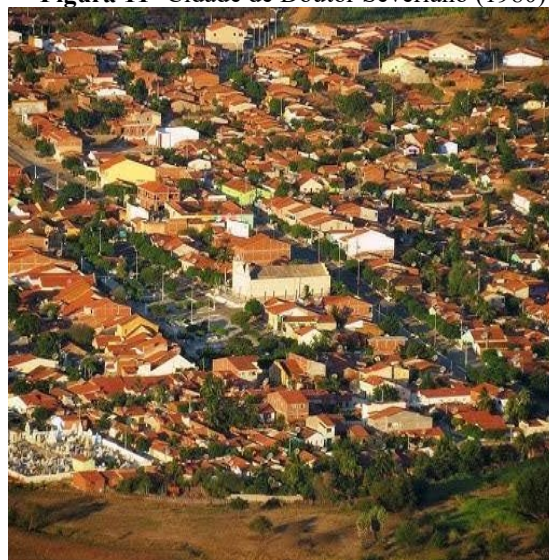
O processo de povoamento foi igualmente lento, se o compararmos com outras vilas e cidades coloniais localizadas na costa atlântica, nas regiões de mineração e nos sertões do gado. Até meados da década de 1940, não havia fora de Mundo Novo qualquer aglomerado humano que pudesse formar uma povoação (Prefeitura Municipal de Doutor Severiano, 2023).

Figura 10- Cidade de Doutor Severiano (1970)



Fonte: Prefeitura de Doutor Severiano (2023)

Figura 11- Cidade de Doutor Severiano (1980)



Fonte: Prefeitura de Doutor Severiano (2023)

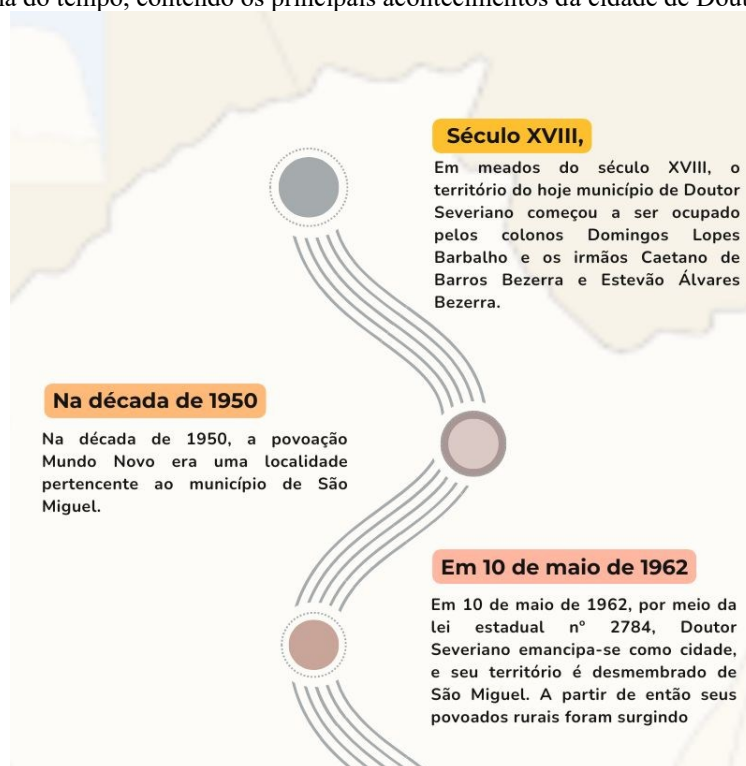
Figura 12- Cidade de Doutor Severiano (2018)



Fonte: Prefeitura Municipal de Doutor Severiano (2023)

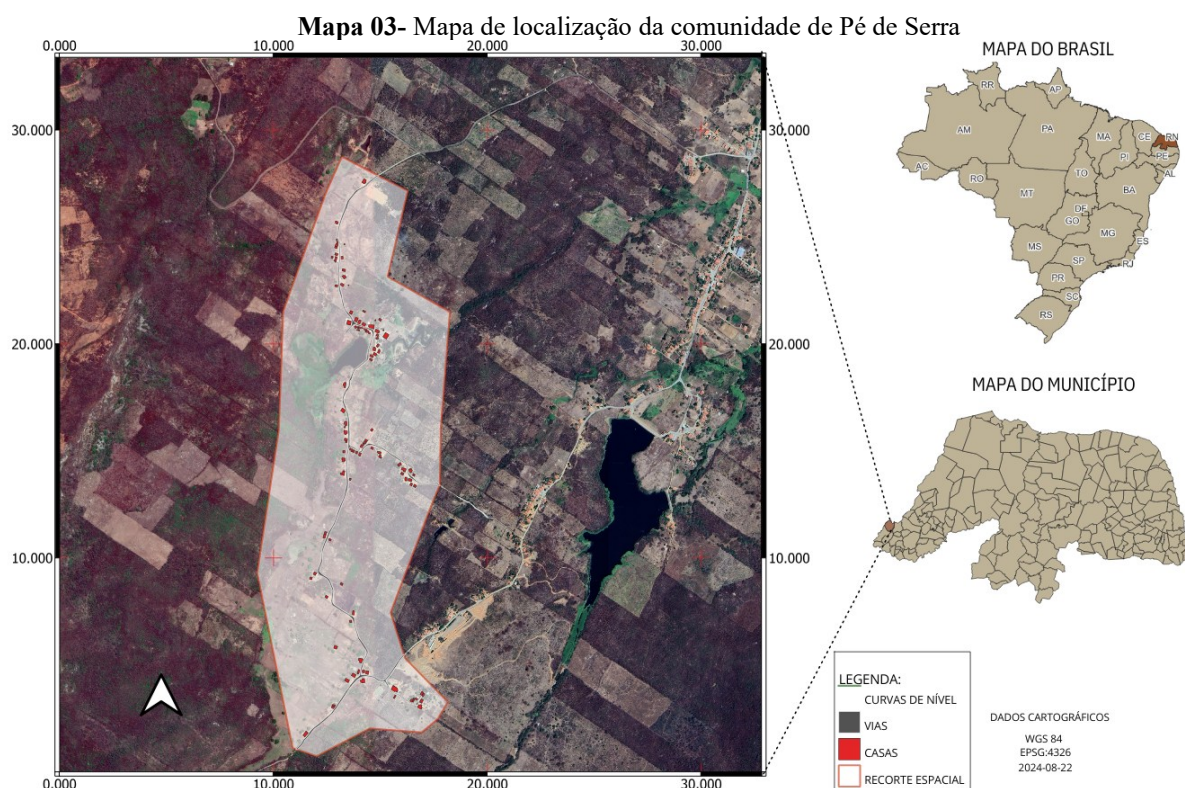
Na década de 1950, Mundo Novo era uma localidade pertencente ao município de São Miguel. Entretanto, em 1953, a localidade recebeu o *status* de distrito, o que acarretou na mudança toponímica para Doutor Severiano. Em 10 de maio de 1962, por meio da lei estadual nº 2784, Doutor Severiano emancipa-se como cidade, e seu território é desanexado do de São Miguel. A partir de então seus povoados rurais foram surgindo e crescendo (Idem).

Figura 13- Linha do tempo, contendo os principais acontecimentos da cidade de Doutor Severiano



Fonte: Acervo pessoal (2024), adaptado da prefeitura municipal de Doutor Severiano (2024)

De acordo com uma pesquisa *in loco*, a família Correia foi a primeira a habitar a localidade de Pé de Serra, que atualmente possui uma população com cerca de 200 habitantes e 90 moradas. Entretanto, algumas dessas residências, inclusive mais antigas, não possuem moradores, e por isso não foram mapeadas. Além disso, o topônimo original da comunidade - “Pé de Serra dos Correias” – é um panegírico aos primeiros ocupantes e à paisagem orográfica da região. O sítio está localizado no “pé de um morro”, ou seja, um lugar situado nas bases de um promontório escolhido para implantar as edificações.



Fonte: Autoria própria, elaborado no software QGIS (2024)

Baseando-se nas histórias de antepassados, sabe-se que, por volta dos anos de 1895 e 1900, no local onde hoje temos o açude principal de Pé de Serra havia o “pedregal” (Figura 14) e (Figura 15). Esse lugar localiza-se logo abaixo da parede do açude, sendo caracterizado por muitas pedras e existência de água. Ali, as mulheres lavavam roupas e os homens carregavam água em animais para abastecer suas casas.

De fato, o pedregal é um lugar de memória⁶, apesar de tomado pelas águas do grande açude quando trasborda no período chuvoso. Esses aspectos naturais relatados, demonstram que os primeiros habitantes escolheram esse lugar para morar, dada a existência de água e da vida que essas terras oferecem.

⁶ De acordo com a conceituação do historiador francês Pierre Nora, os lugares de memória representam suportes materiais que consolidam e protegem a memória de um grupo. São os espaços “onde a memória se cristaliza”.

Figura 14- Parede do açude de Pé de Serra

Fonte: Acervo pessoal (2025)

Figura 15- Pedregal do açude

Fonte: Acervo pessoal (2025)

O perfil dos moradores da comunidade de Pé de Serra é caracterizado pela presença marcante de mulheres, principalmente idosas benzedadeiras, senhores repentistas e jovens cordelistas, os quais, apesar do anonimato e sigilo de nomes nessa pesquisa, se destacam nas escolas do município pela criatividade e inteligência, ouvem cantoria, na brincadeira cotidiana criam versos improvisados ressignificam a poética do território por meio da cultura e da materialização da memória em sua arquitetura residencial e apreensão sensível da paisagem.

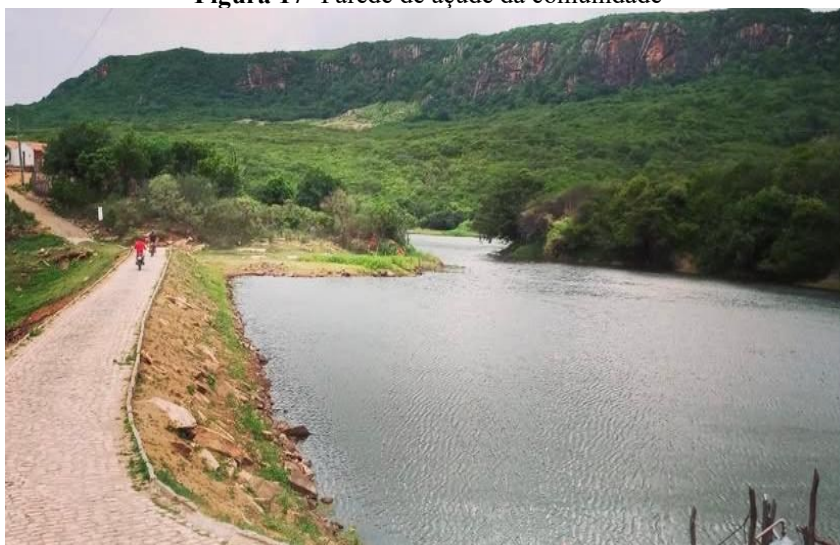
Conforme informações coletadas no site da prefeitura municipal de Doutor Severiano (2023), desde o surgimento até o tempo presente, as principais atividades econômicas da comunidade são a agricultura, a pecuária e o comércio familiar. Em termos de cultivo, plantava-se arroz, feijão e milho. Outras pessoas cultivavam algodão, sendo hoje inoperante em razão de pragas sucessivas. O Pé de Serra passou por períodos de estiagem. Em meio às adversidades da seca, a comunidade elaborava poços artesanais conhecidos com “cacimbão” e “cacimbas”. Entre 1999 e 2000, foi concluída a construção do açude, amenizando os problemas de abastecimento de água acumulados historicamente.

Figura 16- Açude da comunidade



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 17- Parede de açude da comunidade

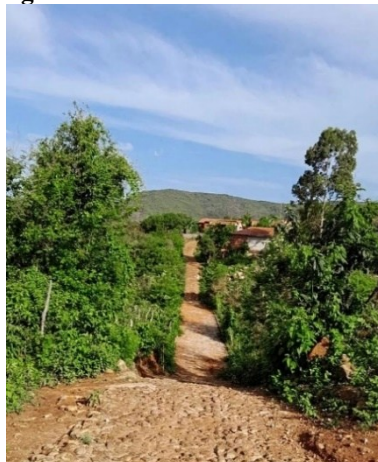


Fonte: Acervo pessoal (2024)

A infraestrutura conta com iluminação elétrica introduzida na comunidade em 1988, substituindo a iluminação de lamparina e lampião. Até 2020, o ex-prefeito, Francisco Neri de Oliveira, aprovou o projeto de pavimentação das estradas com calçamento de paralelepípedo de pedra granítica. A comunidade está dividida em cinco áreas: Pé de Serra central, Alto, Pé de Serra de baixo, Pé de Serra de cima e os Ribeiros, conforme ilustrado nas Figuras 18, 19, 20 e 21, 22 e 23.

Figura 18- Pé de Serra central

Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 19- Alto do Pé de Serra

Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 20- Pé de Serra de Baixo

Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 21- Primeira casa Setor “Cima”

Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 22- Setor – Ribeiros

Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 23: Casa de Cícero Ribeiro

Fonte: Acervo pessoal (2024)

As edificações mais importantes eram duas escolas construídas no final dos anos 1980 que, embora no ano vigente estejam fechadas, foram fundadas por Waldir Pires o prefeito que atuava nessa época. O Pé de Serra possuía a Escola Municipal Miguel Ribeiro Machado, fundada no ano de 1989, e uma outra instituição nomeada de Escola Municipal Lupicínio Correia de Bessa, fundada no ano de 1987. Outros equipamentos existiam naquela paisagem, como o posto de saúde José Ribeiro Campos construído, em 1990, na gestão do prefeito Joca Pires.

As escolas Miguel Ribeiro Campos e Lupicínio Correia foram fechadas. Por esse motivo, o sítio permaneceu sem escolas durante muito tempo. Quem quisesse estudar, precisaria se deslocar a outros distritos de Doutor Severiano-RN. Contudo, os esforços políticos e sociais de dois jovens residentes, com o apoio comunitário, possibilitaram o retorno, em 2023, de uma escola de ensino EJA (Educação para Jovens e Adultos). Essa edificação já foi o antigo posto de saúde da comunidade, mas ganhou novo uso escolar depois de passar por uma pequena reforma.

Desde sempre, os moradores se empenharam politicamente com vistas a trazer novamente o ensino para as pessoas que não puderam usufruir desse direito na infância e adolescência. Na Figura 24 e na Figura 25, observa-se a arquitetura da escola de Pé de Serra: volumetria de base retangular, telhado de telha cerâmica com duas águas, uma pequena varanda vedada com portão metálico de ornamentação variada. Trata-se de uma edificação adjunta à escola Sebastião Leite da comunidade vizinha “Sítio Merejo”.

Figura 24- Fachada principal da escola



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 25- Perspectiva da escola



Fonte: Acervo pessoal (2024)

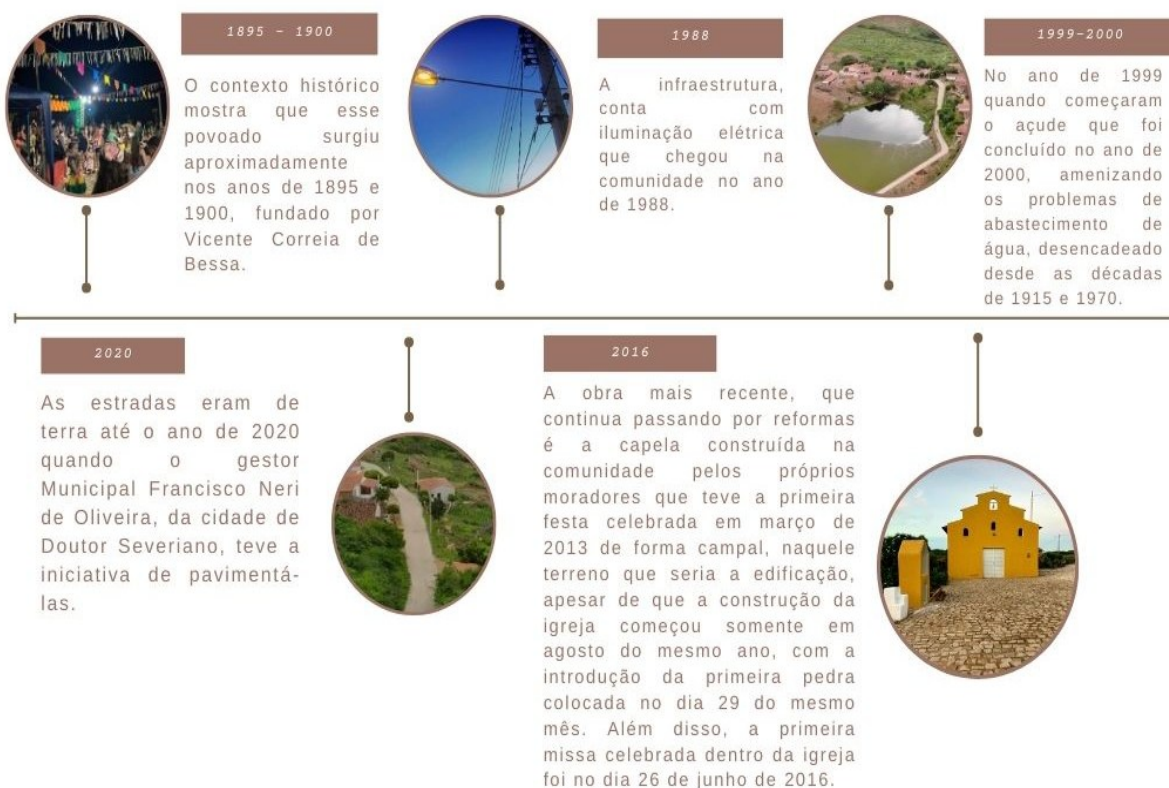
A principal fonte de acesso à informação na comunidade se dava mediante rádio e, posteriormente, televisão. O primeiro aparelho televisivo foi adquirido, em 1990. A dona do aparelho disponibilizava o uso da TV para os moradores locais, tornando o evento um momento de sociabilização. Esses registros do cotidiano são contados pelo povo que viveu tais experiências. Dado os custos da fotografia, essa mídia era utilizada em situações específicas por um pequeno número de vizinhos, mas isso não anula a transmissão da memória social, individual e paisagística de Pé de Serra. Ao contrário, a história oral se converteu num mecanismo no qual se mantém viva a cultura e as recordações.

Outro marco arquitetônico que modela a paisagem é a arquitetura sacra. A capela local, dedicada ao orago São José, é a obra mais recente e continua passando por reformas feitas pelos próprios moradores. A primeira festa foi celebrada, em março de 2013, de forma campal no terreno onde seria erguida a arquitetura sagrada. A construção de fato principiou em agosto do mesmo ano, com a introdução da pedra fundamental no dia 29 do mesmo mês. Além disso, a celebração da primeira missa ocorreu em dia 26 de junho de 2016.

Figura 26- Capela de São José**Fonte:** Acervo pessoal (2024)**Figura 27-** Capela de São José e seu entorno**Fonte:** Acervo pessoal (2024)**Figura 28-** Setor do meio de Pé de Serra com a presença marcante da capela de São José**Fonte:** Acervo pessoal (2024)

A capela de São José é produto da ação e criatividade do lugar. No frontão escalonado da fachada encontramos a torre sineira, as aberturas e a porta de entrada. Sua planta apresenta uma única nave, cujo acesso se dá pela porta principal, bem como por acessos laterais. Desde então, esse patrimônio se converteu em objeto de afeto e simbólico, pois representa a fé materializada na construção da memória. A representação abaixo (Figura 29) indica a linha do tempo do processo de povoamento e construção da paisagem do sítio, com os principais dados históricos apresentados de forma ilustrativa.

Figura 29- Linha do tempo, contendo os principais acontecimentos da comunidade



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Tais cronologias têm o intuito de mostrar brevemente que o território produzido e sua história se dão com base na percepção e memória. São indicados datas e eventos representativos da formação da comunidade de Pé de Serra. Acrescentam-se ainda as culturas imaterial e material, dimensões fundamentais à elaboração de territorialidades, paisagens e pertencimento ao lugar, temas que serão explorados em subtópicos específicos.

4.1 A CULTURA IMATERIAL

A cultura se manifesta na construção da memória, por meio da qual os moradores contam e citam costumes e práticas culturais de sociabilização como a desbulhas de milho, tertúlias, noite nas caieiras, boca de noite (momento de penumbras no qual acontecem encontros nas calçadas das casas dos moradores), experiências de chuva, linguagem própria e poética de se comunicarem, atividades nos engenhos, artesãos, artistas, poetas, teatro de bonecos, saber fazer, mitos do “taiado”⁷, reisado⁸, rezas, chás e as parteiras. Nesse aspecto, o comentário de Gramsci (1978) é oportuno:

⁷ Taiado: Nome da serra mais marcante da comunidade de Pé de Serra.

⁸ O Reisado, também chamado de Folia de Reis, é uma manifestação popular que celebra o nascimento do menino Jesus e rememora a visita dos três reis magos a Belém.

Ao lado da chamada cultura erudita, transmitida na escola e sancionada pelas instituições, existe a cultura criada pelo povo, que articula uma concepção do mundo e da vida em contraposição aos esquemas oficiais. Há nesta última, extratos fossilizados, conservadores, e até mesmo retrógrados, que refletem condições de vidas passadas, mas também formas criadoras, progressistas, que contradizem a moral dos estratos dirigentes (Gramsci 2007 apud Ferri, 1978, p. 78).

Ainda que nos países em que o discurso oficial visa ter uma noção antropológica voltada para a cultura, que representa todas as formas de interação social, de comunicação do ser humano, há uma hierarquia dos capitais culturais em que a “arte” se situa acima do “artesanato”. Nesse contexto, é notório que “nos países mais democráticos ou onde certos movimentos conseguiram incluir os saberes e práticas dos indígenas e camponeses na definição de cultura nacional, os capitais simbólicos dos grupos subalternos têm um lugar, mas um lugar subordinado, secundário, ou à margem das instituições e dos dispositivos hegemônicos” (Canclini, 1997, p. 194-195).

Dessa maneira, é importante considerar que, “a cultura popular não era [não é] monolítica nem homogênea” (Burke, 2020, p. 49). Assim, entende-se que se apresenta de forma diversificada e ampla, podendo ganhar sempre formas inovadoras inclusive em pequenas localidades. Territórios onde as pessoas partilham costumes, saberes, técnicas de construir, modos de vida e relação harmoniosa com a natureza considerada sagrada e benfeitora.

Ainda segundo dados obtidos em pesquisa, no Pé de Serra acontece o “Arraiá da tia Marizô”, festa⁹ realizada em homenagem à Maria, uma senhora de 77 conhecida carinhosamente pelas pessoas do sítio como “Marizô”. Ela tinha uma alegria contagiante e amava dançar. A essência desse evento, como de outras festas, foi por mim traduzida no seguinte cordel:

Cordel: Memória do São João de Pé de Serra.

O galo cantou bem cedo,

E o sol quebrou a barra reluzente.

Do alpendre lá de casa via o balão,

Feito a mão por nossa gente,

Para essa boca de noite de cultura e história

De um pé de serra que tem memória.

⁹ O arraiá iniciou um ano após o falecimento de Marizô.

E é um tanto diferente.
Quem nunca arroteou fogueira,
E pediu para alguém lhe apadrinhar,
Queimou bombril, jogou latinha
E perto da fogueira viu queimar
Acendeu nem que fosse uma velinha
E esperou ela queimar todinha
Só para São Pedro lhe guardar?

No forró, marizô se garantia
Era dois para lá e dois para cá,
Podia ser manhã ou pinga de a meio dia,
Ela já queria peneirar.
Saía batendo perna,
Andando pelo Pé de Serra,
Doidinha para se animar.

Em sua memória tem cordel e xote,
Quadrilha e improvisação,
Além das comidas típicas,
E os costumes dessa região
Um povo que tem história
E sabe construir memória
Mantendo viva sua tradição.

Se eu fosse me estender,
Ia amanhecer o dia.
Rimando e falando desse povo,

Que é minha inspiração e alegria.
 Estou peneirando pelo meu lugar,
 Onde brinquei, dei risada e aprendi rimar,
 Expressando tudo que aqui vivia.

Os versos são para relembrar,
 E também para dar continuação.
 Vem aí um xote dançado e desfile,
 Que fazem parte da programação,
 Que orgulho desse pé de serra,
 Um pedacinho abençoado de terra,
 Que é a casa cultural dessa geração (Lourenço de Bessa, Patricia, 2024)

A comunidade deixou de celebrar o São João em comunidades vizinhas, começando a ter sua própria festa em memória de Marizô, que batizaram como “tia” do povo de Pé de Serra¹⁰. A ornamentação do São João é feita em sua antiga casa, onde os jovens juntam retalhos de panos e produzem as artes, utensílios e objetos usados para comemorar o santo e a memória dela.

Figura 30- Confecção das roupas



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 31- Ornamentação da festa



Fonte: Acervo pessoal (2024)

¹⁰ Não há nenhum museu na comunidade, apenas a casa da moradora que se tornou um símbolo de alegria para a comunidade de Pé de Serra, que celebra o São João em casa.

Figura 32- Decoração da festa

Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 33- Decoração da festa – Casa da tia Marizô

Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 34- A festa junina da comunidade acontece na frente da capela

Fonte: Acervo pessoal (2024)

Outro marco da cultura imaterial do Pé de Serra é a festa de São José. Festeja-se o santo, entre 09 e 19 de março, na capela da comunidade. Nessa ocasião, narra-se a história do sítio, mostrando a importância do território e da territorialidade pautados na agricultura, na fé, cultura e na paisagem. As celebrações de 2025 terão como tema “A esperança não decepciona”, sendo representada na gravura elaborada por Gabriela Zanom (2025), artista natural da cidade vizinha de São Miguel-RN.

Figura 35 - Arte da festa de São José (2025) da comunidade de Pé de Serra



Fonte: Gabriela Zanom (2024)

A procissão de São José acontece sempre no último dia do festejo, com uma caminhada dos devotos pelo lugar. O trajeto inicia no lugar chamado de “Pé de Serra de Baixo” e finaliza na ermida. A procissão é evento performático em que voz, corpo, paisagem e território se entrelaçam num todo harmonioso: devotas e devotos cantam, rezam, movimentam-se e celebram a memória do lugar e a imagem do padroeiro coberto de rosas. Uma missa é rezada após procissão e, em seguida, um leilão encerra a festividade.

As operações culturais e sociais da comunidade em estudo - reuniões comunitárias, o arraiaí da tia Marizô, eventos religiosos que acontecem no curso do ano e as vivências em comunidade – se juntam à comemoração do chamado “inverno” do sertão, isto é, o período das chuvas, no qual os moradores vibram a chegada de água enviadas pelas divindades.

Esses eventos sacros, culturais e performáticos exprimem, de algum modo, a cosmovisão local que matiza as sociedades e, nestas, os sujeitos que ali se constituem. Conforme Martins (2021), nos conhecimentos culturais incorporados, saberes de várias ordens se manifestam, sejam eles de natureza filosófica, estética, técnica, entre outros; quer nos mais notáveis eventos socioculturais, quer nas mínimas e invisíveis ações do cotidiano. A identidade transparece nessas expressões corporais e simbólicas que pulsiona as pessoas, e as agrega em um grupo, comunidade e sociedade (Martins, 2021).

Essas tradições culturais da comunidade de Pé de Serra reforçam a influência da transculturalidade na formação de seu território, com o agrupamento de elementos diversos que auxiliam a construção da identidade do grupo social. Saberes indígenas, africanos e europeus se amalgamam na construção da cultura local, reelaborando sucessivamente os hábitos, atitudes e visões de mundo da sociedade local.

4.1.1 REZAR

O ato de rezar mobiliza nossa subjetividade, transmite a fé e a religiosidade humanas. No “rezar” existe a prática milenar de “benzer” e abençoar as pessoas por meio de orações e hábitos herdados historicamente e que estão na memória e nas tessituras das territorialidades de Pé de Serra.

A capela foi construída para consolidar as crenças em território santo. Ali são realizadas anualmente, no mês de março, as festas de São José, orago homenageado devido a preces feitas pelas famílias a fim de alcançar a graça da chuva que irriga a terra e propicia a plantação de milho e feijão. É comum encontramos essa tradição de rezar por chuvas em outras povoações e cidades dos sertões do Nordeste brasileiro. Conta a história oral que, se no dia 19 de março chover, haverá bom “inverno”; o contrário também se aplica.

Figura 36- Andor de São José em frente a capela



Fonte: Acervo pessoal (2024)

As reflexões de Leda Maria Martins (2021) tem sido uma das bases heurísticas desse trabalho, fonte de inspiração para as considerações sobre os fundamentos do corpo e da cultura na construção de territorialidades. Assim, como ela demonstra, em diversas

sociedades o conceito de ancestralidade é um princípio fundamental espalhado e incorporado em todas as práticas sociais.

Figura 37: Reza de mau olhado

Deus te viu, Deus te criou, Deus te livre de quem para ti com mal olhou. Em nome do pai, do Filho e do Espírito Santo a Virgem do pranto, quebrai este quebranto. Eu te benzo pelo nome que te puseram na pia, em nome de Deus e da Virgem Maria, e das três pessoas da Santíssima Trindade, eu te benzo. Deus nosso Senhor que te cura. Deus que te acuda nas tuas necessidades. Se teu mal é quebranto, mal invejado, olhos atravessados ou qualquer outra enfermidade. Se te deram no comer, no beber, no sorrir, no zombar, na tua formosura, na tua gordura, na tua postura, na tua barriga, nos teus ossos, na tua cabeça, na tua garganta, nas tuas lombrigas, nas tuas pernas.

Que Deus Nosso Senhor que há de tirar, vem um anjo do céu, deita no fundo do mar onde não ouça galinha e nem galo a cantar. Com dois puseram, com três eu tiro. Com as três pessoas da Santíssima Trindade, que tira quebranto e mau-olhado, pras ondas do mar, pra nunca mais voltar. Se estiveres com quebranto, mau olhado, feitiçaria e bruxaria, que em nome de Deus e da Virgem Maria, seja levado para as ondas do mar sagrado e lá desapareça.

Fonte: Adaptado de Rádio Vinha de Luz (2019)

A cultura está profundamente enraizada na compreensão do indivíduo sobre o universo, em todos os seus aspectos, desde o início desde as relações mais íntimas na família até as práticas e expressões culturais sociais e comunitários mais vastos e variados (Martins, 2021, p.26). Incorporação do ancestral na vida diária pessoal também é inerente à compreensão e vivência do tempo e do território (Martins, 2021, p. 26).

Figura 38- Andor de Nossa Senhora das Graças



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 39- Oratórios



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Os corpos das benzedadeiras moradoras do Pé de Serra performam os vínculos entre território, a natureza (ramos de plantas) e a dimensão intangível da fé. A voz executa papel basilar na execução das rezas, sendo as principais:

Quadro 01 - As principais rezas da comunidade

As rezas mais conhecidas da comunidade:
Mau olhado, ventre caído, dor de cabeça, dor de dente, engasgo, reza de vermelha e reza de mordida de cobra.
Costumes culturais: Além do costume de benzer dos rezadores outras práticas culturais populares resgatadas pela autora desse trabalho, com base em suas memórias e história oral de seus antepassados, são:
Promessas à santo; Experiências de chuvas: Desbulhas; Tertulhas; Dança de maneiro pau; Noite das caieiras; O jeito de falar diferente do povo; Engenho; Artesãos; Artistas poetas; Teatro dos bonecas; Taiado; Boca de noite; Reizado; Chás; Parteiras; Cantadores de Violas; Botijas;

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

4.1.2 CANTAR

Outra dimensão da performance vocal da comunidade de Pé de Serra consiste na arte do repente (ou cantoria), sendo considerada uma arte poético-musical. Sempre cantando em duplas e improvisando versos influenciados diretamente pela oralidade, os repentistas dialogam, além de um com o outro, também com os ouvintes. São comuns canções que relatam amor, aspectos regionais, vida no campo, dentre outras temáticas. De acordo com a

pesquisa de Josivaldo Custódio da Silva (2011), realizada sobre a arte do repente no sertão do Pajeú, percebe-se que:

A memória da Cantoria de Repente em São José do Egito-PE é o Berço Imortal da Poesia, cidade situada na microrregião do Vale do Pajeú. Foi discutida a cantoria no contexto da literatura oral, retirando-a do invólucro da literatura folclórica, convencionalmente adotada como base para categorizar essa arte do repente nordestino. Foi traçado um percurso teórico crítico sobre a memória (Silva, 2011, p. 35)

Nesse contexto, nota-se a importância de se estudar a transmissão da música cantada como maneiras de materializar territorialidades. A expressão sensível da cantoria acontece nos sertões do Oeste Potiguar, bem como nos sertões de Pernambuco. A música transmitida pelos versos do cantor enquadra-se como memória dos artistas ao contarem suas experiências vivenciando-as no território.

Por um lado, esse é um dos costumes mais ricos da comunidade. A linguagem que se profere em seu discurso é informal, porém complexa, diante de uma variedade de termos que diferem conforme a localidade em que esses artistas moram. Entretanto, de acordo com as reflexões de Alessandra Simões (2022, p. 20), “sem a remoção e a substituição dos termos do discurso, ficamos prisioneiros da enunciação que controla a retórica da modernidade e a lógica da colonialidade”.

As cantorias acontecem nas casas locais, assim como de pessoas de cidades vizinhas. Geralmente acompanham as festas de aniversário, as celebrações religiosas e apresentações em encontros comunitários. Os versos cantados são improvisados, reforçando a arte como um instrumento do corpo e da oralidade do artista do Pé de Serra. Abaixo, é citada uma das canções que os repentistas de Pé de Serra apresentam em suas cantorias.

Figura 40- Canção – Casa Amarela

Ainda me lembro aquela casa onde eu nasci
 Onde vivi com os meus irmãos e os meus pais
 Muitos conselhos de mamãe eu recebi
 Papai ali me ajudou-me até de mais
 Era amarela aquela casa ainda me lembro
 Quando chegava dezembro
 Papai renovava ela
 E aí mandava convidar o nosso povo
 Pra passar o ano novo na nossa casa amarela

Tive vontade de deixar o meu torrão
 Na intenção de conhecer outro país
 Papai choroso deu-me a santa permissão
 Dizendo Deus faça você ser bem feliz
 Tomei a bênção os meus pais e abracei
 Meus irmãos depois chorei
 Debruçado na janela
 Depois parti pra outra terra diferente
 Nunca mais vi minha gente
 Da nossa casa amarela

Fonte: Adaptado de Canção de Onildo Barbosa, cifra club (2024)

A música “Casa Amarela”, de autoria de Onildo Barbosa, é um mergulho intenso na nostalgia e na lembrança emocional de um lar que já não existe. Por meio de relato pessoal e emotivo, o artista retrata a casa onde cresceu, decorada com amarelo, um emblema de felicidade e calor familiar. Nesse lugar carregado de afeto, o artista obteve orientações e passou momentos de alegria com seus pais e irmãos. O uso contínuo do amarelo na música destaca a relevância do lugar na memória do narrador, servindo como um ponto de referência constante em sua existência.

Figura 41- Casa da comunidade de Pé de Serra

Fonte: Acervo pessoal (2024)

A canção também trata do assunto de partida e transformação, com o narrador abandonando sua casa em busca de novas experiências em outro país. A partida é caracterizada por emoção e lágrimas, frisando a intensa ligação emocional com a residência e a família. A bênção dos pais e o pranto na janela são imagens impactantes, que retratam o desafio de abandonar as origens e a proteção do lar em busca do incerto e contingente.

Finalmente, a música aborda o anseio de voltar no tempo; porém, com a amarga constatação de que o tempo se foi e as circunstâncias se transformaram. A casa amarela não é mais propriedade da sua família, e o narrador expressa o desejo de possuir pelo menos um pedaço de terra próximo a ela, para construir um novo lar, mesmo que seja à sombra do anterior. Esta canção retrata a saudade e a procura por pertencimento em novo lugar, temas universais que afetam a alma de quem já experimentou a dor da separação do seu lugar de nascimento.

4.1.3 RECITAR

Segundo informações obtidas no site do Ministério da Cultura (2024)¹¹, a literatura de cordel é forma de expressão, linguagem, gênero literário, veículo de comunicação, ofício e meio de sobrevivência para inúmeros cidadãos brasileiros: poetas, declamadores, editores, ilustradores (desenhistas, artistas plásticos, xilogravadores) e folheteiros (como são conhecidos os vendedores de livros de cordel). Embora essa operação artística tenha se iniciado em Portugal, adquiriu sua particularidade de escrita e declamação própria no Brasil, sobretudo na região do Nordeste, cujo território e paisagens são bem documentados nos versos de Ariano Suassuna, Patativa do Assaré, Antônio Ferreira da Cruz, Silvino Pirauá de Lima, Raimundo Santa Helena e outros.

Diante sua ampla biografia, é importante sublinhar que, Ariano Suassuna nasceu em João Pessoa, capital do estado da Paraíba, mas realizou-se em Pernambuco, onde iniciou seus estudos acadêmicos e artísticos. Além disso, é formado em Direito, autor de obras literárias e teatrais, como o *Auto da Compadecida* e o *Romance d'A Pedra do Reino*. Um aspecto que se destaca nas rimas do autor é a métrica de seus versos, um convite para experimentar a sonoridade do falar de certas áreas do Nordeste brasileiro, ao declamar seus versos poéticos na fala (Ministério da Cultura, 2024).

Carlos Newton (2008) relata sobre a obra *Auto da Compadecida*, atentando-se ao aspecto de que é toda pensada para destacar a literatura de cordel. Os versos do cordel são

¹¹ Site do Minc: <https://www.gov.br/cultura/pt-br>. Acesso: 23/08/2024.

“lugares de memória” (Nora, 2008), um incentivo aos jovens acessarem esse gênero literário que faz parte de nossa cultura. Eles ainda chamam a atenção para o devir histórico como deixa claro o trecho: “Valha-me Nossa Senhora, Mãe de Deus de Nazaré! A vaca mansa dá leite, a braba dá quando quer. A mansa dá sossegada, a braba levanta o pé. Já fui barco, fui navio, mas hoje sou escaler. Já fui menino, fui homem, só me falta ser mulher” (Suassuna, 2005, p. 35).

Devido a seu grande apreço pela cultura popular, Ariano criou o *Movimento Armorial* (1970), conhecido por ser uma organização de artistas em busca do reconhecimento da arte do Nordeste brasileiro (Ministério da Cultura-Minc, 2024). Esse movimento abrangia diversas formas de manifestação artística, dentre elas destacam-se o teatro, a pintura, a escultura (Francisco Brennand), a música (Quinteto Armorial), a dança e a literatura.

Figura 42- Amostra "Movimento Armorial 50 anos", apresenta obras de Ariano Suassuna, enquanto artista plástico



Fonte: Cláudio Gerber (2023)

Outro cordelista famoso foi Patativa do Assaré, que também optou por uma "linguagem matuta", preservando a fala da gente de alguns sertões. Para o cordelista cearense, “uma fala sertaneja, modulada por um ritmo frasal peculiar, com acentos, nasalizações, vogais arrastadas, a manusear a Língua Portuguesa com soluções que vão desde arcaísmos à incorporação de neologismos por vezes retirados dos sons da natureza” (BRASIL, Ministério da Cultura, 2024). Essa vocalização rítmica da linguagem cotidiana está ligada à cantoria, como expressa a estrofe abaixo citada por Costa (2024, p. 24):

Canto a vida desta gente
Que travaia inté morrê

Sirrindo, alegre e contente,
Sem dá fê do padecê,
Desta gente sem leitura,
Que, mesmo na desventura,
Se sente alegre e feliz,
Sem nada sabê na terra,
Sem sabê se existe guerra
De país cronta país (Patativa do Assaré, 1966).

Dessa maneira, o principal elemento do cordel é a liberdade de expressão, em que o poeta é livre de estilística e regras normativas da gramática, uma vez que a beleza está na simplicidade dos detalhes de rimar com fatos do cotidiano (Costa, 2024). Assim, Vieira (1988) tem um posicionamento relevante sobre o tema:

A nossa mais autêntica e original literatura popular é a de cordel, expressão da cultura e dos sentimentos, porque criada, matizada, estilizada pelos angustiados, pelos injustiçados, pelos aventureiros e sonhadores sertanejos, com a sua verve irônica e mordaz, e com as habilidades engenhosas do seu espírito, genialidade e imaginação criativa, engendrando mitos, decantando feitos épicos, enlevando de ternura e de afeto os idílios amorosos dos namorados (Vieira, 1988, p.52)

Assim, é a sensibilidade de registrar a história de pessoas simples, “é a originalidade de uma imagem, de uma comparação, de uma expressão gostosa, que cristaliza os modismos da linguagem popular e do estilo eminentemente regionalista, ecológico, etnográfico” (Vieira, 1988, p.54).

Figura 43- Xilogravura – Capa do folheto Ilustrada por Stênio Diniz e publicada em 1977 pela Tipografia São Francisco



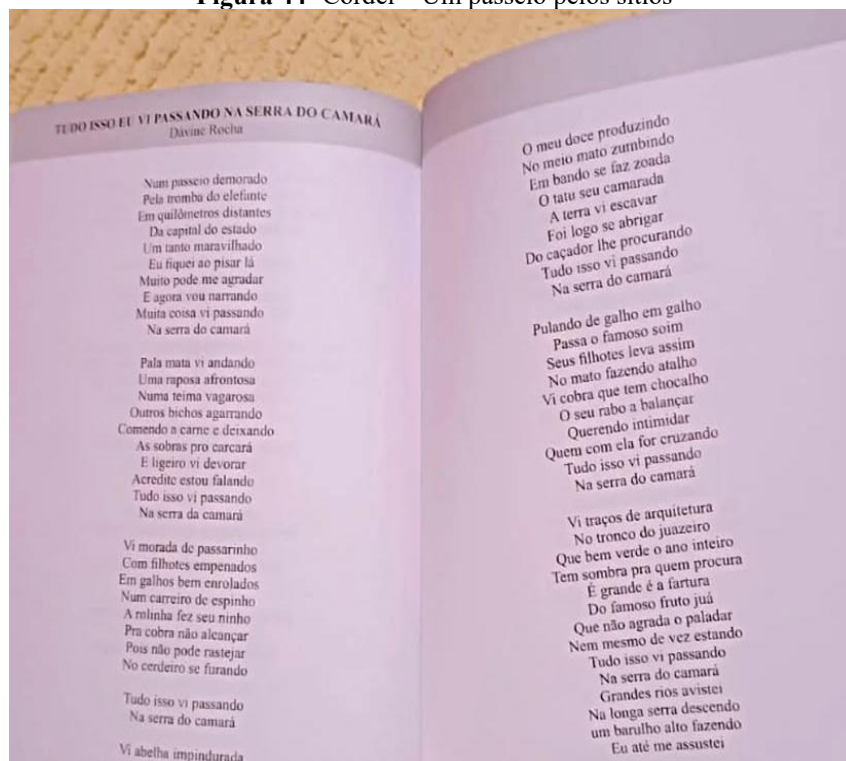
Fonte: Casaruibarbosa.gov.br (2024)

Para contextualizar, no sítio Pé de Serra a prática parece ser um “dom” para aqueles que moram e nasceram ali. Desde criança sem o conhecimento científico de estrutura, rima, métrica e oração, os moradores declamam e improvisam os versos sem ensaios. Outrora, a poesia e o cordel possuíam significação apenas romancista; contudo, adquiriu teor vibrante

de arte para representar a cultura, a resiliência, a alegria e a diversidade das pessoas que habitam os sertões. Com o tempo, se converteu um dos meios de comunicação que a comunidade estudada encontrou de mostrar-se no mundo. Também se registram aspectos da cultura, arquitetura e paisagem do seu lugar, revivendo sua infância por meio da memória e da arte de contar histórias.

Nesta linha de raciocínio, e alinhando-se às considerações de Martins (2021), a escrita, enquanto lugar de memória, é um dos meios de expressão mais exaltados e reside nos ambientes mais nobres de acordo com a tradição, são lugares de memória mais proeminentes no Ocidente. Para Merleau-Ponty, "o que designamos ideias trazidas à existência, trazidas ao mundo por seus instrumentos de expressão, [são] os livros, os museus, as partituras, os escritos" (Merleau-Ponty, 2008 apud Martins, 2021, p.15).

Figura 44- Cordel – Um passeio pelos sítios



Fonte: Rocha (2024)

Cordel: Um passeio pelos Sítios.

Porque, ando pelos sítios,
E vejo evolução.
E ainda saboreio,
Os frutos da plantação.
Como é bom poder provar.
O milho o mungunzá.
A fava e o feijão.

Porque, num campo de terra,
O futebol pratiquei,
E ainda hoje me lembro.
Das partidas que joguei.

Das amizades que fiz.
E do quanto fui feliz.
Quando na terra brinquei.

Por que vou no pé de serra,
Fazer minha oração,
Na festa de São José,
Posso ver a multidão.
Dezenove é o dia.
Que molho os pés na sangria,
Quando vou na procissão.

Porque todo mês do ano,
Seguimos o itinerário.
De festa e eventos,
Que no nosso calendário,
Registram a nossa história,
E perpassam na memória,
Um legado centenário.

Porque o inverno quando chega,
Nos renova a esperança,
As matas são pintadas,
E se nota a mudança,
O meu rosto é banhado,
Pela chuva do telhado,
E eu volto a ser criança.

Porque tem rios e açudes,
E um banho posso tomar,
Deitado em garrações,
Eu aprendi a nadar.
E aprendi na correnteza,
A força da natureza,
Que da vida ao meu lugar.

Porque subo aos roçados,
Pra plantar e pra colher,
E o barulho da enxada,
Me faz sempre reviver,
Os tropeços que eu dei,
O milho que derrubei,
Semeando sem saber.

Das frutas que aqui tem,
Eu posso degustar.
E na sombra dessas árvores,
Um ar puro respirar,
Sentir cheiros e sabores,
E o aroma das flores,
nas galhas do sabiá.

Porque criatividade,
Ao nascer já cultivamos,
Somos povo inovador,
E de tudo inventamos,
Onde vai a nossa gente,
O capricho está presente,
Essa marca carregamos.

Porque posso na calçada,
 Me sentar pra conversar.
 E as histórias dos idosos,
 Bem atento escutar.
 Quem dá valor ao passado,
 Sabe o significado,
 Da palavra preservar.

Porque aqui eu nasci,
 E sei que hei de ficar.
 Se mil vidas eu tivesse,
 Não ousaria trocar,
 É aqui minha raiz,
 E sei que sou mais feliz,
 Exaltando o meu lugar.

Quem não honra seu lugar,
 E esquece a comunidade,
 Na vida não se encontra,
 Perde sua identidade,
 Eu amo esse torrão,
 E ser filho desse chão,
 É orgulho de verdade (Rocha, 2024)

Assim, "para os povos das florestas, a produção, inscrição e disseminação do conhecimento se davam, primordialmente, pelas performances corporais, por meio de ritos, cantos, danças, cerimônias sinestésicas e cinéticas" (Martins, 2021, p.30). O conhecimento é transmitido por meio do corpo em movimento e da sua voz, abrangendo desde comportamentos básicos, expressões práticas e costumes diários até as técnicas mais avançadas, formas e processos cognitivos mais abstratos e complexos (Martins, 2021).

4.2 OS LUGARES DA COMUNIDADE PÉ DE SERRA

A natureza aparece nas árvores de copas verdes, nas serras envolventes, na água da barragem e nas flores dos pequenos jardins de frente de casa. Os marcos são a escola de Pé de Serra (sem a modulação janela-porta-janela das moradas), as casas dos moradores, a capela de São José, objetos de natureza antrópica que configuram a paisagem e definem territórios. Nesse aspecto, as concepções de Milton Santos (2006) sugerem:

Esses elementos fixos, são fixados em cada lugar, e permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que também se modificam. Pode-se perceber que o local é um espaço que apresenta certa unidade, certa especificidade, mas que pode se modificar, como também se modificam seus fluxos, ou seja, eles possuem características que podem ser transitórias: em dado momento, apresentam uma unicidade, em outro momento, não mais (Santos, 2006, p.38).

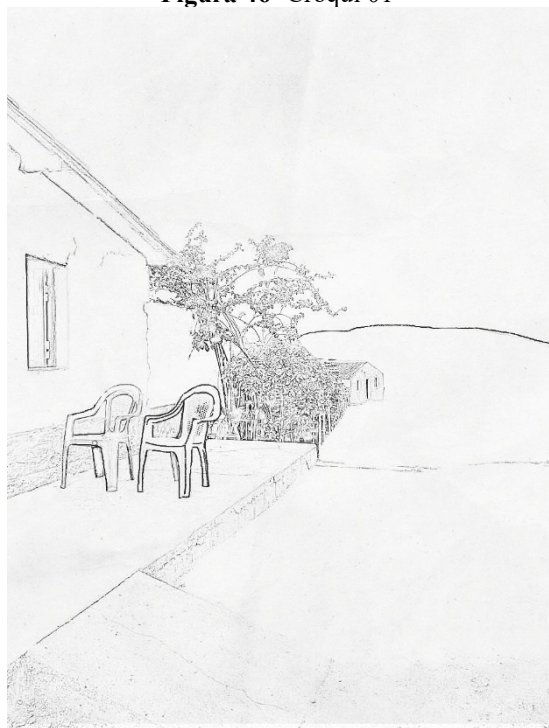
Figura 45- Marcos da comunidade, escola (1), igreja (2), casa de taipa (3) e cruzeiro de frei Damião (4)



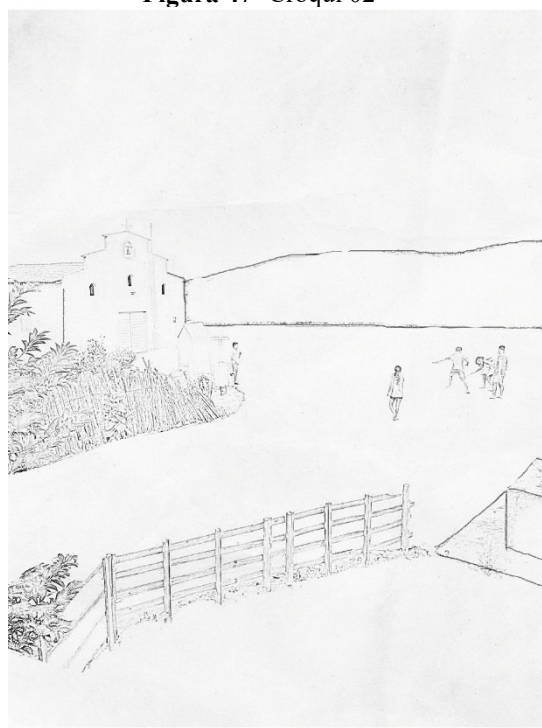
Fonte: Acervo pessoal (2024)

Valendo-se das reflexões de Bourdin (2001), pode-se compreender os sertões sob diversas lentes, considerando as relações entre o local e a comunidade, o local e a região, o local e o país, o local e o mundo. Isso é feito considerando a distância, proximidade e as interações sociais, tecnologias, até mesmo ligando-os e desmistificando qualquer preconceito já estabelecido sobre suas definições e significados para a população (Bourdin, 2001, p.25).

Nesse aspecto, as ilustrações em "croqui" expressam em traços os sentimentos da escritora em relação ao local onde reside. O procedimento inicia com uma coleta de impressões, narrativas e vivências pessoais, potenciais e vulnerabilidades do território. Posteriormente, essas dimensões são representadas nos mapas temáticos do local, transcendendo a percepção individual para adquirir um caráter público.

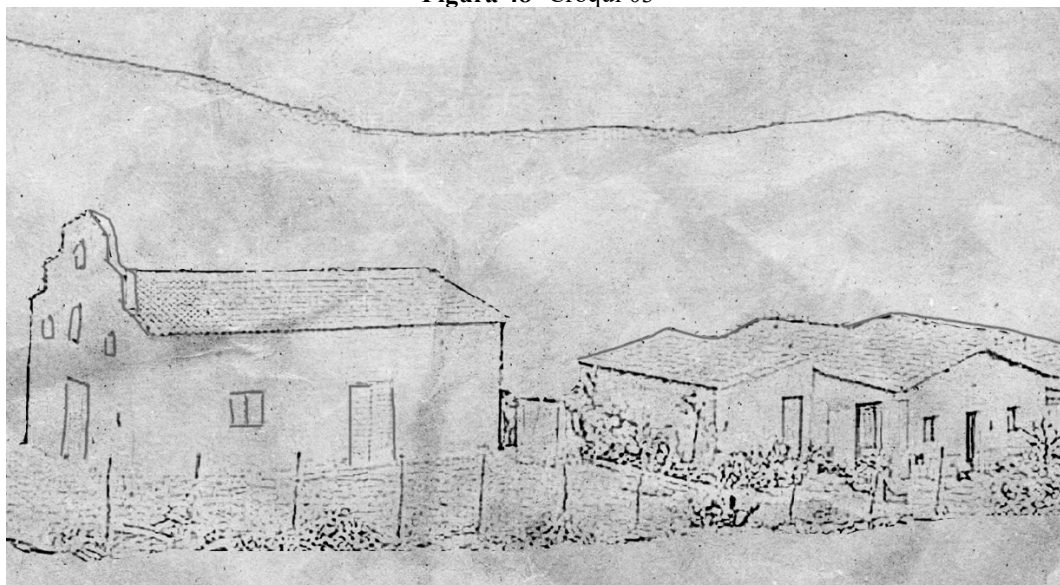
Figura 46- Croqui 01

Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 47- Croqui 02

Fonte: Acervo pessoal (2024)

Os croquis foram criados segundo procedimento simples e buscam representar o significado de lugar e pertencimento para a autora deste trabalho. Normalmente, inicia-se com o traçado dos limites do território. Os desenhos buscam transmitir emoções, experiências e narrativas ligadas a áreas específicas do local. Ao se expressar, a autora pode se sentir integrada afetiva e socialmente ao lugar, enquanto gradualmente abandona a perspectiva individual, que tinha do local onde reside, passando a vê-lo como ambiente coletivo e solidário, com qualidades e desafios públicos.

Figura 48- Croqui 03

Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 49- Croqui 04

Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 50- Croqui 05

Fonte: Acervo pessoal (2024)

Os objetos religiosos (capela, oratório, imagens santas), o cenário cultural (casas, caminhos, cantar, rezar e recitar) e natural, noção de vizinhança, elementos históricos e a habilidade de descrever o local evidenciam o vínculo afetivo que o povo local possui com o lugar que pertencem. Como visto, o pertencimento envolve a tessitura de corpos e subjetividades com a natureza e com o território construído:

Torna-se evidente que o lugar implica também um espaço com características peculiares, que evoca sentimentos de familiaridade e vizinhança, congrega certa identidade e história, hábitos e linguagem comuns, como demonstrou de modo exageradamente implacável Renato Ortiz (1999, p.59): o local herdado relaciona-

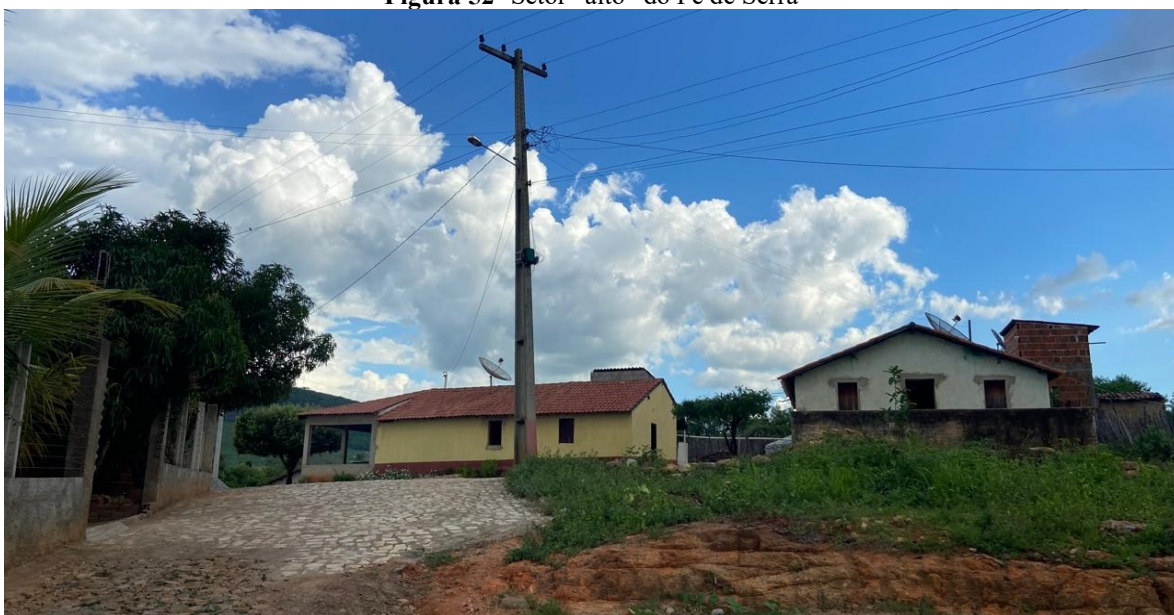
se aos aspectos históricos e representa o peso que o passado pode ter sobre o presente – portanto, leva em conta a genealogia e suas relações familiares: “o local é, pois, um lugar privilegiado de manifestação delas, se admitirmos que as estruturas antropológicas são principalmente um conjunto de representações e de códigos transmitidos pela prática, como os mitos se exprimem nos ritos”. São locais herdados de fatores históricos e de identidade local que podem estar manifestados nos bens culturais e no conjunto de regras comuns vividas por seus membros e expressos na religião, na cultura, na etnia (Bourdin, 2001, p. 43).

Figura 51- Cruzeiro de Frei Damião na comunidade



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Por meio desse processo de apego e culturalização do lugar, a pessoa estabelece identidade relativa à maneira como seus hábitos são expressos e outras particularidades que ela incorporou ao ambiente. Então, o local de residência do indivíduo representa uma importante fonte de vínculos emocionais entre pessoa e ambiente (Medeiros, 2006, p. 58). Esse vínculo emocional do indivíduo com o ambiente favorece a formação de sua identidade, gerando pertencimento, como apregoado por Krenak. Cardoso (2017, p. 89) afirma que “o sentimento manifestado pelos sujeitos sociais acerca do ambiente em que vivem carrega as singularidades de sua formação e encerra circunstâncias emocionais, muitas vezes, apenas vividas ali”.

Figura 52- Setor “alto” do Pé de Serra

Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 53- Extensão do setor alto do Pé de Serra

Fonte: Acervo pessoal (2024)

Como os lugares são agrupamentos coletivos, onde culturas são incorporadas, é imprescindível mencionar que a estrutura espacial da comunidade Pé de Serra é elaborada por um conjunto de interesses diversos. Os interesses são tanto coletivos quanto individuais, e as alterações impostas por eles causam uma série de alterações no estilo de vida dos moradores de um lugar específico. A afetividade do homem com o lugar pode ser definida como “o vínculo emocional firmado com cenários físicos, envolvendo sentimentos derivados da experiência espacial real ou esperada” (Freitas, 2008, p. 50).

Figura 54- Paisagem do “alto” do Pé de Serra



Fonte: Acervo pessoal (2024)

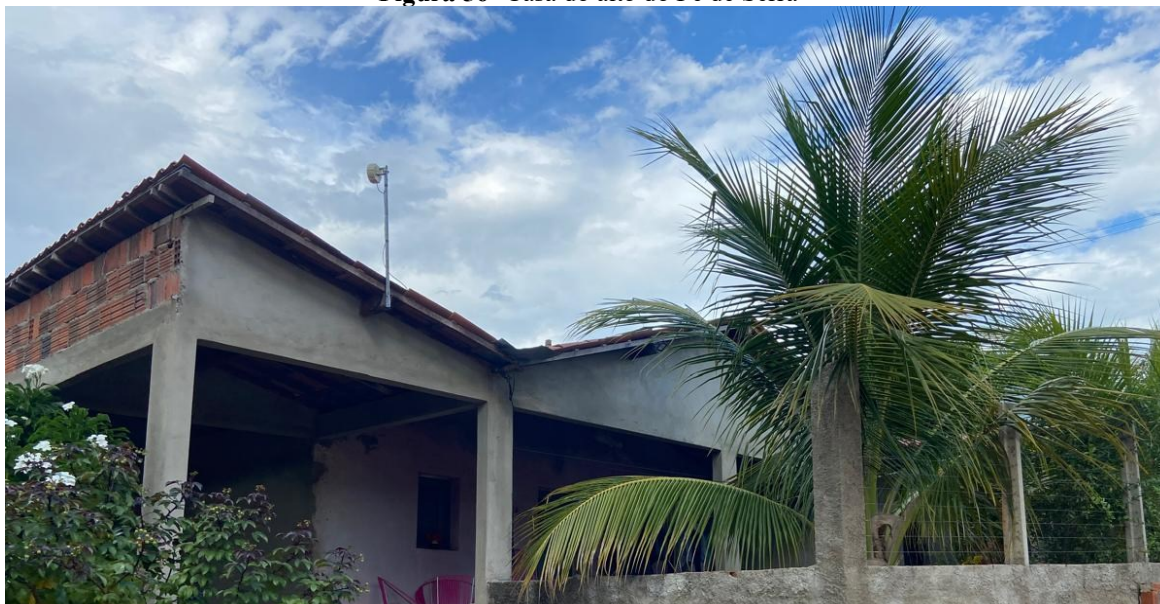
Figura 55- Alto do Pé de Serra



Fonte: Acervo pessoal (2024)

O elo subjetivo entre o indivíduo e o ambiente é igualmente transmitido, como antes visto, nas vocalizações poéticas da reza, do canto e da leitura de poesias. Além disso, o pertencimento deriva da expressão das emoções e da memória, das recordações de experiências individuais realizadas no lugar. Logo, o indivíduo seleciona momentos que foram significativos, positivos e negativos, tanto a nível pessoal quanto coletivo para transmitir à coletividade.

Figura 56- Casa do alto do Pé de Serra



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Por meio da recordação das experiências, desencadeia-se um processo histórico e cultural, possibilitando às futuras gerações, que venham a residir no Pé de Serra, o conhecimento da história da ocupação e das pessoas que o construíram. Sendo assim, a memória e o pertencimento são fatores fundamentais na formação histórica e cultural do lugar, pois os meios de ligar o ser com o território e paisagem, atribuindo-lhes significados pessoais e coletivos.

Figura 57- Vista para o taiado do alto do Pé de Serra



Fonte: Acervo pessoal (2024)

De acordo com o historiador francês Jacques Le Goff (1990), a memória é o agrupamento de funções mentais que permitem ao ser humano recordar impressões ou informações passadas,

ou aquelas que ele interpreta como passadas. Em outras palavras, são momentos que já ocorreram, mas que persistem como recordações. No caso em estudo, o ato de recordar se manifesta a partir dos registros da arquitetura e da paisagem que fazem os moradores repensarem o tempo passado de produção do lugar que habitam.

Figura 58- Vista da comunidade de Pé de Serra



Fonte: Acervo pessoal (2024)

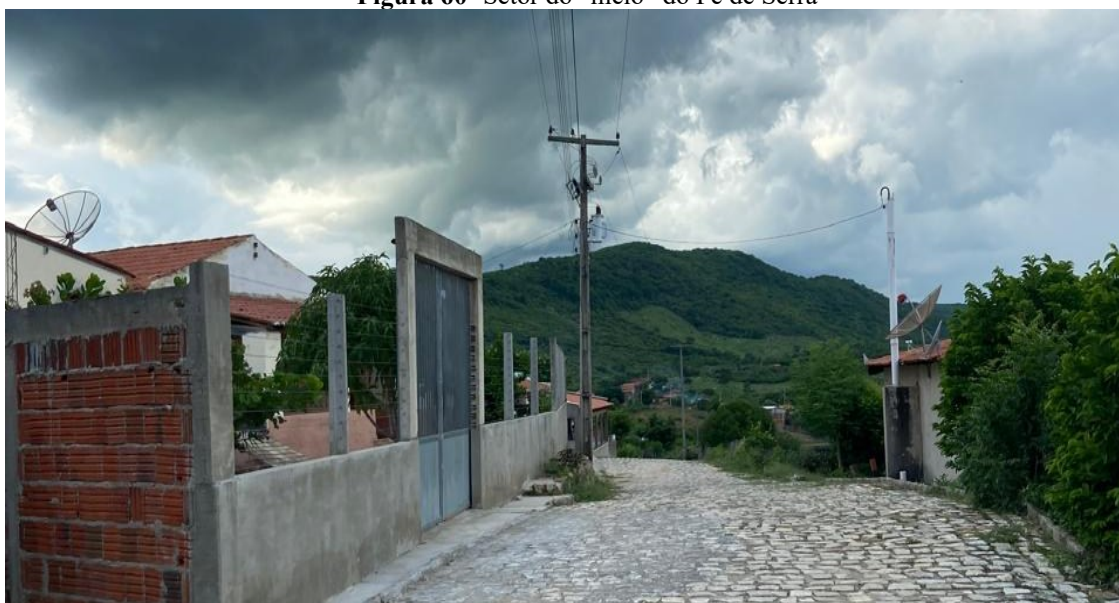
Figura 59- Casa construída levando em consideração a topografia do lugar



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Segundo Borges (2017), a memória não é formulada exclusivamente pelo sentimento de pertencer a algum lugar, mas pela pertença de uma pessoa a um grupo situado em algum território: um lugar onde se residiu, onde se trabalhou, onde se viveu. Nesse sentido, o lugar definido pela memorização e afeto favorece a formação da identidade do coletivo social (Borges, 2017).

Figura 60- Setor do “meio” do Pé de Serra



Fonte: Acervo pessoal (2024)

O Pé de Serra o lugar é compreendido como o produto da construção de várias pessoas, com suas lembranças, símbolos e valores associados à paisagem envolvente. Ao entrelaçar o lugar às experiências vividas, construindo uma identidade que é moldada pelas relações estabelecidas no local, os habitantes se sentem integrados a ele.

Figura 61- Setor do meio (comunidade)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Desse modo, o lugar Pé de Serra reflete as interações que os moradores estabeleceram com o território, atribuindo-lhe significado. Como isso, o local se torna territorialidade e instrumento de disseminação da cultura comunitária. A cultura existente naquela povoação é transmitida por meio da voz, das recordações dos residentes mais antigos, das arquiteturas,

da paisagem construída, das interpretações do significado da natureza e simbolismos atribuídos ao local.

Figura 62- Casa do setor do meio da comunidade



Fonte: Acervo pessoal (2024)

A partir disso, constata-se que o lugar em estudo adquire relevância para as pessoas não apenas pelas lembranças positivas, como inicialmente se pensava. Algumas lembranças negativas também deixam marcas nas pessoas e no território, evidenciando que a comunidade Pé de Serra é caracterizada por memórias, sejam elas positivas ou negativas. É responsabilidade do ser humano construir e atribuir significados ao lugar e à paisagem, com base em suas memórias.

Figura 63- Antiga escola da comunidade



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 64- Vista da antiga escola da comunidade de Pé de Serra



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 65- Setor de “baixo” do Pé de Serra



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Ao construir o lugar que considera "seu", o ser humano atribui valores, simbologias e tradições a uma parte do território onde realiza suas tarefas, gerando assim dois processos distintos de memorização do local. São operações relativas à memória coletiva, isto é, de todos os habitantes do local, e à memória individual, que se refere a cada residente local.

Figura 66- Arquitetura da casa do setor de baixo



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 67- Setor de baixo



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 68- Paisagem natural do setor de baixo



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 69- Caminhos do setor de baixo



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Deve-se sublinhar a relevância de um grupo social conhecer a história do seu lugar de moradia, onde a memória atua como uma ligação emocional entre a sociedade e o lugar. O lugar é visto como significativo, repleto de representações e simbologias, fortalecido mediante de vivências, relações culturais e laços de afinidade. Isso resulta em uma transformação do local em lugar, que é extremamente pessoal e pode diferir de pessoa para pessoa.

Figura 70- Casa amarela do setor de baixo



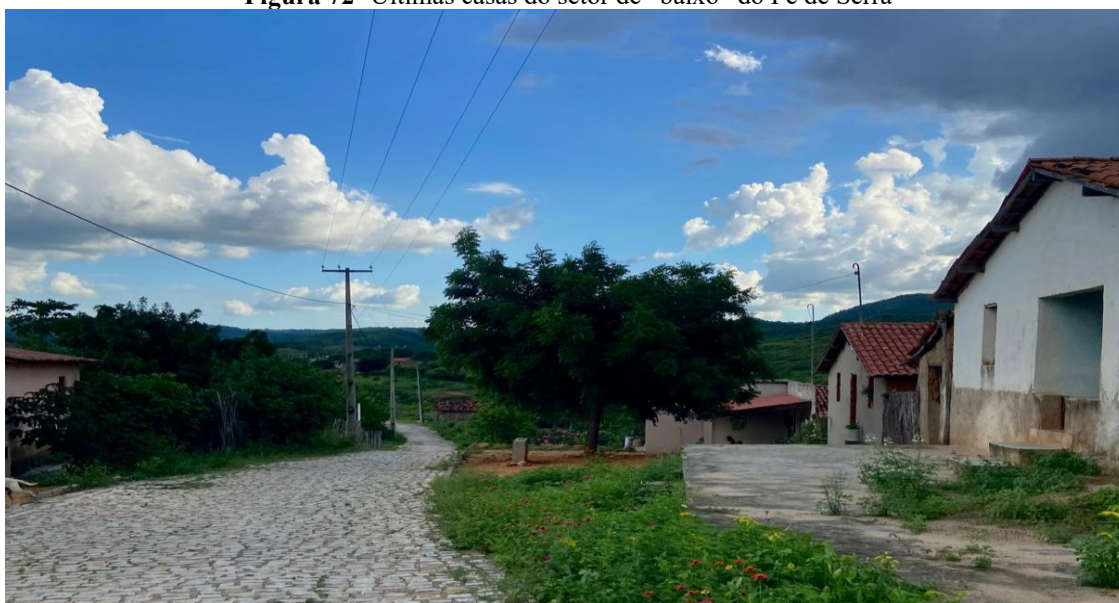
Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 71- Casas do setor de baixo do Pé de Serra



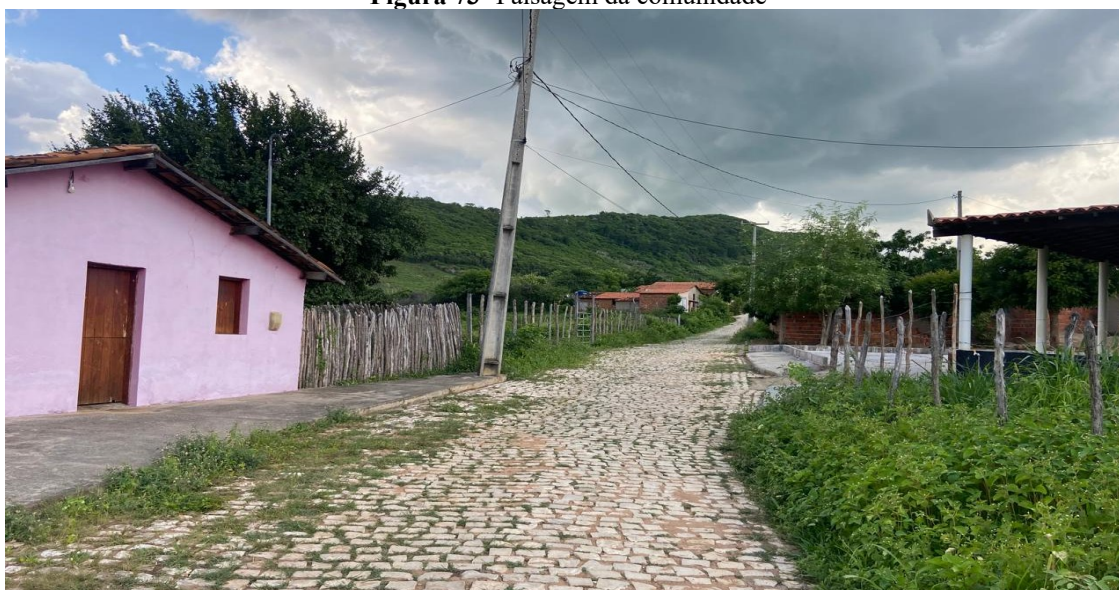
Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 72- Últimas casas do setor de “baixo” do Pé de Serra



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 73- Paisagem da comunidade



Fonte: Acervo pessoal (2024)

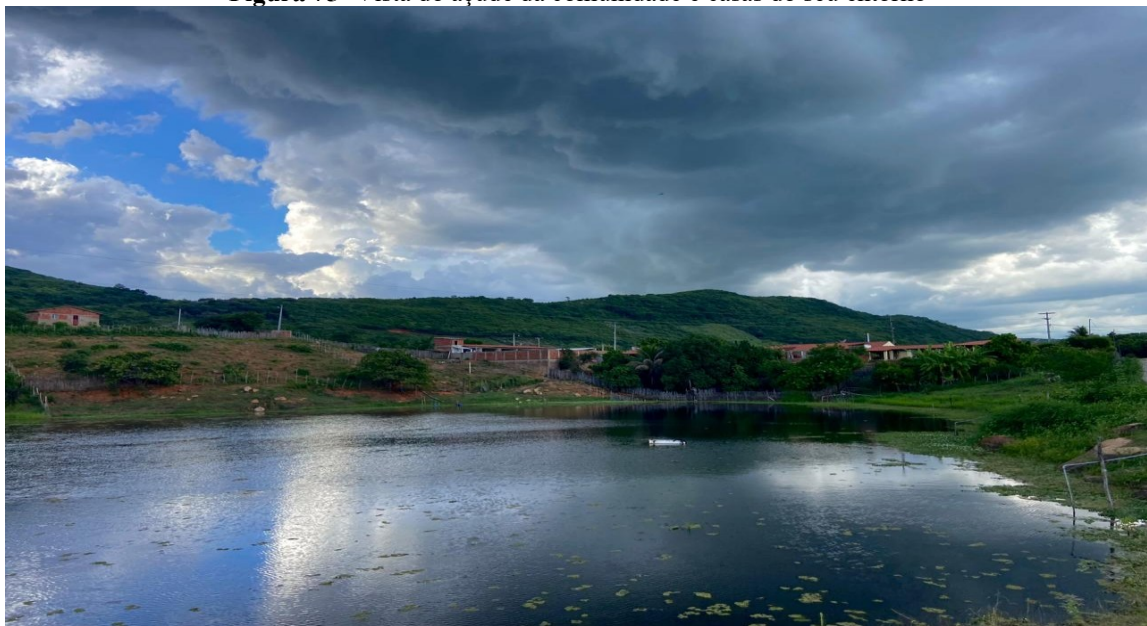
Por meio das discussões sugeridas, podemos perceber o vínculo emocional dos residentes com o território e as paisagens do sítio Pé de Serra. Isso é evidente quando, mesmo que a comunidade enfrente dificuldades, como educação, saúde e tempos de estiagem, requisitos fundamentais para uma vida digna, ela continua a zelar pelo seu lugar e territorialidades e a construir suas casas com criatividade e carinho, tornando improvável o desejo de se mudar para outro lugar. Assim, é preciso reconhecer que, o pertencimento ao lugar “surge de uma perspectiva sociocultural, ou seja, o homem se constitui na interação com o meio em que está inserido” (Vygotsky, 2007, p. 45).

Figura 74- Vista do campo de futebol da comunidade



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 75- Vista do açude da comunidade e casas do seu entorno



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Nesse sentido, a compreensão e apreensão do lugar, da paisagem e da territorialidade revela-se como agenciamento na construção da memória. O mais fascinante das operações artísticas e sociais observadas na pesquisa trata-se do respeito e o amor que os moradores nutrem por seu território, que deixou de ser apenas um ponto geográfico, uma abstração cartográfica, para se tornar um lugar, com o sentimento de pertencimento de sua população refletido em suas paisagens e arquitetura residencial.

Figura 76- Amostra de algumas das residências desses artistas que foram mapeadas



Fonte: Acervo pessoal (2024)

4.3 SENSIBILIDADES PLÁSTICAS DA ARQUITETURA RESIDENCIAL DO SÍTIO PÉ DE SERRA

A primeira casa erguida na localidade pertencia à família do senhor Vicente Correia, sendo executada em taipa de mão (o barro era o material utilizado para a vedação dos tramos formados pela estrutura de madeira). Essa técnica prevaleceu por longas datas na comunidade; porém, foi substituída por edificações estruturadas com técnicas atuais de alvenaria de tijolo. Permanecem a ornamentação simples (ou fachadas desprovidas de decoração) e os telhados de duas e quatro águas com telhas cerâmicas.¹²

A maioria utiliza alvenaria de tijolo maciço fabricado pela própria comunidade a partir da construção de caieiras, isto é, locais de queima artesanal dos blocos de tijolo. Não há registros contemporâneos dos lugares onde existiam as caieiras, mas os vestígios arqueológicos dessa prática encontram-se no saber da produção e tecnologia do tijolo queimado. Embora não existam mais de forma material, as caieiras estão na memória das pessoas e fazem parte da paisagem cultural do lugar.

¹² Dados de relato oral na comunidade Pé de Serra.

Figura 77- Área onde eram feitas as caeiras, marcada com a presença de uma árvore central



Fonte: Fonte: Acervo pessoal (2024)

Para a fabricação dos tijolos, os trabalhadores cavavam barreiras, irrigavam a terra, amassavam o barro, limpavam o espaço ali afastado com uma distância considerável das casas por causa do fogo e do calor; depois, aplicavam o barro no molde de madeira, chamados de grades de bater tijolos. Após o tempo de cura, os tijolos eram secados ao vento e sol frio, em seguida ocorria a queima das peças nas caeiras¹³.

Günter Weimer (2012, p. 266) afirma que, “no Brasil, desde os primeiros séculos da colonização, o tijolo cerâmico já era empregado nas construções, mas esta técnica só se tornou mais usual por volta de 1850”. Desde então, as construções na América Portuguesa passaram a ser executadas sobretudo com o uso de tijolo maciço. No entanto, essa técnica foi aplicada de maneira desigual em todo o território.

¹³ De acordo com Kaefer (1998), os primeiros registros do emprego do tijolo maciço cozido datam das primeiras construções da Mesopotâmia, por volta de 3500 a.C. Embora ainda não apresentassem resistências elevadas, eram empregados em construção de muralhas, residências e zigurates (Kaefer, 1998, p.6).

Figura 78: Caieira de tijolo maciço cozido



Fonte: Conectados Hoje (2020)

No Pé de Serra, é comum as residências serem conhecidas pelo nome do morador: a casa de dona “Maria”, a moradia do senhor “José”, enfatizando a rede solidária da vizinhança. Alguns casarões se destacam, assim como as casas mais simples do lugar e aquelas que ainda são de taipas que compõem a paisagem.

Fontes de inspiração para este trabalho foram as obras *Arquiteturas dos quilombos da Bahia: território, natureza, tempo, cultura, etnicidade* (Macêdo, 2023) e *Arquitetura Rural na Serra da Mantiqueira* (Ferraz, 2020). Essas obras apresentam conceitos e argumentos que se alinham, com excelência à temática que contempla a arquitetura residencial da comunidade. A dimensão arquitetônica das casas foi bem apresentada por Ferraz (2020) em seu estudo sobre a Serra da Mantiqueira:

Notei a necessidade de um projeto no qual, como aluno de arquitetura, deveria empregar a fotografia para capturar e expor um mundo onde as interações do ser humano com a natureza ocorrem em um estágio autêntico de interação. Um mundo construído com base nas necessidades básicas do cotidiano, onde cada residência, cada pequena edificação reflete, por meio dos materiais e das cores, essa natureza. Um mundo onde cada pormenor, cada solução desenvolvida pelo homem evidencia a presença constante da poesia desse território (Ferraz, 2020, p.88).

É perceptível que as casas do sítio Pé de Serra são a “[...] síntese do território na medida em que o espaço expressa a relação das pessoas com o lugar; assim, demonstra que a casa não é apenas suas paredes, mas ela se constrói e é construída pela passagem do tempo e pela história dos ancestrais, deixada de geração em geração e viva em seus hábitos e tradições” (Macêdo, 2023, p. 381). A seguir, as figuras 79, 80, 81 e 82 apresentam moradas da comunidade.

Figura 79- Casa de JR com tijolo de caeira

Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 80- Casa grande de LR em Pé de Serra

Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 81- Casarão de MN

Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 82- Casa da moradora MP

Fonte: Acervo pessoal (2024)

Ao se pensar em habitar com base no construir, este termo não pode ser associado somente à materialidade, pois é a própria forma do ser humano se reconhecer no mundo. Segundo Macêdo (2023), a ação “habitar” refere-se à simplicidade de cada pessoa ao constituir o seu lar, tendo o significado de preservar sua cultura e história, seu modo de vida no campo ao construir território.

Uma das casas de taipa da comunidade é utilizada para a realização de eventos culturais (como exposições) e religiosos. Vale mencionar que a decoração interior das moradias é repleta expressões simbólicas. Objetos que eram usados nas primeiras casas e que contam histórias são empregados para decorar os ambientes domésticos, como o uso do pote de barro para armazenar água e os móveis de madeira antiga, como as prateleiras e cristaleiras.

Figura 83- Uma das casas de taipa mais antigas do sítio



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 84- Casa de taipa feita por moradores



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 85- Móveis – Cozinha



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 86- Pote de Água no barro



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Como se tem argumentado, o ser humano é formado por memória e experiências do cotidiano que se complementam com a materialidade do lugar e da paisagem. Assim, a casa se converte em seu lugar de existência, território de exercício da territorialidade, objeto biográfico (Bosi, 2003) de histórias íntimas, domésticas e coletivas. Soma-se à memória, a “sacralidade do lar” comentada por Mircea Eliade (2010). Em algumas casas de Pé de Serra, a função residencial justapõe-se à função religiosa, conectando seus moradores com o divino. Ali encontram-se pequenos altares e oratórios dedicados a diferentes santos da devoção católica. Tal mistura de costumes é repassada por pessoas segundo as diretrizes da fé.

Figura 87- Altar dentro da residência de moradora



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 88- Altar de Mãe Rainha de Canindé (CE)



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Macêdo (2023) mostra que a moradia reflete as particularidades da comunidade, levando em consideração os aspectos físicos - materiais, clima e o próprio lugar-, bem como aspectos sociais relativos à religião, cultura, estratificação social, tradições e costumes. A arquitetura é a representação da criatividade humana e de seu saber fazer.

Esse conhecimento se manifesta em soluções técnicas e espaciais sofisticadas transmitidas historicamente. São, por exemplo, a parede dedicada à localização das fotos e imagens santas, os encaixes e travamentos da madeira, a colocação das pedras, o mosaico do desenho de pisos e revestimentos, a combinação precisa de barro com estrume de gado e cal para um reboco, o cercamento dos quintais e currais, a cerca de ponta a ponta para permitir a drenagem da água e a seleção do local mais adequado para a edificação da ponte que atravessa o riacho (Ferraz, 2020).

Figura 89- Quadro de Frei Damião de devotos



Fonte: Acervo pessoal (2024)

A edificação da casa nunca deve provocar deslocamentos de terra. A sua instalação em bases de pedra é feita no terreno sendo respeitado sua configuração topográfica e sua declividade maior ou menor. A pintura das paredes se dá com uso de paleta de cores variadas, com predominância do branco, bege, vermelho, azul, rosa e verde (Figura 90) e (Figura 91) que se camufla ou se destaca na paisagem.

Figura 90- Casarão de morador ADZ



Fonte: Acervo pessoal (2024)

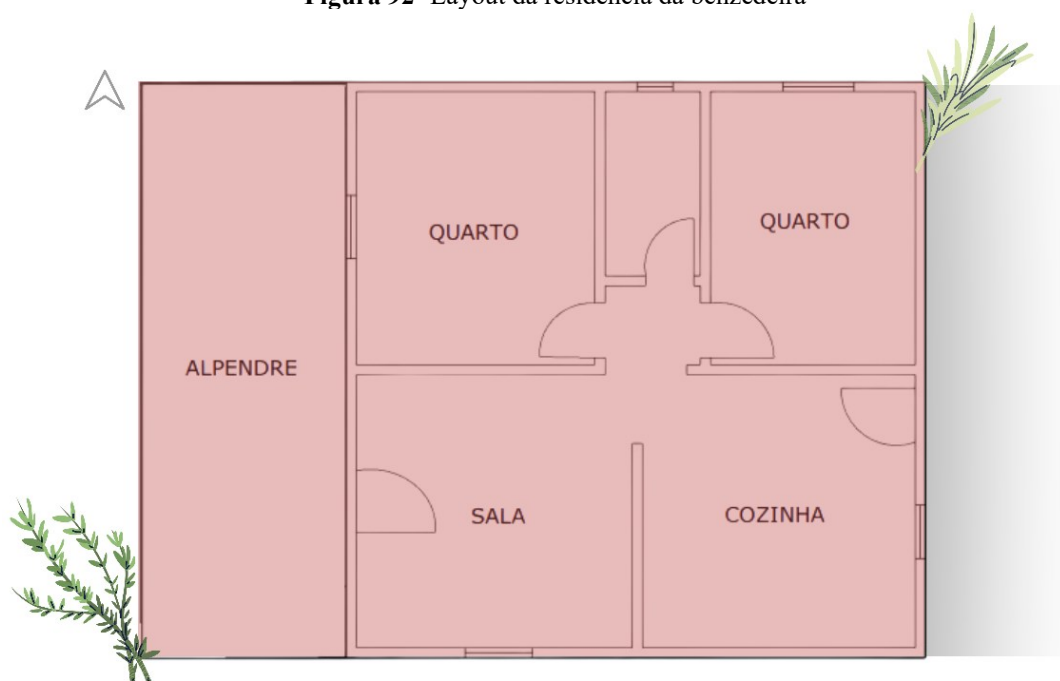
Figura 91- Casa do morador AD



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Com base em análise local, as casas das benzedadeiras, repentistas e cordelistas somam 90 moradias. Para este estudo, foram elaborados 8 layouts no software Sketchup, sem escala. O modenatura das aberturas em “porta-janela” ou “janela-porta-janela” é recorrente. O alpendre aparece em muitas casas. O alpendre é “lugar de fronteira”, onde as pessoas passam boa parte do tempo em contato com a natureza circundante e com os vizinhos que circulam fora do espaço doméstico (Arraes, 2022). É a linha que separa o mundo público do ambiente privado. Além disso, a configuração simples dos cômodos é notável para o Pé de Serra.

Figura 92- Layout da residência da benzedeira

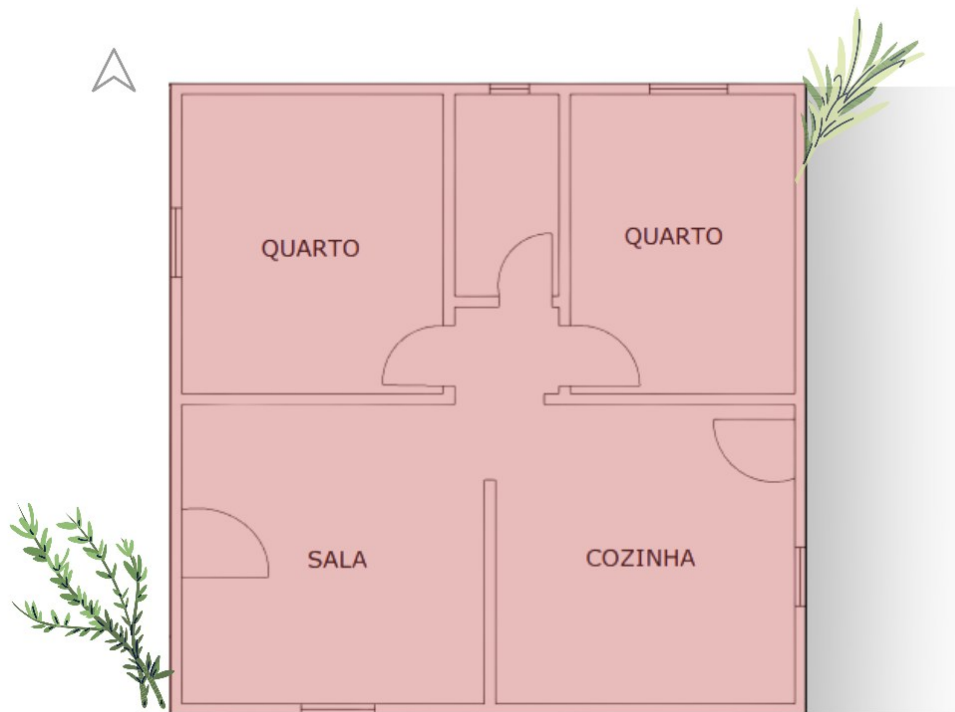


Fonte: Autoria própria (2024)

Na casa da figura 89, que pertence a uma benzedeira, além dos quartos menores, a cozinha é ambiente frequentemente utilizado. Serve como espaço de sociabilidade e abrigo contra o frio, pois o fogão a lenha aquece os familiares nas noites frias. No terreiro da frente da casa, as visitas são acolhidas e são realizadas conversas sobre o cotidiano, as épocas de chuvas, a criação de gado e a agricultura.

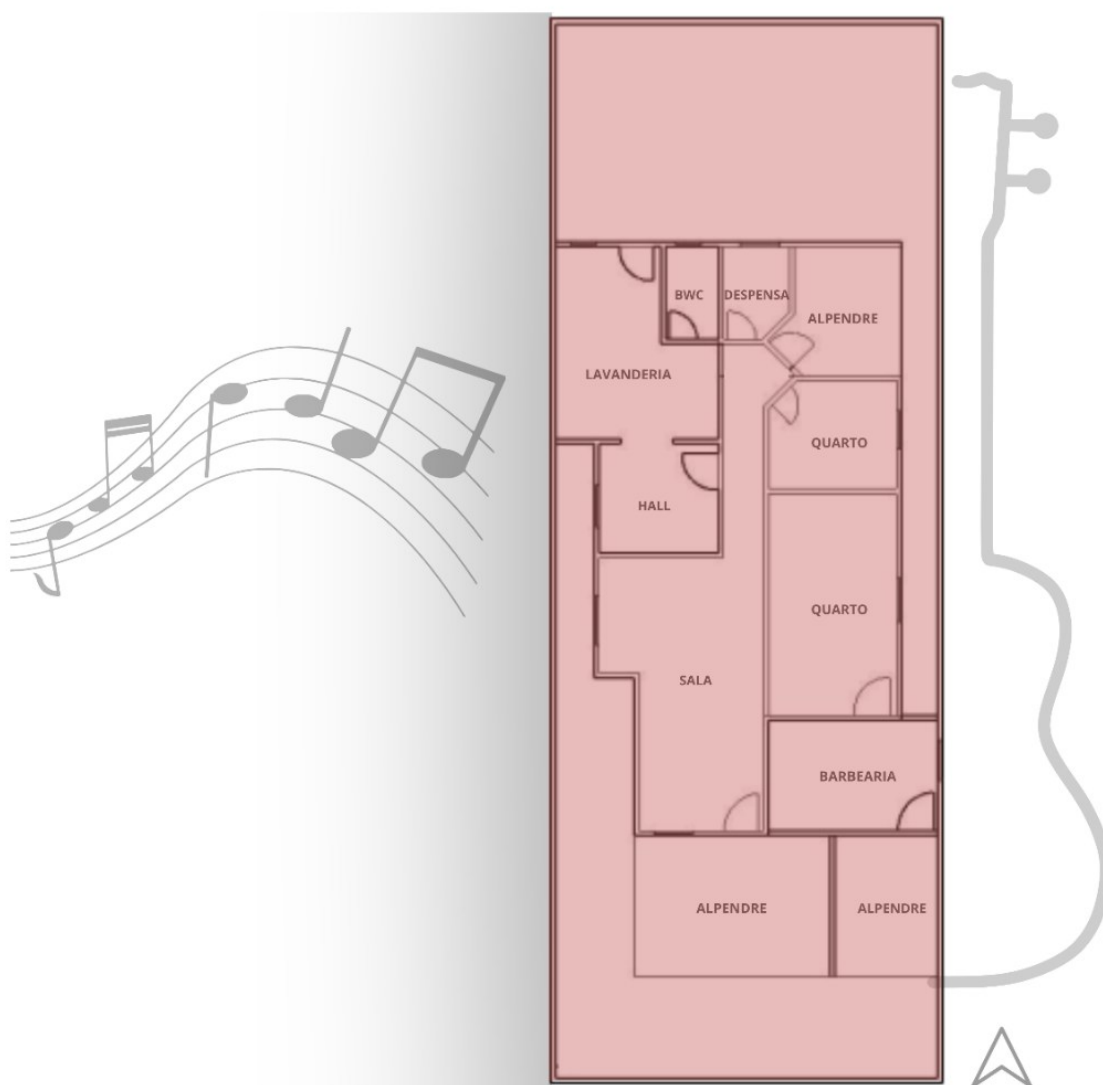
Ali, temos a oportunidade de observar, à noite, o céu profundo, regado de estrelas e planetas. Nas residências sem alpendre (Figura 90), as celebrações de matrimônios, batismos e outras cerimônias religiosas acontecem no terreiro, onde também acontecem as ceias de Natal, orações e, principalmente, as festividades juninas. Cantorias, rezas e declamação de versos de cordel são também operações culturais realizadas nos terreiros e alpendres.

Figura 93- Layout da residência de benzedeira



Fonte: Autoria própria (2024)

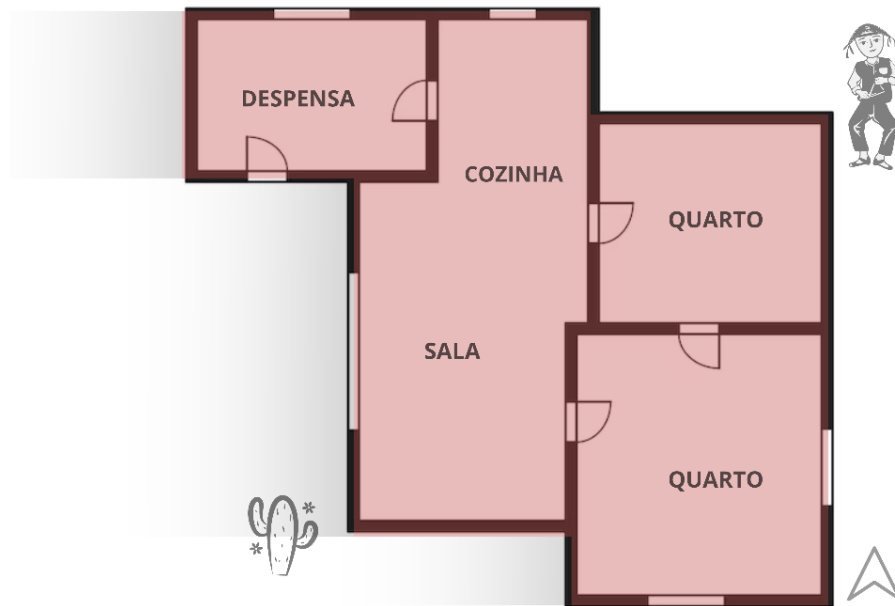
Que a arquitetura aqui apresentada possa ser um estímulo para os construtores refletirem sobre este tema tão fascinante, já que possuem uma profissão complexa que combina arte e técnica e requer um alto grau de complexidade pra captar a essência do morador (Figura 91). Dessa maneira, como se pergunta Ferraz (2020, p. 13) "o povo é sempre essencialmente livre e rico (...) Por quê? Porque quem possui uma cultura própria e se exprime através dela é livre e rico".

Figura 94- Layout da residência do repentista

Fonte: Autoria própria (2024)

Com base na experiência e nos conhecimentos gerados, os saberes popular e científico são capazes de documentar essas memórias, a cultura e a história de um povo (Figura 92), contadas por meio da maneira como eles constroem e interagem com o ambiente residencial em que vivem. As casas de repentistas, cordelistas e das benzedadeiras registram essas memórias, a cultura e a história da sociabilidade das pessoas que habitam a comunidade Pé de Serra.

Figura 95- Layout da residência do cordelista



Fonte: Autoria própria (2024)

A arquitetura das moradas expõe soluções de programas variados e se ajustam estruturalmente ao terreno. As casas apresentam diferentes orientações e empregam antigos e novos materiais de construção e revestimento. O alpendre representa uma dessas estratégias arquitetônicas, que reflete o apuro técnico relativo ao conforto térmico e a sensibilidade plástica e criativa dos moradores que idealizam suas casas.

Figura 96 - Layout das residências com o elemento arquitetônico (Alpendre) que se repete



Fonte: Autoria própria (2024)

A permanência de antigas formas da arquitetura brasileira nas residências atuais da comunidade estudada não se relaciona ao atraso social e estético, como comumente se rotulam as pessoas simples do campo, mas desvelam a clareza das formas como expressões artísticas dos lugares que habitam. Essas casas são produtos dos “homens lentos”, atributo definido por Santos (2002).

Nota-se, portanto, que essa arquitetura deve ser (re)conhecida, independentemente de onde esteja. Mesmo se o tempo desse lugar parecer lento, é o tempo da memória e da história, da arte e do pertencimento das pessoas que tecem o território e constroem a paisagem do sítio Pé de Serra, pois "a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros, etc. A importância de uma coisa, há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós" (Barros, 2003, p.23).

4.4 PAISAGEM CULTURAL DA COMUNIDADE DE PÉ DE SERRA

Compreender as paisagens brasileiras não se trata de determina-las em visão binária (nacional x europeu; rústico x erudito), mas sim de um pensamento transfronteiriço e "afropindorâmico" para entender o mundo de maneira "diversa", composto por uma gama de ecossistemas, idiomas, espécies e reinos. Nesse aspecto, a obra de Antônio Bispo dos Santos - *A terra dá, a terra quer* - documenta de forma inédita muitos dos conhecimentos

transmitidos oralmente por "lavrador de palavras" sobre os perigos do agronegócio, os prejuízos das cidades, as favelas, a segregação dos condomínios fechados e a cosmofofia da arquitetura (Santos, 2023).

Bispo dos Santos (2023), ao viajar por diversos mundos, semeia traduções poderosas de temas fundamentais para a nossa época, tais como a ecologia, o clima, a energia, o trabalho, a agricultura e a alimentação. Este livro compartilha a força ancestral da circularidade começo, meio e fim. Nessa perspectiva, nesse tópico serão demonstrados aspectos que foram estudados por esse autor e usados como referência para o estudo da paisagem de Pé de Serra, além dos fatores que implicam em sua diversidade de elementos culturais e naturais dos sertões onde o sítio se situa.

O livro de Richard Louv (2016), intitulado “*A última criança da natureza*”, informa que quando uma criança sobe no alto de uma árvore, ela experimenta um relaxamento ancestral que nós sentíamos quando éramos presas de grandes animais (Louv, 2016, p.17). A árvore era nosso ponto de fuga. Essa sensação de relaxamento e proteção não sentimos em ambientes de dimensões reduzidas ou territórios da aceleração angustiante das metrópoles. Se a criança não tem contato com a natureza, ela deixa de experimentar a harmonia ontológica entre o ser e o mundo ao redor.

As crianças de Pé de Serra, desde a infância, contemplam a natureza de sua comunidade, suas pedras, a água, suas árvores e as serras. Sentem contentamento com suas casas, seus objetos e sua cultura, elementos que descrevem e definem, em alguma medida, a paisagem cultural, que inclui dimensões intangíveis como seus costumes e a própria conexão com a natureza, assim como os objetos introduzidos pela ação humana. De acordo com Meining, há dez maneiras distintas de interpretar a paisagem: como natureza, como artefato cultural, habitat, sistema, como questão, riqueza, como ideologia, como história, lugar e estética (Meining, 2002).

No cordel do poeta Dávine Lima (2024), ele enaltece as belezas da comunidade onde nasceu e o carinho que nutre pelo Pé de Serra. Ele também menciona o elemento sagrado da Pedra das “Quatro horas” no Taiado, onde os trabalhadores antigos usavam para medir o tempo. Eles retornavam para suas casas quando a sombra da pedra estava fixa, sinalizando o momento de retornar ao lar.

Trilhando esse caminho,
Subindo mais adiante,
A pedra das 4 horas,
É um marco importante,
Pé de Serra é enfeitado,
Com as pedras do taiado,

De beleza exuberante (Lima, 2024, p. 15).

Figura 97- Serra “Taiado”



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Arelado a isso, na poesia de Manoel de Barros transcrita em partes abaixo, o quintal desempenha um papel central na apreensão da paisagem: é deste local oculto aos olhos dos transeuntes que o poeta extrai sua inspiração poética, convertendo esse lugar em um território para brincadeiras e, conseqüentemente, para a memória da infância.

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade (Barros, 2005. p. 12)

Esse ambiente vivenciado e experienciado traz a harmonia que precisamos nos dias atuais de tempos assinalados pela aceleração do capital e neocolonialismo, precisamente por ser um lugar que já ocupou e que agora reside na memória. O pesquisador André de Almeida (2022) propõe em artigo que as recordações de Manoel de Barros são apenas temporais (de memória e história), mas igualmente espaciais. É importante destacar que, é neste território ambíguo, firmado entre a realidade e a ficção que nos posicionamos para interpretar as territorialidades vivenciadas na poesia de Manoel de Barros, particularmente o quintal (Almeida, 2022).

Rememorar nossa infância é retornar ao nosso quintal (Almeida, 2022). O contato com a natureza faz com que os moradores de Pé de Serra, desde cedo, consigam identificar as plantas que possuem no lugar, pelo fato de já terem brincado sob suas sombras, no “esconde-esconde”, atrás das árvores. As benzedadeiras utilizam hortaliças medicinais, muitas delas cultivadas nas pequenas hortas do quintal, que ajudam na cura de doenças e no

afastamento do “mau olhado”.

Figura 98 - Memorial paisagístico: O verde do quintal no Pé de Serra.



Fonte: Adaptado de Jardinagem.net.com.br (2024)

Esse tipo de relação com o meio ambiente oferece resistência e se contrapõe ao modelo econômico hegemônico, conectando as pessoas às questões ambiental, social, histórica e sagrada e com os elementos da terra, fonte de vida que inspirou o trabalho de Bispo dos Santos. Por isso, a caracterização da paisagem da comunidade amalgama o meio rural como as casas, quintais, pequenos jardins e fazendas, elementos da arquitetura do lugar associados ao modo de vida dos moradores, criadores de gado e agricultores em sua maioria.

Como relata Ferreira (2010), “as paisagens rurais influenciam na formação do território das nações, inclusive no Brasil, se torna um patrimônio importante a ser preservado, devido ao forte caráter agrário presente desde o início da sua colonização” (Ferreira, 2010, p. 19), uma vez que reafirmam os hábitos em comunidade, pois como antes definido, à luz dos conceitos de Carl Sauer (1925), a paisagem é produto da ação do ser humano no ambiente em que vive.

Figura 99- Armazém da casa de moradora

Fonte: Acervo pessoal (2024)

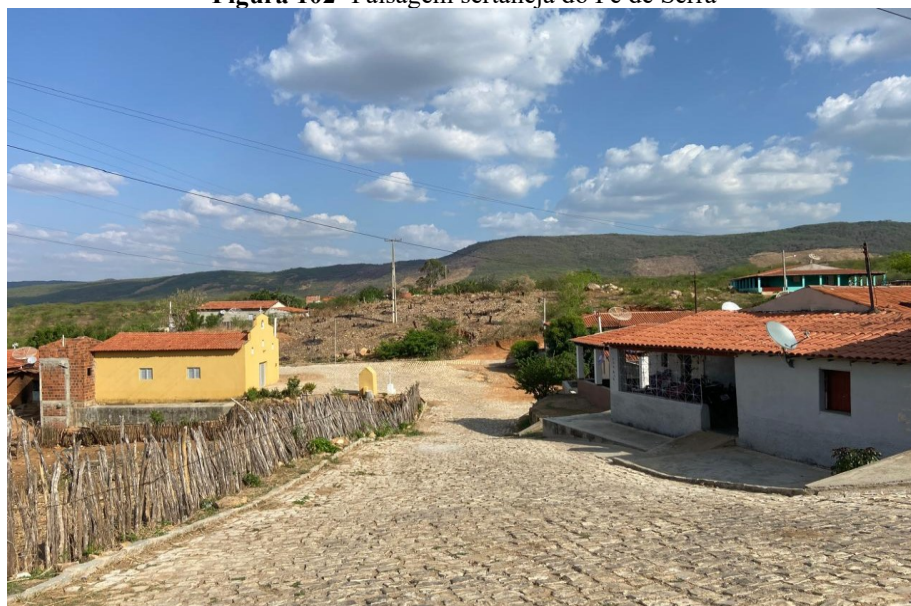
Figura 100- Estábulo de moradora

Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 101- Estábulo de moradora

Fonte: Acervo pessoal (2024)

Neste sentido, ao transcender o que é perceptível, a paisagem absorve o significado simbólico, aproximando-se da afetividade e do significado da memória. De acordo com Rafael Winter Ribeiro (2007), a paisagem é um lugar de conexão profunda, onde as comunidades sociais criam suas histórias e raízes, sendo notória a participação desses fatores na paisagem do lugar, dando formas orgânicas para o território de seus moradores que possuem essa relação mística com a terra e suas serras (Ribeiro, 2007).

Figura 102- Paisagem sertaneja do Pé de Serra

Fonte: Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 103- Aspectos naturais do Pé de Serra

Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 104- Poética da paisagem do Pé de Serra

Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 105- Casas e plantas da comunidade

Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 106- Caminhos do Pé de Serra

Fonte: Acervo pessoal (2024)

As paisagens rurais estudadas e experienciadas por Ferraz (2020) se aproximam da realidade observada na comunidade Pé de Serra. Em suas viagens pela serra da Mantiqueira, localizado na fronteira dos estados de Minas Gerais e São Paulo, o arquiteto notou que a pessoa do campo difere daquela que habita o universo urbano. Muitas vezes é a natureza que orienta o ritmo e a rapidez da sua vida, determinando o que é adequado para a agricultura e a pecuária. Em muitos lugares dos sertões, a incidência solar determina os horários de circulação nos caminhos e ruas; as nuvens “carregadas” informam se haverá chuva ou se é

preciso tanger o gado para o curral. Assim, “seu idioma nativo é o do campo cultivado ou da modesta produção manual” (Ferraz, 2020, p. 45).

A questão ambiental também desafia a religião na era moderna. Por isso, a partir na noção de “eco espiritualidade”, proposta por João Silveira e Flávio Sofiati (2016), sugerimos a leitura da relação entre natureza e habitantes do Pé de Serra. Conforme esses atores, o desafio dessa perspectiva envolve a construção de sentidos de mundo pela imaginação religiosa para suprir as necessidades humanas (Silveira; Sofiati, 2016). Assim, versos do hino de São José, cantado nas novenas da comunidade, reforçam essa ideia da relação mística do povo de Pé de Serra com a natureza.

Meu divino são José,
Pela Cruz que traz nas mãos.
Nem de fome nem de cede,
Não mate seus filhos, não!
Quem tiver suas promessas só faça com são José.
Ele é milagroso!
Meu Jesus de Nazaré.
Quem tiver sua devoção,
Só faça de coração,
Cada hora e cada estante,
Vem chuva de Deus no chão (Hino oficial da Capela de São José, 2013).

A fé expressa-se por meio da contemplação dos fenômenos da natureza - vento, terra, água, chuva, pântanos, montanhas e rios. Toda as expressões objetivas e sensíveis da natureza são expressões do sagrado. No município de Doutor Severiano, há um terreiro de Umbanda que recebe pessoas da comunidade, embora confirmem pertencerem à religião católica. Isso evidencia que outras tradições e crenças estão presentes nas relações cotidianas da comunidade. Sua população possui forte vínculo com a natureza, sobretudo a terra que tudo provém. Laços são atados entre pessoas e natureza, fortalecendo o pertencimento das pessoas com o lugar e a paisagem.

Figura 107- Açude de Pé de Serra

Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 108- Decoração da festa de São José em frente a capela

Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 109- Canafistula

Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 110- Paisagem da capela da comunidade

Fonte: Acervo pessoal (2024)

Além disso, para a análise da paisagem, foi feita uma coleta de imagens de hortas existentes nos quintais de casas da comunidade Pé de Serra. Os residentes trabalham a terra, realizando seus próprios plantios. Nos quintais, não existe horta comunitária. Como mostra a figura 111, os cultivos mais notáveis deste território incluem bananas, coqueiros, limões, mangueiras, além de hortelã, cidreira, romã, capim santo, laranjeira, cebolinha, coentro e outros. Bispo dos Santos (2023, p. 59) pergunta: “Qual a parte mais necessária de uma casa no quilombo? É o quintal [...] é onde as crianças aprendem a fazer tudo”. Ali reúnem-se familiares e amigos para estreitarem laços afetivos de compadrio. Ali também o contato com

a terra e as plantas é íntimo, estabelecendo a estreita conexão entre a natureza sagrada e o corpo.

Figura 111: Hortas da comunidade dos moradores de Pé de Serra¹⁴



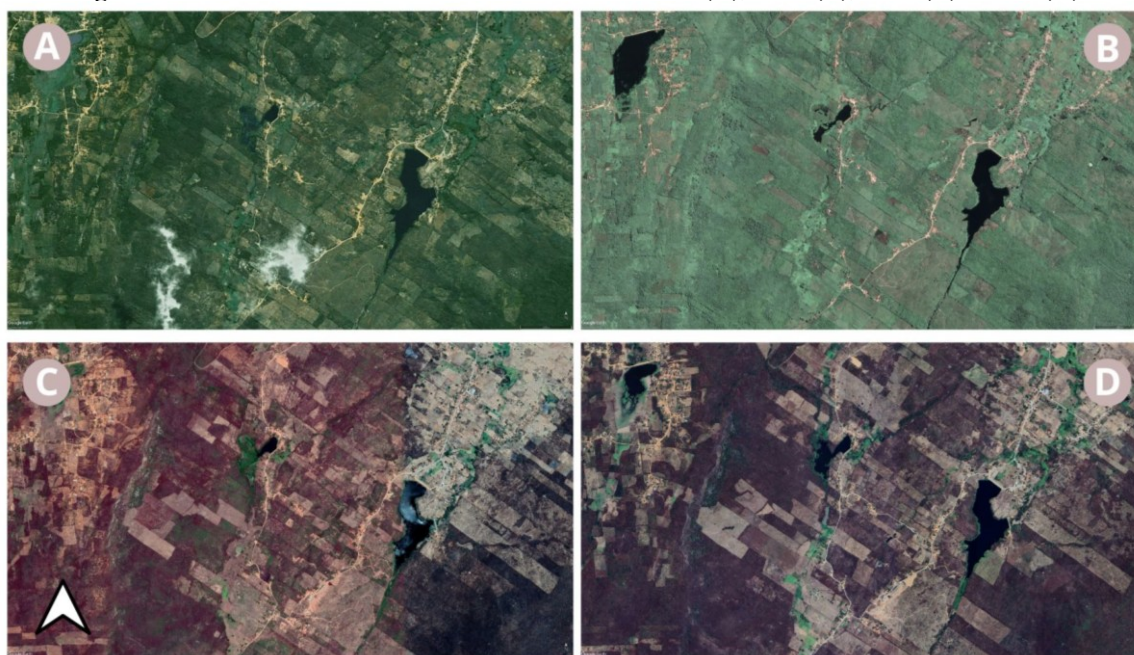
Fonte: Acervo pessoal (2024)

¹⁴ Esse levantamento fotográfico de hortas da comunidade, foi realizado com o intuito de servir como base para identificação desses exemplares no “mapa de hortas no Pé de Serra” que será apresentado no próximo tópico.

5 CARTOGRAFIAS DA VOZ

De acordo com a análise realizada no recorte territorial da comunidade, entre os anos de 2004, 2010, 2018 e 2024, verifica-se a influência de certos fatores geográficos e antrópicos na construção histórica da paisagem do lugar. Partindo desse pressuposto e com base nas imagens de satélite retiradas do *Google Earth*, houve um crescimento significativo de moradias nessa região ao longo daqueles anos. Além dessas áreas construídas e das estradas elaboradas, os roçados igualmente definem a forma do sítio Pé de Serra.

Figura 112- Comunidade de Pé de Serra nos anos de 2004 (A), 2010 (B), 2018 (C) e 2024 (D)



Fonte: Adaptado de Google Earth (2024)

As abordagens de Kevin Lynch (1960), Gordon Cullen (1961) e Vicente Del Rio (1999) têm em comum o enfoque na análise morfológica e entendimento do território, enfatizando aspectos físicos, emocionais e funcionais que auxiliam na formação da imagem do lugar e na qualificação da paisagem. As reflexões dos autores atestam a relevância da percepção humana na construção do lugar, tecendo a conexão entre as propriedades visuais, espaciais e funcionais do espaço construído e as experiências individuais e comunitárias dos residentes.

Uma outra semelhança entre as metodologias dos pesquisadores citados é o destaque dado à relevância da representação visual e cartográfica na compreensão do território. Os mapas temáticos são frequentemente usados para ilustrar as características e as relações espaciais descobertas durante as pesquisas, proporcionando o entendimento claro das complexidades do ambiente urbano e da percepção de lugar dos habitantes de Pé de Serra. Tais abordagens visam fornecer um entendimento fundamental da interação entre os

residentes e o ambiente construído, levando em conta tanto a dimensão subjetiva quanto à materialidade do território e das paisagens do lugar.:

Gordon Cullen (1961) sugere uma perspectiva simultaneamente pragmática e sensorial, enfatizando a relevância da interação entre arquitetura, espaço urbano, paisagem e ambiente rural. Ele distingue três maneiras pelas quais o ambiente pode influenciar as emoções: ótica, lugar e conteúdo, cada uma ligada a diferentes aspectos visuais, topológicos e de significado.

Em sua análise morfológica, Vicente Del Rio (1999) examina o tecido urbano levando em conta seu processo de urbanização e mudanças sociais. Ele sugere uma interpretação da cidade em três esferas organizacionais: coletiva, comunitária e pessoal. Sua abordagem enfatiza quatro elementos: crescimento, estruturação e subdivisão, tipologia dos componentes urbanos e conexões, oferecendo uma avaliação estruturada da conexão entre os componentes organizadores do espaço urbano.

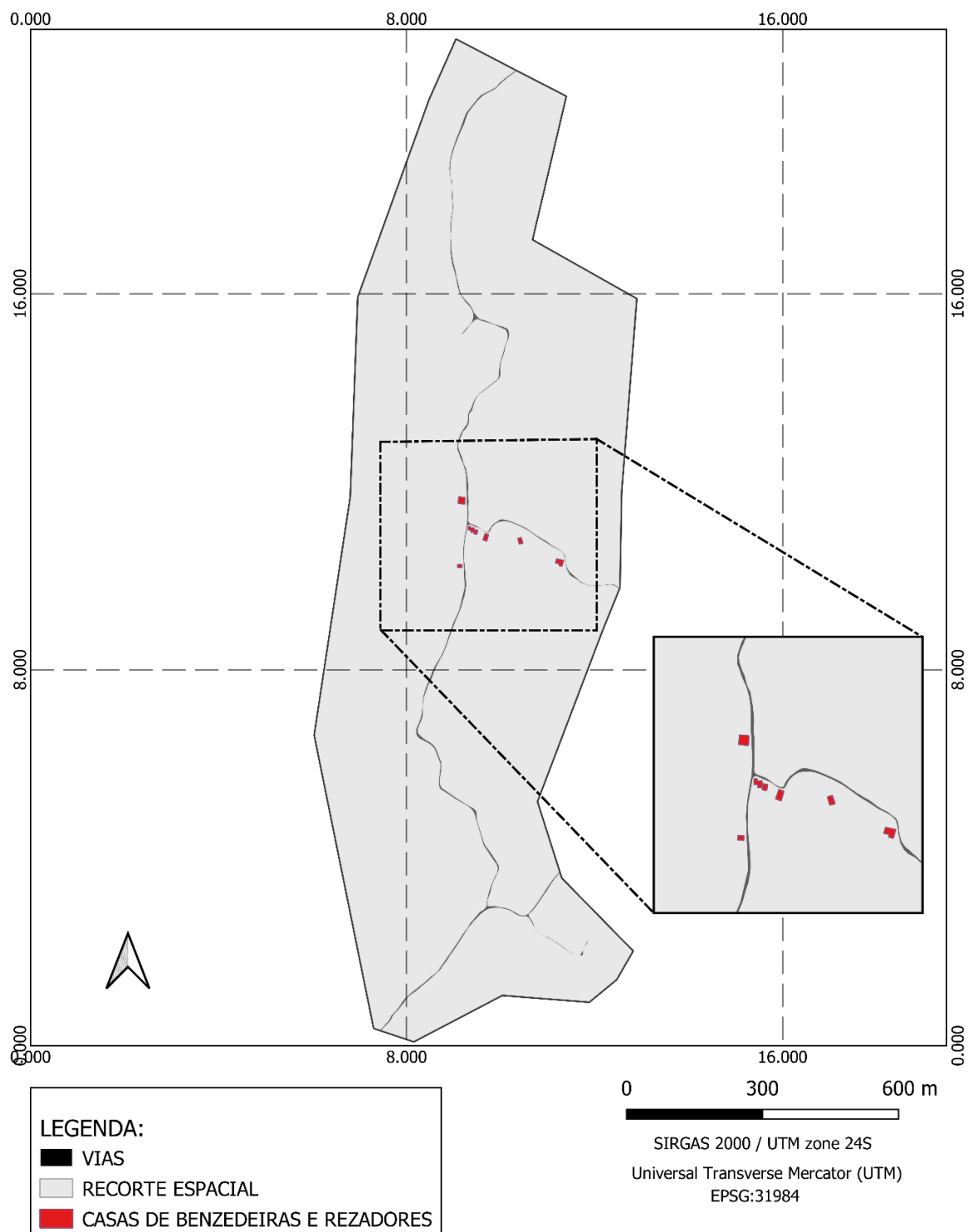
A abordagem de Kevin Lynch (1960) é empregada para analisar a cidade em relação às suas características e componentes estruturais, uma visão autêntica do ambiente sob a perspectiva do significado da cidade. Os seus estudos estão vinculados a três características urbanas: "legibilidade" - refere-se à facilidade com que a imagem pode ser percebida e criada com uma riqueza de detalhes e significados, levando posteriormente a uma organização prática, fácil e coerente. No entanto, quanto maior a quantidade de riqueza de detalhes, maiores são os riscos na interpretação da coerência imagética da cidade.

No que se refere à "Identidade, Estrutura e Significado", que se desdobra na percepção do ambiente em três elementos: o primeiro, a Identidade, é a identificação clara e perceptível na paisagem, capaz de diferenciá-la das demais, na ideia de unidade, não de igualdade, mas de individualidade ou singularidade. O segundo elemento, a Estrutura, refere-se a imagens que precisam estar em harmonia com as imagens internas previamente estabelecidas; finalmente, o "Significado" está ligado à percepção do usuário sobre o ambiente. A terceira qualidade para adotar a metodologia é a "Imageabilidade", segundo o autor, está ligada à força de um objeto ser evocado visual e potencialmente em imagem mental (Lynch, 1960, p. 18).

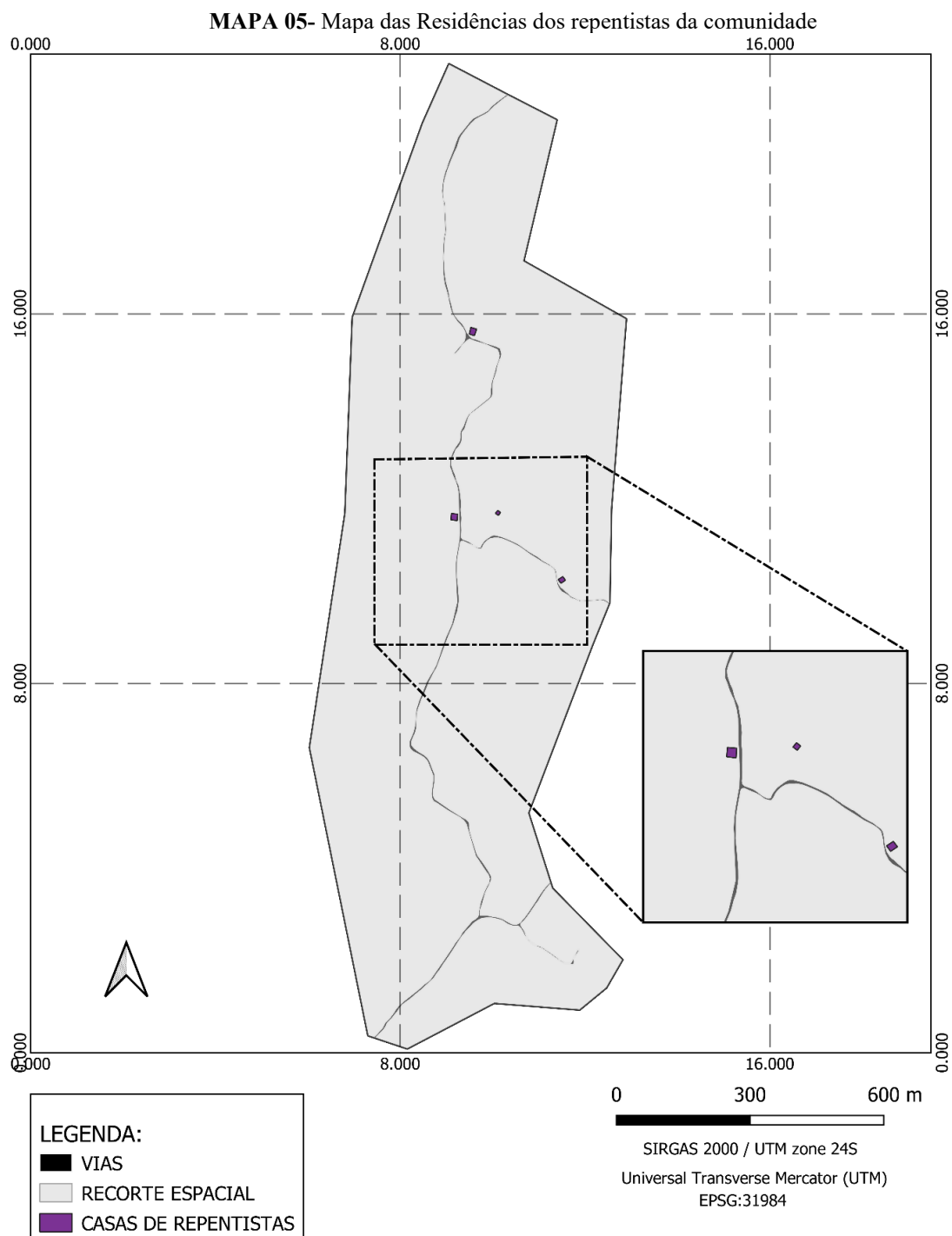
Nesse contexto, os Mapas 04, 05 e 06, desenhados a partir de informações coletadas na segunda metade do ano de 2024, representam elementos da cultura e cristalizam visualmente, em alguma medida, a memória dos moradores na construção de territórios e territorialidades, como as residências, sejam de cordelistas, benzedeiros e repentistas ou não. Um dos elementos significativos é a ideia de vizinhança, que a estrutura morfológica e a

proximidade das casas apresentam. Na ideia de vizinhança há trocas de experiências entre esses moradores que as partilham cotidianamente.

MAPA 04- Mapa das Residências das benzedadeiras e rezadores da comunidade

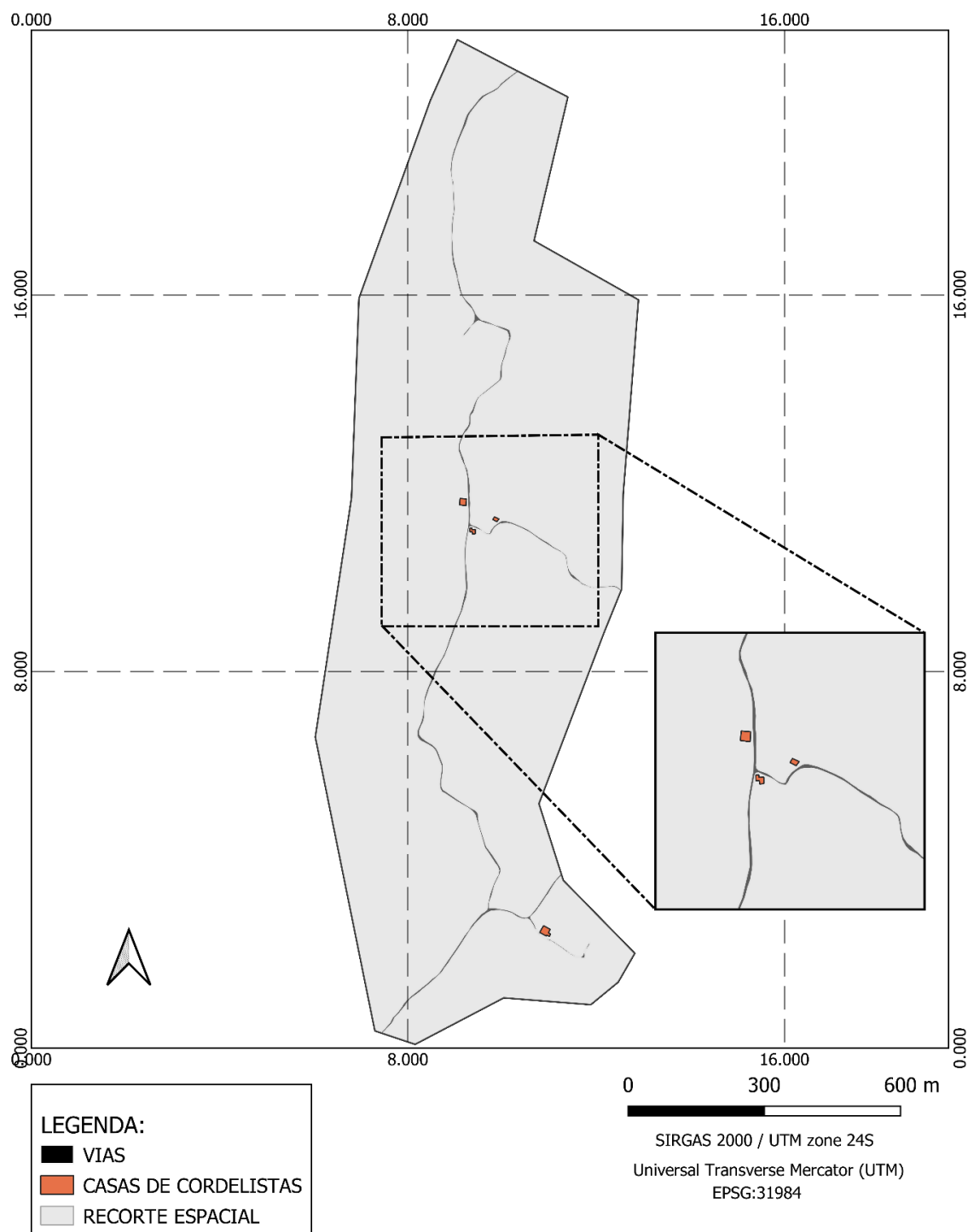


Fonte: Autoria própria, elaborado no software QGIS (2024)



Fonte: Autoria própria, elaborado no software QGIS (2024)

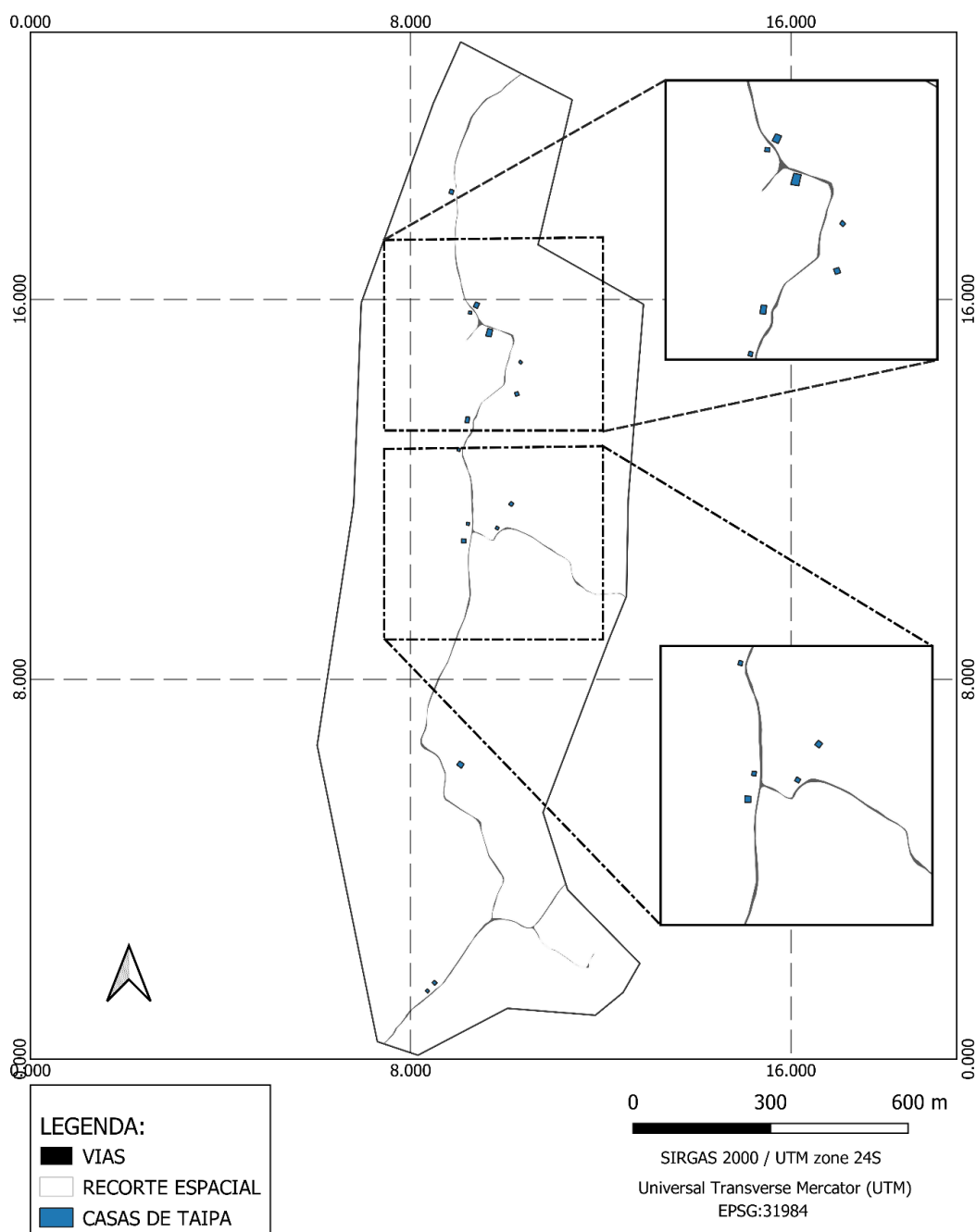
Esses componentes abstratos e tradições de oração, canto e recitação dão significado à arquitetura comunitária e formam sua paisagem cultural, confirmando a influência da cultura da voz na construção do território e territorialidades. Neste aspecto, os habitantes de Pé de Serra estabelecem, com base em suas crenças e vínculos místicos com a natureza, o significado de suas sensibilidades artísticas, de acordo com suas experiências comunitárias e memória (Mapa 06).

MAPA 06- Mapa das Residências dos cordelistas da comunidade

Fonte: Autoria própria, elaborado no software QGIS (2024)

A comunidade ainda possui edificações que utilizam a técnica de taipa de mão, um método de construção formulada, a partir de uma trama de madeira para criar paredes. É uma técnica milenar que usa materiais naturais e locais, o que a torna ecológica e sustentável, inclusive alguns desses exemplares são utilizados para eventos culturais dentro da comunidade (Mapa 07).

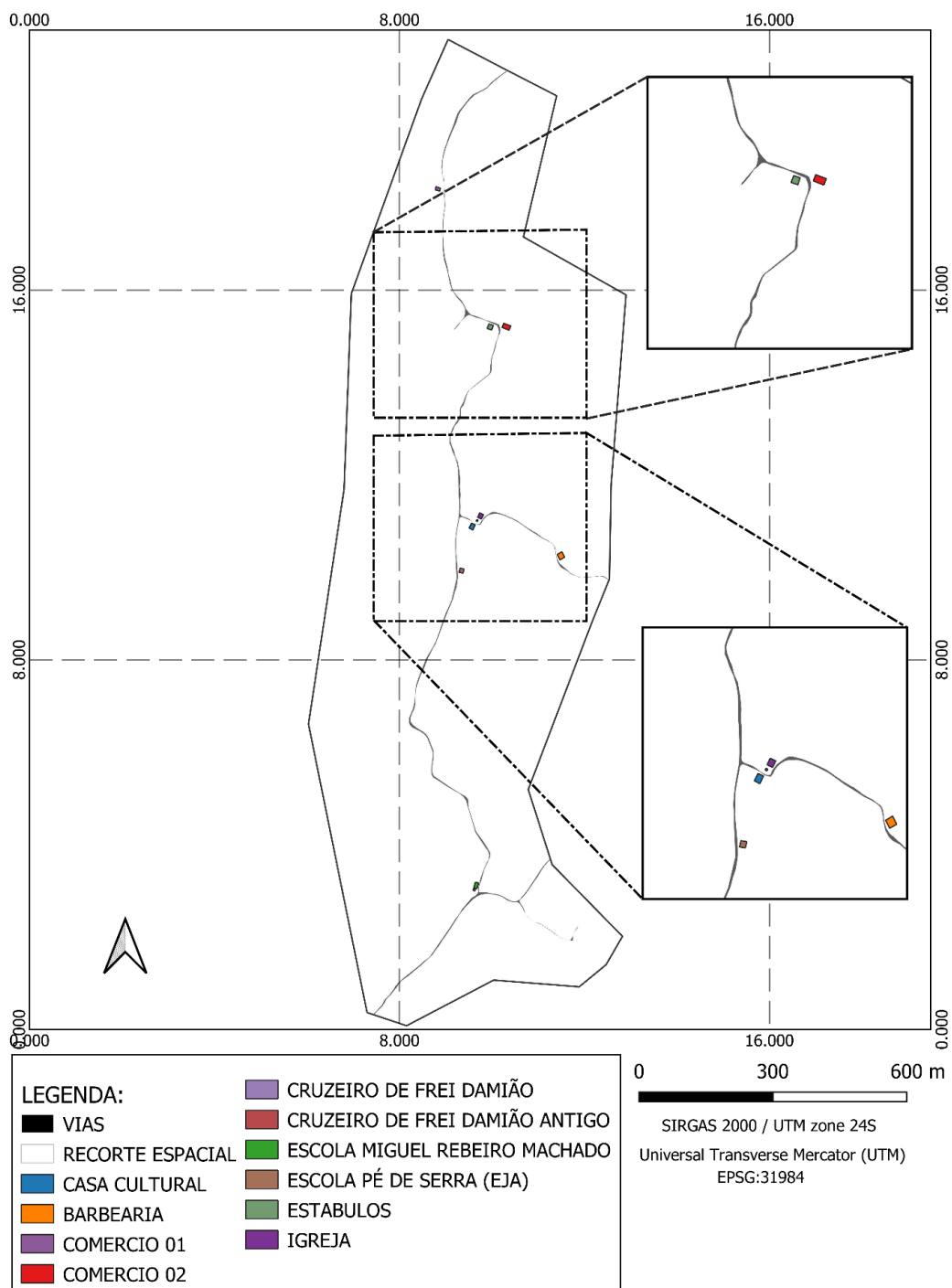
MAPA 07- Mapa das Casas de taipa e de tijolo aparente



Fonte: Autoria própria, elaborado no software QGIS (2024)

Além das moradias dos artistas, os “marcos” identificados na obra de Lynch não só têm características de identidade, como também contribuem para a delimitação de pontos de

referência. Isso ocorre porque um objeto de destaque na paisagem pode delimitar territórios e direcionar os usuários. As principais edificações e marcos da comunidade identificados são: capela; Escola José Ribeiro Campos; Ponto de comércio - Vendinha de Wilson de Lopes; Ponto de comércio - Bar de Xavier; Ponto de comércio - Barbearia de Mateus Alves; Campo de futebol e a Casa de Marizô (aberta para eventos culturais da comunidade) e cruzeiro dos Ribeiros. Nota-se ainda que há o predomínio de edificações térreas (Mapa 08).

MAPA 08- Mapa dos Marcos - Principais edificações da comunidade e seus usos

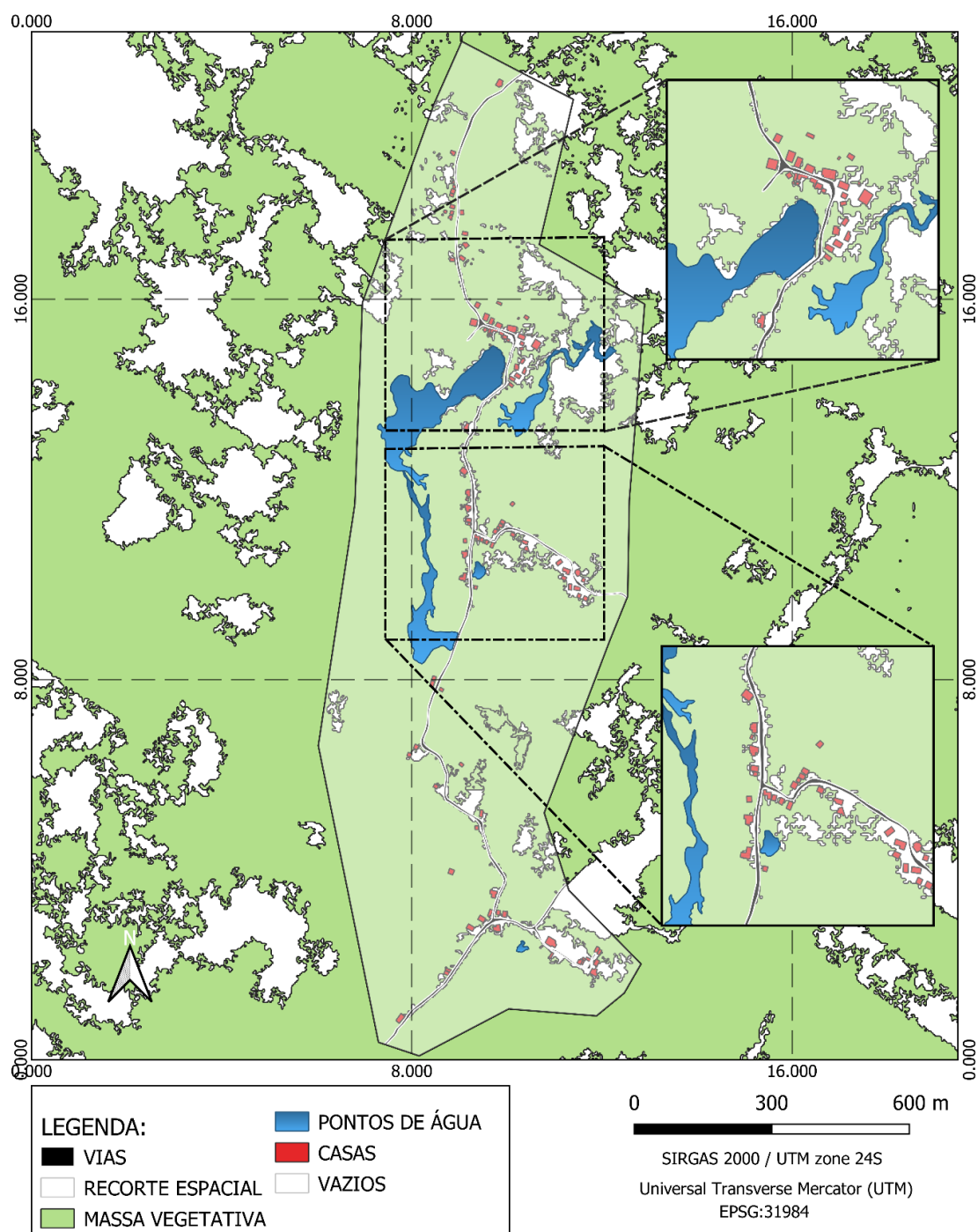
Fonte: Autoria própria, elaborado no software QGIS (2024)

Todas as experiências visuais geram e afetam as emoções e percepções pessoais que não estão ligadas exclusivamente ao conhecimento científico. Desse modo, Cullen (1961), indica três formas como o ambiente pode provocar sentimentos: a “Ótica”, que se sobressai nesse estudo, diz respeito a reações estéticas a percursos, espaços, territórios, edificações ou detalhes, entre outros elementos da paisagem retratados nos mapas temáticos.

As vegetações do Pé de Serra formulam-se basicamente em plantas e árvores, frutíferas e hortaliças, dentre elas: Cajazeira; Juazeiro; Lírio; Pinheira; Pitombeira; Mangueira; Cajueiro; Eucalipto; Cirizeira; Limoeiro; Coqueiro; Palmeira; Urucum (coloram); Girassol; Samambaia; Comigo ninguém pode; Espada de São Jorge; Boa noite; Nove horas; Romã; Endro; Coentro; Corama; Babosa; Arruda; Cacto e Palma.

É importante citar também os “pontos” de água no Pé de Serra: Açude da comunidade; Barragem de Lope; Barragem de José Belé; Paumocó; Cacimba (Adalgiza); Cacimba (Filhos de Julho); Açude de Neném; Cacimbão (Milton); Cacimbão (Damião); Cacimbão (Pedro Lúcio); Cacimbão (Arimatéia) Cacimbão (Juarez), Cacimbão (Van Pinheiro), Barragem dos meninos de Julho; Açude de Edim; Cacimbão de Edim; Cacimbão de Xavier; Cacimbão de Lope; Cacimbão de Vandeilson; Açude de Totô; Cacimbão de Elias Pinheiro; Cacimbão de Gabriel e Cacimbão de Gabriel (Mapa 09).

MAPA 09- Mapa Vegetações e pontos de água

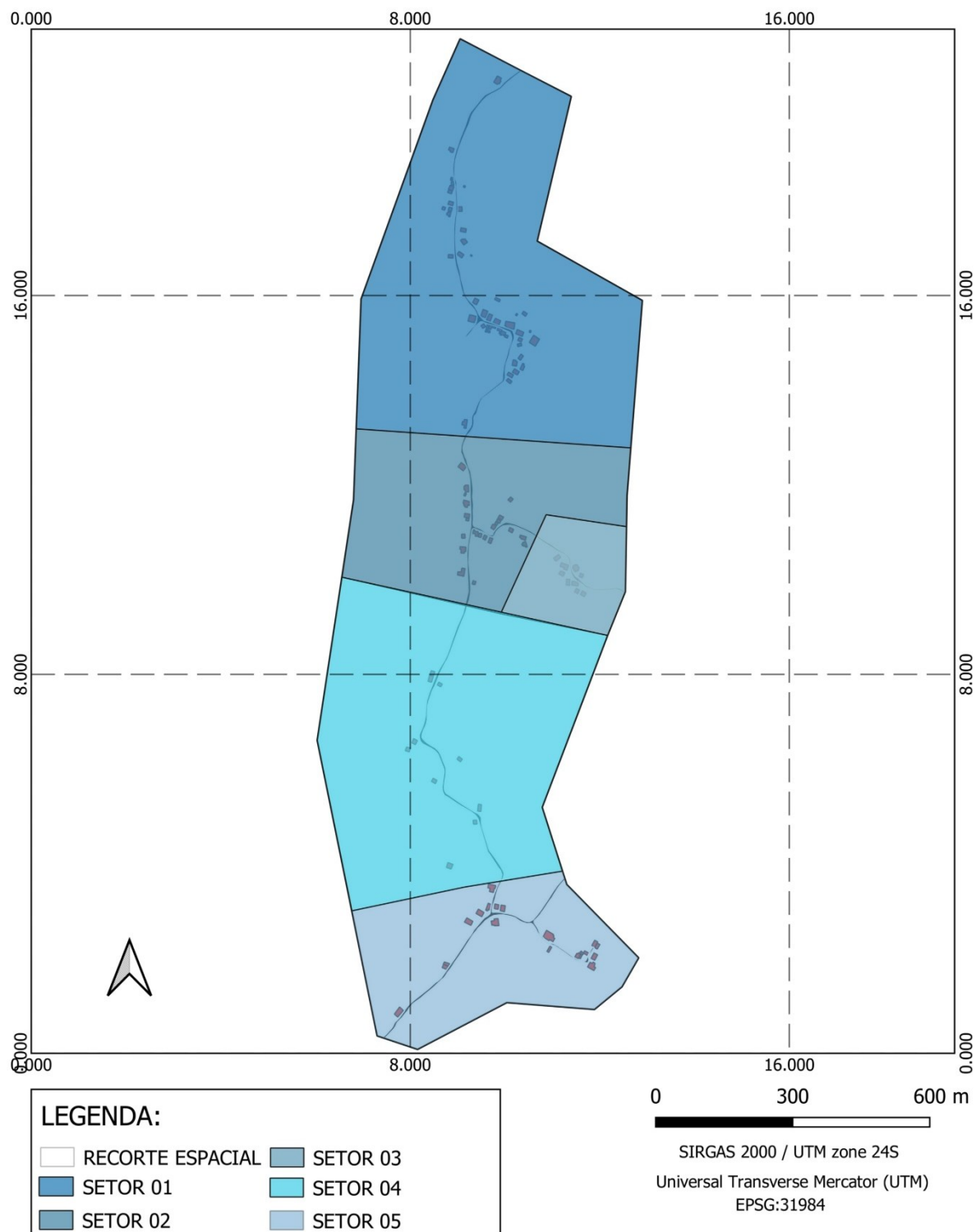


Fonte: Autoria própria, elaborado no software QGIS (2024)

Mediante leitura interdisciplinar e integração de diversos elementos, fica evidente a complexidade da interação entre arquitetura, urbanismo, história, antropologia, geografia humana e outras disciplinas. Assim, levando em consideração os critérios de identificação estruturantes da paisagem (Mapa 10), fracionamos o território em cinco setores: Pé de Serra de baixo (setor 01); Pé de Serra central (Setor 02); Os Belé ou o alto (setor 03); Pé de Serra

de cima (Setor 04) e os Ribeiros (setor 05). Geralmente, cada setor é denominado pela geografia e pelas famílias que residem em cada localidade.

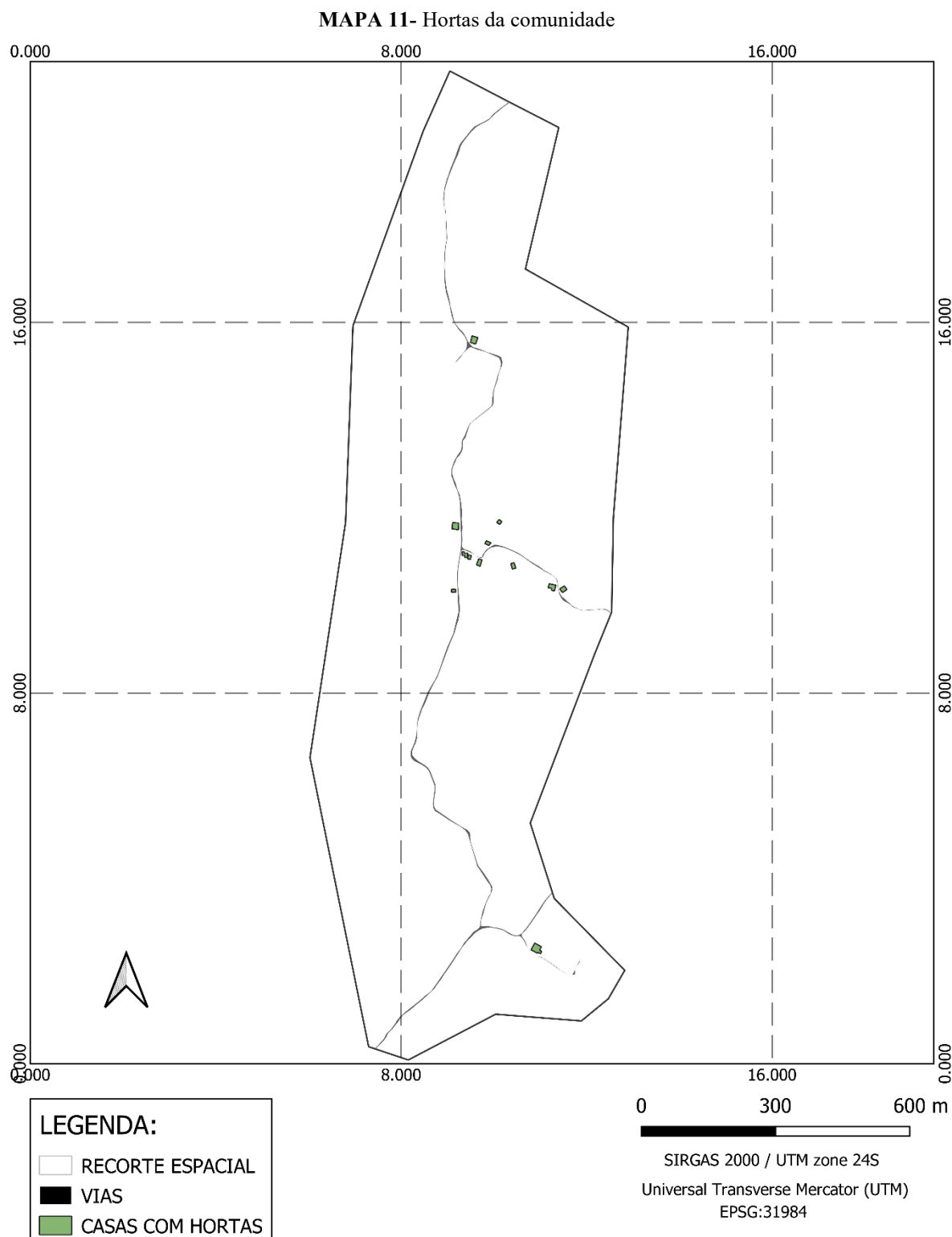
MAPA 10- Mapa dos Setores do Pé de Serra



Fonte: Autoria própria, elaborado no software QGIS (2024)

Para criar o mapa das hortas do Pé de Serra (Mapa 11), foi realizado o registro fotográfico das flores, árvores e plantações antes mencionadas, além de uma pesquisa de

campo com o objetivo de identificar a presença desses objetos naturais na paisagem do Pé de Serra. A amostra de estudo foi definida com base nas casas das benzedadeiras, repentistas e cordelistas. Os dados são apresentados no mapa a seguir:

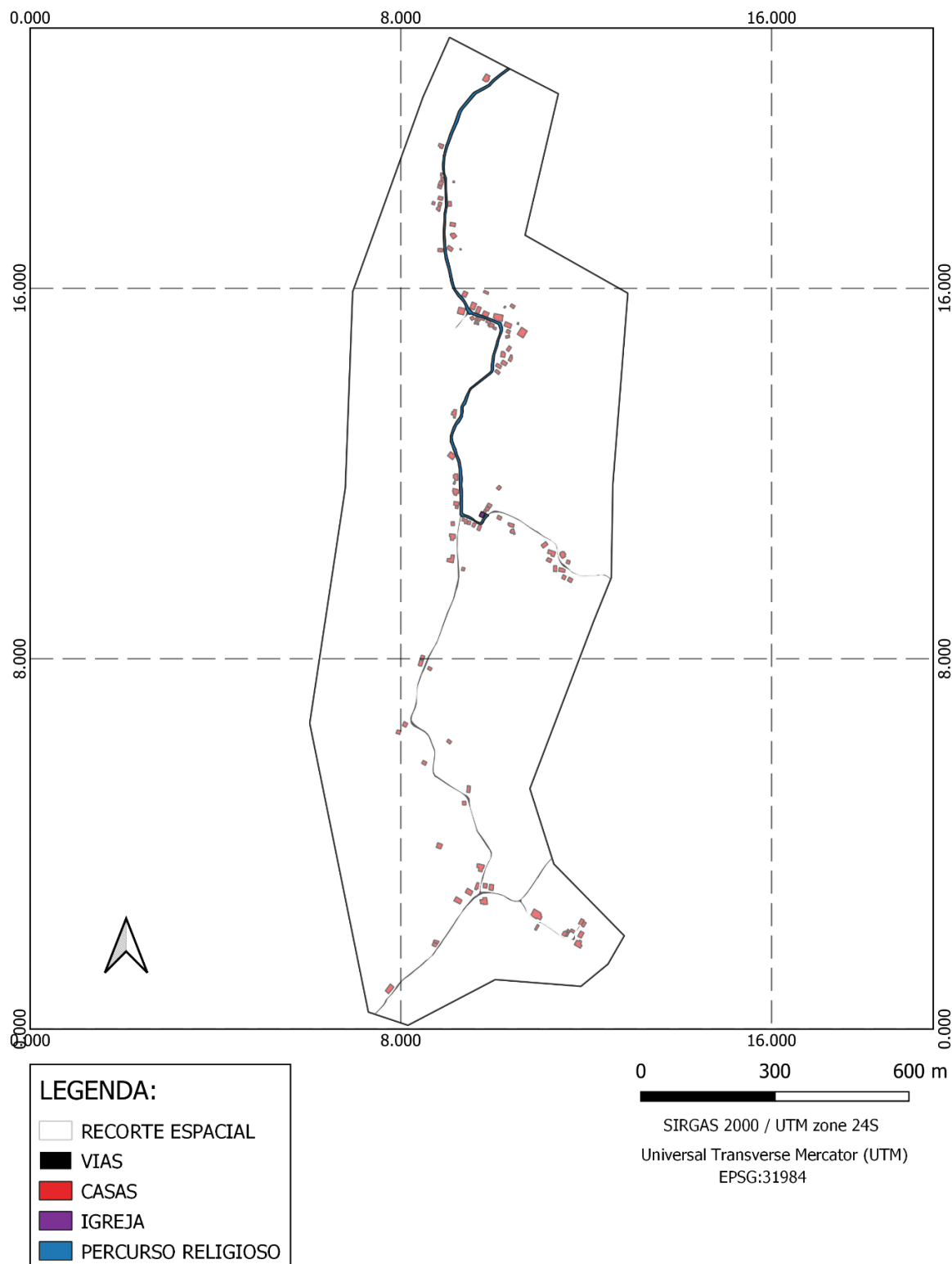


Fonte: Autoria própria, elaborado no software QGIS (2024)

Para identificar um dos rituais religiosos mais proeminentes na comunidade -a procissão de São José -, foi criado um mapa que ilustra o trajeto que os moradores performam

em procissão, partindo do Pé de Serra de baixo e terminando na capela local. Na execução do caminho processional, observa-se mais uma vez os vínculos subjetivos e sacros entre ser humano e natureza, pois durante o evento, as pessoas lavam os pés no açude, rito que simboliza a fé e a memória coletiva ao experienciarem o território (Mapa 12).

MAPA 12- Caminho percorrido nas procissões de São José na comunidade.



Fonte: Autoria própria, elaborado no software QGIS (2024)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois do apresentado neste trabalho, fica evidente que a cultura e o corpo constroem territórios, paisagens e territorialidades. Para justificar essa afirmação, a comunidade Pé de Serra, localizada na cidade de Doutor Severiano/RN, foi objeto de estudo dessa pesquisa. Sua arquitetura, paisagens e seus patrimônios material e imaterial significativos colaboram para percepção mais humanista da relação entre corpo e natureza.

Cabe frisar que o objetivo foi chamar a atenção para as definições de paisagem, lugar e território obtidas a partir de experiências pessoais da autora e moradora do sítio Pé de Serra. Não se buscou simplesmente transcrever definições oriundas de estudos dos principais centros de poder acadêmico. O amor pelos lugares e valores afetivos, sociais, históricos e culturais particulares são igualmente agentes da construção epistemológica daquelas categorias geográficas/arquitetônicas.

A fundamentação teórica e prática apresentada neste trabalho buscou atender aos objetivos da pesquisa, com o foco na área de arquitetura e urbanismo, mas dialogando com a história, antropologia, a estética, os estudos decoloniais/contracoloniais e geografia humana. Além disso, o emprego de mapas temáticos e as fotos das paisagens pessoais reforçaram a relevância de reconhecer a história e a memória da comunidade que poderá ser repassada para as a posteridade. Com afeto e sem nostalgia exagerada, os costumes de rezar, cantar e recitar não podem se perder nos meandros incertos do futuro, pois são alguns dos principais fatores que atuam na produção dos territórios, na configuração de territorialidades e representação de paisagens.

Dessa maneira, o entendimento em relação ao contexto histórico das culturas imaterial e material é capital. Mediante a história, nota-se a presença do colonialismo sobre as populações autóctones. Essa dimensão tem anulado práticas sociais e desmerecido técnicas construtivas de moradas que não se ajustam ao sistema do capitalismo neoliberal. O duplo modernidade/colonialidade criticado nos estudos decoloniais promove, no tempo presente, o esquecimento e, nessas circunstâncias, memórias, experiências de vida diversas e a relação ser humano e natureza tem sido obscurecidas.

Ademais, definições de território, lugar e paisagem foram apresentadas a partir da memória e de aporte teórico circunscrito sobretudo nos estudos decoloniais. Esse exercício nos ajudou a desconstruir (pré)conceitos e imaginários impostos aos povos subalternizados pela colonialidade do poder. Por outro lado, este trabalho busca contribuir aos estudos da Arquitetura e Urbanismo centrados não apenas na produção arquitetônica “erudita”, mas naquela construída por saberes e conhecimentos adquiridos de diferentes fontes.

As casas das benzedadeiras, cordelistas e repentistas são exemplares nesse aspecto, por se tratarem de territorialidades criadas mediante o entrelaçamento da memória e do pertencimento. Essa pesquisa estreitou a relação entre comunidade rural e universidade, percebendo que a ecologia dos saberes pode ser um método que beneficia acadêmicos e sociedade.

Por fim, essas considerações fornecem o conhecimento científico necessário para que os moradores de Pé de Serra tenham, além do conhecimento adquirido historicamente, um direcionamento teórico-conceitual. O objetivo disso é que eles consigam registrar para a posteridade suas memórias, seu modo de vida, formas de construir, suas festividades, os vínculos com a natureza, a celebração dos/das artistas locais e a poética de comunicarem seu lugar e pertencimento tanto por meio de objetos culturais, quanto por expressões do intangível.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p.

ALBAGLI, S. **Território e territorialidade**. Em Vinícius Lages, Christiano Braga e Gustavo Morelli (Orgs.) **Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva**. Rio de Janeiro: RelumeDumará/Brasília, DF: SEBRAE, 2004.

ARAÚJO, Rosângela Costa. *Iê, viva meu mestre — a Capoeira Angola da 'escola pastiniana' como práxis educativa*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

ARRAES, Esdras. **Sertões: habitar a simplicidade, reconhecer a poiésis do lugar**. Rio de Janeiro: Editora Paisagens Híbridas, 2022.

ARRAES, Esdras et al. **POÉTICAS DA SIMPLICIDADE: ORNAMENTO E ARQUITETURA RESIDENCIAL URBANA DOS SERTÕES DO NORDESTE**. In: Anais do Seminário Brasileiro de Arquitetura Vernácula Popular: tradição e contemporaneidade. Anais. Niterói(RJ) UFF, 2024. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/4-seminario-brasileiro-de-arquitetura-vernacula-popular/853738-POETICAS-DA-SIMPLICIDADE--ORNAMENTO-E-ARQUITETURA-RESIDENCIAL-URBANA-DOS-SERTOES-DO-NORDESTE>. Acesso em: 30/12/2024.

ARRAES, Esdras; FERREIRA, Anna Cristina Andrade. *Preexistências indígenas na construção das paisagens e territórios da capitania da Paraíba, séculos XVI-XVIII*. In Anais do 9º Encontro Internacional de História Colonial: dimensões globais e locais dos impérios coloniais. São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2023. p. 95-112.

BAHIA. Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia. *Programa de governo, 1972-1974*. Salvador: SEPLANTEC, 1971. P. 352.

BARROS, Manoel. *A arqueologia de um estilo*. In.: Poesia Sempre, ano 13; número 21, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional; 2005.

BARROS, Manoel. *"Memórias inventadas – a Infância"*. São Paulo: Planeta Editorial, 2003.

BISPO, Antônio dos Santos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

BISSON, Marie-Franc. *Vernáculo moderno? Uma compreensão da noção de arquitetura vernácula e suas garantias com a modernidade arquitetônica*. Universidade de Quebec em Montreal, 2007, p. 1-160.

BESSA, Patricia Lourenço de et al. **Estudo de caso entre os municípios de Água Nova, Riacho de Santana, Encanto, Doutor Severiano e Pau dos Ferros/RN como pólo central**. Redes Urbanas Interiorizadas do Semiárido Potiguar: urbanizações, processos e formas da (re) estruturação territorial das cidades pequenas e médias. Pau dos Ferros/RN: GPUR – Grupo de Pesquisa em Urbanização, Políticas e Projetos Físico-territoriais, da universidade

Federal Rural do Semi-Árido, 2022.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.

BORGES, Gerson Kaio Lima. *Memória, imagem e lugar: sobral, maneiras de ver e imaginar o bairro junco*. Revista Homem, Espaço e Tempo. v. 11, n. 2. Sobral – CE, 2017. p. 97-126.

BOURDIN, Alain. *A Questão Local*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro, 1988.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro, 1988, p. 159.

BRASIL. *Constituição (1934)*. Lex: Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 16 de julho de 1934.

BRASIL. Ministério da Cultura, 2024.

BRASIL, Secretaria Nacional da Juventude. *Diagnóstico Situacional e Diretrizes para Políticas Públicas para as Juventudes Rurais Brasileiras*. Brasília-DF, 2018.

BURKE, Peter. “Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro”. In: *A escrita da História. Novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992, p. 7-37.

CALHEIROS, Karla Rachel Jarsen de Melo. **A cura através da fé: Um olhar sobre as benzedoiras/rezadeiras alagoanas**. Universidade Federal de Alagoas. IX Mestres e Conselheiros Agentes Multiplicadores do Patrimônio Belo Horizonte/MG, 2017.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.193-194.

CARDOSO, Diogo. et al. *Espacialidades e ressonâncias do patrimônio cultural: reflexões sobre identidade e pertencimento*. GOT. Revista de geografia e ordenamento do território, n. 11, 2017, p. 83-98.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Tradição, ciência do povo: pesquisas na cultura popular do Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1984.

CASTRO, Bárbara Emanuela da Rocha; MELO, Kelly Cristina Baeta de. **Benzedores e Sentinelas: Idosos são guardiões de tradições milenares**. UFAL. 2007.

Carvalho Ferraz, Marcelo. **Arquitetura rural na Serra da Mantiqueira**. Instituto Lina Bo e P.M. Bardí, São Paulo; 2ª edição, 1996.

CAVIGNAC, Julie. **A literatura de Cordel no Nordeste do Brasil**. Natal: Edufrn, 2006.

CIAM. Carta de Atenas, Atenas: 1931.

CLAVAL, P. O território na transição da pósmodernidade. *GEOgraphia*, v. 1, n. 2, 1999.
Cullen, Gordon. Paisagem urbana / **Gordon Cullen**. Publicação: Lisboa. P. 70. 1996.

CUNHA FILHO, Francisco Humberto. **Teoria dos direitos culturais: fundamentos e finalidades**. São Paulo: SESC, 2018.

CYMBALISTA, Renato. Lugares de memória difícil: as medidas da lembrança e do esquecimento. Patrimônio cultural: memória e intervenções urbanas. Tradução. São Paulo: Annablume/Núcleo de Apoio e Pesquisa São Paulo, 2017. Acesso em: 31 jan. 2025.

DECRETO nº 25, de 30 de novembro de 1937. Lei federal brasileira que organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional, 1937.

DECRETO nº. 3.551, de 4 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural, 2000.

DEL RIO, Vicente, 1955. Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento. São Paulo: Pini, 1990.

DELEUZE, G e GUATTARI, F. Mil Platôs. São Paulo: Editora34, 1995.

DOMINGUES, Â. (2011). “Desde Piso e Marcgrave que ninguém com curiosidade tolerável descreveu a natureza brasileira”: Os relatos de Cook, Banks e Parkinson e a construção de imagens do Brasil colonial. *Revista Almanack*, (1), 35-51.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. 3. ed. São Paulo: Wmfmartinsfontes, 2010.

SILVA, Sandro Dutra e. História ambiental, história indígena e relações socioambientais no Semiárido Brasileiro, 2018.

FATHY, Hassan. Construindo com o povo: **arquitetura** para os pobres. Rio de Janeiro: Salamandra, 1980. P. 115.

FERRAZ, Marcelo Carvalho. **Arquitetura rural na Serra da Mantiqueira**. 2ª edição, São Paulo, Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1996.

FERREIRA, Anna Cristina Andrade. **O descuido de se tombar: a importância da paisagem cultural dos engenhos de cachaça e rapadura como patrimônio do município de Areia**. 2010. 202 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FREITAS, Cesar Gomes. Desenvolvimento local e sentimento de pertença na comunidade de Cruzeiro do Sul – Acre. – Campo Grande, MS: [s.n.], 2008.

GIL, Antônio Carlos, 1946-. Como elaborar projetos de pesquisa - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GONZÁLEZ REY, Fernando. Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação. São Paulo: Editora Pioneira Thomson Learning, 2005.

GOULART, Renata Meirelles e o documentarista David Reeks. **Diálogos do Brincar #13: 'O brincar no Território Urbano', com Beatriz Goulart.** Território do brincar. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=athwsO7a8-c>. Acesso em 11 de out. de 2017.

GRAMSCI. Política e história em Gramsci. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GUTIÉRREZ, Ramón. Arquitetura Latino-Americana: Textos para Reflexão e Polêmica. São Paulo: Nobel, 1989.

HAESBAERT, Rogério. **Por amor aos lugares / Rogério Haesbaert.** 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

HALL, S. Da diáspora: identidades e mediações culturais. 1. ed. atualiz. Belo. Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro Editora, 2006.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Industrial de Inovação Tecnológica 2000.** Rio de Janeiro, 2002.

HEIDEGGER, Martin. Construir, Habitar, Pensar. In: Ensaios e Conferências. (trad.) Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes. 2ª ed. 2002.

HIGA, Carlos César. "Período Neolítico"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiag/neolitico.htm>. Acesso em 18 de dezembro de 2024.

INFOESCOLA, 2019. Disponível em: <https://www.infoescola.com/> Acesso em: 12 de set. De 2024.

JOLY, A.B. 1983. Botânica, introdução à taxonomia vegetal. 6º edição. p. 777. 2005.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN).

Patrimônio imaterial. Estatuto da Fundação Nacional Pró-Memória, 1979.

JOLY, F. A Cartografia Editora Papirus, São Paulo, 2005 (8ª edição).

KASTRUP, V.; BARROS, R. B. **Movimentos funções do dispositivo na prática da cartografia.** In: Virgínia Kastrup; Eduardo Passos; Liliana da Escóssia. (Org.).

KAEFER, Luis Fernando – A evolução do Concreto Armado - 1998, p. 22.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATIF, Antonia Cassab, Aloísio Ruschinsky, **Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral**, BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da

Informação : v. 16. 2004.

LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia urbana** e desenho da cidade. Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2004.

LAKATOS, EM; Marconi, MA. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2010.

LAPLANTINE, François; RABEYRON, Paul-Louis. **Medicinas paralelas**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LEAL et al. Arquiteturas dos quilombos da Bahia : território, natureza, tempo, cultura, etnicidade. 2023.

LE GOFF, Jacques. **Em busca da Idade Média: conversas com Jean-Maurice de Montremy**. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 464-474.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 1990.

LOUV, Richard. A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza. 1. ed. São Paulo: Aquariana, 2016.

MACÊDO, Fábio. Arquiteturas dos quilombos da Bahia: território, natureza, tempo, cultura, etnicidade. Salvador: UFBA, 2023.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Educ. Pesqui. [online]. 2004, vol.30, n.02, pp.289-300.

MARTINS, Leda. *Afrografias da memória: o reinado do Rosário do Jatobá*. 2.ed. Belo Horizonte: Mazza Edições; São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.

MOUTINHO, Mário. *Arquitetura Popular Portuguesa*. 3 ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

MEDEIROS, Sâmia Thaís Barros Feijó de. Um lugar para chamar de "meu" :estudo sobre relação afetiva com o lugar de moradores da praia de Pipa-RN. 2006. 167 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Sociedade e Qualidade de Vida) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

MEINIG, Donald W. O olhar que observa: dez versões da mesma cena. Revista Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 13, p. 35-46, 2002.

NASCIMENTO, F. B. do, & Scifoni, S. (2010). A paisagem cultural como novo paradigma para a proteção: a experiência do Vale do Ribeira- SP . *Revista CPC*, 10, 29-48.

SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. 35. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2005. 186 p.
COSTA, Keilla Renata. "Antônio Gonçalves da Silva"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilestela.uol.com.br/biografia/patativa-do-assare.htm>. Acesso em 30 de dezembro de 2024.

NEVES, Francisco Paiva das. **Literatura de Cordel** – origens e perspectivas educacionais. 2018.

NORA, Pierre. **Los lugares de memória. Trad.: Laura Masello. Montevideu: Ediciones Trilce, 2008.**

NUPETESPE, Núcleo de Pesquisa e Extensão do Território Sertão Produtivo – s/d. 2024.

OLIVER, Paulo. Direitos autorais da obra literária. P. 30. 2004.

OLIVER, Paul. Built to meet needs: cultural issues in vernacular architecture, 2006.

OLIVER, Paul. *Enciclopédia da Arquitetura Vernacular Mundia* 2003, p. 32.

PAIVA, Alessandra Simões. A virada decolonial na arte brasileira. Bauru, SP: Mireveja, 2022.

PELEGRI, Sandra C. A.; FUNARI, Pedro Paulo A. **O que é patrimônio cultural imaterial.** São Paulo: Brasiliense, 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE DOUTOR SEVERIANO. Disponível em: <<https://doutorseveriano.rn.gov.br/historia-cidade>>. Acesso em: 15 maio. 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE DOUTOR SEVERIANO, 2023.

RAFFESTIN, Claude. La langue comme ressource: pour une analyse économique des langues vernaculaires et véhiculaires. In: **Cahiers de Géographie du Québec**, Vol. 22, no. 56, septembre 1978, p. 90-94.

RHEINGANTZ, P. A. et al. Observando a Qualidade do Lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação. Universidade Federal do Rio de Janeiro/Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Proarq FAU/UFRJ. Rio de Janeiro, 2009.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil.** 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 211.

RIBEIRO, Rafael Winter. Paisagem cultural e patrimônio. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

ROCHA, Dávine. Um passeio pelos sítios. Doutor Severiano-RN. 2023.

ROLLOT, Mathias. Décoloniser l'architecture. Paris: Le Passage Clandestin, 2024.

SANTANNA, M. A obra de Paola Berestein Jacques: estética da ginga. In: *Arquitetura Popular: espaços e Saberes* (UFBA). 2014.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: EDUSP, 2002.

SANOFF, Henry. *Creating Environments for Young Children.* Mansfield, Ohio:

BookMasters, Inc., 1995.

SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (Org.) **território e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1ª ed. São Paulo; Expressão Popular, 2009. p. 88.

SAUER, Carl. **A morfologia da paisagem**. In: **Paisagem, tempo e cultura**. CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). 2. ed. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

SAUER, Carl O. The Morphology of Landscape. In: AGNEW, J.; LIVINGSTONE, D. N.; ROGERS, A. (org.). *Human Geography: An Essential Anthology*. Oxford: Blackwell, 1996 [1925],

SILVA, Jerônimo da S.; AGENOR S. Pacheco. 2015. “Diásporas de encantados na Amazônia Bragantina”.

SILVA, Josivaldo Custódio da. **Pérolas da cantoria de repente em São José do Egito no Vale do Pajeú: memória e produção cultural**. 2011. 463 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

SILVA, Francisco Álisson da. **Entre os entornos e as bordas de uma rua-paisagem: direito à cidade no bairro São Geraldo em Pau dos Ferros/RN**. 2024.

SILVEIRA, João Paulo de Paula; SOFIATI, Flávio Munhoz. *Ecologia e Espiritualidades na Modernidade Tardia: da trivialidade à ética da sustentabilidade*. Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 18, n. 24, jan-jul. 2016.

SOUZA SANTOS, Boaventura. **Descolonizar abrindo a história do presente**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Boitempo, 2022, 128 p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: as afirmações das epistemologias do sul*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Introdução. In: SAQUET, Marcos Aurélio;

SPOSITO, Eliseu Savério. (Org.) **Território e Territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 11-16.

THIOLLENT, M. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. São Paulo: Cortez, 1986.

TOLEDO, Benedito Lima de. São Paulo: **Três cidades em um século**, São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1981, e Toledo, Benedito Lima de. São Paulo: **Três cidades em um século**. 2a ed.

UNESCO. *Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos*. Preâmbulo, 2005.

UNESCO. **“Declaração universal da UNESCO sobre a diversidade cultural**, 2002.

VILLA, S. B. ORNSTEIN, S. W. (Orgs). **Avaliação Pós-Ocupação**. São Paulo: Oficina de Textos, 2018.

VAZ, Maria Diva A. Coelho & ZÁRATE, Maria Heloísa Veloso. *A casa goiana*:

documentação arquitetônica. Goiânia: Ed. da UCG, 2003.

VIEIRA, RS. Crescimento econômico no estado de São Paulo: uma análise ... Kluwer Academic Publishers: Dor- drecht, 1988.

VIGOTSKY, Lev Semyonovich. A formação social da mente: o desenvolvimento social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VILLA, S. B. ORNSTEIN, S. W. (Orgs). Avaliação Pós-Ocupação. São Paulo: Oficina de Textos, 2018.

VITRÚVIO. Tratado de Arquitetura. Tradução de M. Justino Maciel. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WEIMER, Günter. Arquitetura popular brasileira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

YNCH, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

APÊNDICES

APÊNDICE A – CORDEL SOBRE A COMUNIDADE DE PÉ DE SERRA DA

AUTORA PATRICIA LOURENÇO DE BESSA

Esse livro de cordel resgata costumes
De uma comunidade benzedeira da região.
Que continua com essa prática,
Passando de geração em geração.
Um desfecho que tem continuidade,
Descendo de lá e falo com propriedade.
Sou cordelista e benzedeira de coração.

No contexto atual do decolonialismo,
Vivencio essa prática invisibilizada.
Que resiste, pois é importante
E precisa ser estudada.
Na memória da construção e na construção da memória,
Ela sobrevive sendo praticada.

Sentada na sua calçada
Comecei ali a registrar.
Tudo que eu via, ouvia e sabia,
Desse misterioso lugar.
Uma energia diferente,
Que rondava aquela gente,
Com sentido, motivo e sem desgrudar.

As palavras e a fé,
Da boca profetizava.
Da sua janela com galhos de plantas,
A benzedeira rezava.
Mergulhada em orações,
Cheia de convicções,
Uma criança doente ela curava.

Comecei a pesquisar,
E entender a sua história.
Perguntei de onde vinha essa prática,
E como se deu essa trajetória.
Passando de geração para geração,
Esse patrimônio imaterial de devoção.
Sob signo de memória.

Falou sobre os tipos de curas que variam,
Como as rezas de mau olhado.
Reza de dor de dente, dor de cabeça,
E para quem estiver engasgado.
Reza para São Brás
Que com ajuda de Deus ele faz
Você ser curado.

Os costumes diversos que possuem
Quero citar e contextualizar
O modo de vida, práticas e linguagem
Das pessoas desse lugar
Das desbulhas, bocas de noite e das caieiras,
Dos artistas locais e das parteiras,
Do rezar, cantar e recitar.

Você sabe o que é boca de noite,
Quero agora lhe perguntar,
Já sentou na sua calçada,
E com amigos começou a conversar.
É só uma expressão diferente
Usada por essa gente
No seu modo de falar.

As desbulhas eram animadas,
Dentro das casas dos moradores,
Descaroçavam a palhoça,
Tirando a porcentagem dos senhores,
Era principalmente para sobrevivência.
Mas, aquela simples vivência.
Também dava lucro para mercados.

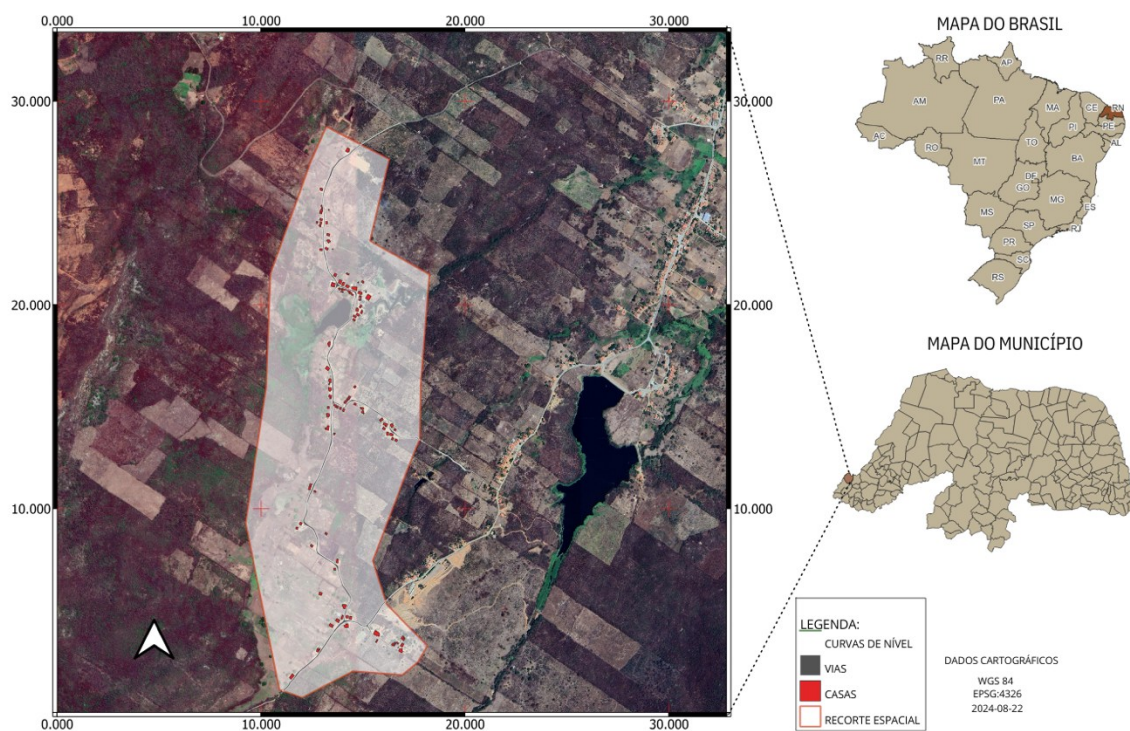
Para construir muitas casas
Foram feitas caieiras.
Era um processo de dia e de noite
Feito de várias maneiras.
O barro no formato de tijolo moldado Empilhados eram queimados
Para a construção das casas das benzedadeiras.

O povo que mora lá
Foi e é hospitaleiro.
Mesmo com dificuldades,
Mostraram- se ser guerreiros.
Construíram até capela,
Fazendo ser muito bela
A festa de padroeiro.

As suas paisagens verdejantes,
E sua rica vegetação.
Fazem da agricultura
A principal atividade de produção.
Além da manufatura
Que faz parte da sua cultura
Gerava renda para a população.

A comunidade de Pé de Serra
Sabe contar história.
Tem uma cultura rica,
Que não é apenas memória.
Vivencia a poesia do lugar,
No rezar, cantar e recitar,
Através da oratória.

**APÊNDICE B – VETORIZAÇÃO DA COMUNIDADE PARA OS ESTUDOS INICIAIS
DE MAPAS QUE REPRESENTARÃO TEMÁTICAS DIFERENTES DO CONTEXTO
HISTÓRICO E CULTURAL DO TERRITÓRIO DE PÉ DE SERRA**



Fonte: Acervo pessoal (2024)

APÊNDICE C– RECORTE ESPACIAL DE PÉ DE SERRA E MEREJO



Fonte: Acervo pessoal (2024)

APÊNDICE D – Quadro resumo com os procedimentos metodológicos “iniciais”

Objetivo	Como aplicar o método proposto?
Entender a cultura, presente na formação da poética do território da comunidade de Pé de Serra, considerando o “povo” e sua percepção de “lugar” que passa de geração para geração.	Essas ações podem incluir inspeções físicas, respectivamente da localidade, e a relação corpo e espaço, com base também nos registros de fotos desses patrimônios imateriais, além da observação e documentários, outro instrumento de coleta de dados, nessa pesquisa qualitativa é a análise de materiais ou análise documental.
Processo de rememoração, ou seja, a memória resgatada pelos moradores de Pé de Serra, pode ser compreendida, tal qual Bosi (1995) a define: “perante o processo de rememoração esse ato exige daquele que recorda um refazer, uma recuperação do passado a partir do que foi vivido, até o momento presente”.	“Principais métodos para levantamento de dados: observações, fotografias, e até levantamentos físicos. O que pode variar são as técnicas adotadas para aplicação dos diferentes métodos” (Lay, Reis, 2005 apud Villa et al, 2018).
Estudar a ecologia dos saberes e memória das benzedadeiras, cordelistas e repentistas da comunidade de Pé de Serra e sua repercussão na produção do território.	Esse dado será realizado mediante o uso de mapas temáticos exemplares desenhados em softwares específicos.
Fornecer por meio deste documento o conhecimento científico necessário, para que os moradores de Pé de Serra, tenham além do conhecimento popular que já possuem, um referencial teórico, a fim de que consigam registrar sua história na literatura brasileira.	Através de um projeto de monografia, apresentar o material existente, ou seja, o referencial teórico nesse tema, de acordo com a pesquisa bibliográfica (Lakatos, 2010).

Fonte: Acervo pessoal (2024)

APÊNDICE E– Quadro resumo do referencial teórico

REFERENCIAL TEÓRICO	
AUTORES	CONTEÚDO
Milton Santos (2002-2007) e Sposito, (2009), Saquet e Sposito (2009), Haesbaert (2017) e Ailton Krenak (2019).	Comentam sobre territórios, lugares, paisagens e memórias dos povos subalternizados.
Kevin Lynch (1960), Vicente del Rio (1990) e Gordon Cullen (1961).	Fornecem o embasamento técnico para a realização de mapas temáticos que também seguem uma metodologia cartográfica com foco principal na representação.
Boa Ventura de Santos (2022), Peter Burke (1992), Éclea Bosi (2003), Goulart (2017), Cunha Filho (2006), Ferreira (2010), Brasil (1988), Le Goff (2003), Arraes (2017; 2022; 2024), Rafael Winter (2007) e Lima Toledo (2004).	Refletem sobre o significado de cultura e da ecologia dos saberes na construção da memória e história, aspectos que moldam o modo de vida individual, paisagem e arquitetura da comunidade.

Fonte: Acervo pessoal (2024)

**APÊNDICE F – ARTE VISUAL DO TRABALHO, XILOGRAVURA DE AUTOR
DESCONHECIDO, ADAPTADA POR JANAÍNA SILVA**



APÊNDICE G – ARTE VISUAL DO TRABALHO, XILOGRAVURA DA ARTISTA
MICAELENSE GABRIELA ZANOM

